

A Defesa Nacional



ABRIL
1952

NÚMERO
453

General JUAREZ DO NASCIMENTO F. TAVORA, Diretor-Presidente.
General ANTONIO DE CASTRO NASCIMENTO, Diretor-Gerente.
Coronel ADALARDO FIALHO, Diretor-Secretário.

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano XXXIX	BRASIL — RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1952	N. 452
-----------	--	--------

SUMÁRIO

	Págs.
Editorial.....	3
ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL	
Notas sobre os exercícios de tiro antiaéreo — Tradução do Major Felipe Wiedemann.....	5
O Grupamento Tático blindado — Major Alvaro Cardoso.....	9
Oleodutos militares — Major Samuel A.A. Corrêa.....	25
A Engenharia em operações táticas — Tradução do Major Floriano Möller..	31
O combate supersônico — Tradução do Major Cesar Neves.....	45
As informações nas unidades de Infantaria — Tradução do Major Waldir dos Santos Lima.....	49
Poder aéreo — Tradução do Capitão Luiz Vitor D'Arinos Silva.....	53
Serviço especial — Capitão Salli Szajnterber.....	63

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

Curso de Iniciação ao Serviço Social (Continuação) — Professor Amaral Fontoura.....	69
O conceito de segurança e o problema comunista — Coronel João Punaro Bley.....	73
Reflexões sobre a formação cultural do oficial (Continuação) — Major Gerardo Lemos do Amaral.....	83

GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR

A via férrea Rio de Janeiro-Cidade do Salvador — Engenheiro Flavio Vieira	87
Significação da vitória aliada na África — General Felício Lima.....	93
Perfil do General Patton — Tenente-Coronel Paulo Enéas F. da Silva.....	97
Evolução das nossas fronteiras — II — Capitão Luiz Alberto de Freitas.....	101

DIVERSOS

Relatório e Parecer da Diretoria da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional", relativos ao ano de 1951.....	105
Recepção de Aspirantes nas unidades — Redação.....	111
Ainda "Problemas do Brasil" — Eletricidade — Coronel Adalardo Fialho....	113
A Conferência de S. Mauricio — Padre J. Busato.....	121
Camaradagem e Solidariedade — Capitão Cicero Imbuzeiro.....	123
Perspectivas econômicas do Brasil.....	127
NOTICIÁRIO DE INTERESSE MILITAR.....	129
ATOS OFICIAIS.....	133



MÊS DE ABRIL, em que se comemora o sacrifício do proto-mártir da Independência, é propício para se meditar sobre o fortalecimento da Nação e particularmente de suas Forças Armadas, único meio, nestes dias turbulentos, de garantir a soberania e a integridade da Pátria. Ora, se contemplarmos o que aí está não podemos nos sentir tranquilos. A nossa Marinha padece da falta de navios. A Aeronáutica, que já foi a primeira da América do Sul, está hoje relegada para plano secundário. Outros países nos passaram à frente, inclusive na posse de aviões a jato e outros meios eficientes do combate aéreo. E é forçoso reconhecer que o Exército não leva a palma às suas co-irmãs, desparelhado, como está, quanto a materiais essenciais. Citamos apenas dois, para exemplo: o material de comunicações, indispensável ao elemento comando, desde os mais altos até os mais baixos escalões da tropa e o material moto-mecanizado, rodas e potência do próprio Exército.

É verdade que o ano de 1951 foi um ano de recuperação financeira, como o disse o Presidente da República, em sua recente mensagem ao Congresso, vendo-se o Governo na contingência de limitar as verbas orçamentárias ao estritamente indispensável à manutenção do ritmo de trabalho no Exército. Mas não é menos verdade, como disse ainda o Chefe da Nação, que: "Estão surgindo, nos horizontes internacionais, focos de agitação e conflitos que, embora rotulados de movimentos de libertação

nacional, são, de fato, comumente inspirados ou aproveitados por designios alienígenas de subversão universal, que ameaçam, a cada instante, conflagrar o mundo".

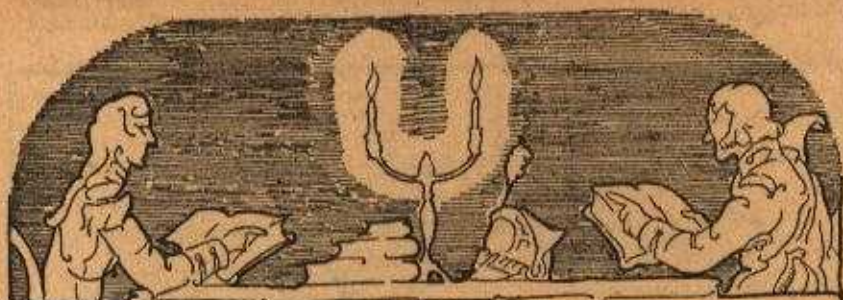
"Diante de tal realidade, não podemos e nem devemos diminuir sequer os trabalhos capazes de nos colocar em condições de defender a nossa Pátria e de participar, eventualmente, de ações militares em defesa do Continente, de acôrdo com os compromissos assumidos."

À vista do exposto, não é senão com sentimento de justificado júbilo que registramos a assinatura do recente acôrdo militar entre o Brasil e os Estados Unidos e que vem concretizar a firme determinação do governo, expressa acima, de fortalecer as Forças Armadas do país. Esse acôrdo, que não é mais que um desenvolvimento dos princípios constantes do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tratado do Rio de Janeiro), envolve auxílio mútuo entre os dois países, e, embora dependa ainda de ratificação pelo Congresso Nacional, não temos dúvida em que será aprovado, em face da conjuntura internacional e tendo-se em vista os interesses recíprocos nêles configurados.

Textualmente, o art. 1º, assinala que "os dois governos proporcionarão um ao outro equipamentos, materiais, serviços ou outra espécie de assistência militar compatível com a carta das Nações Unidas e desde que vise a promover a defesa do Hemisfério Ocidental".

De lá virão armamentos e equipamentos de toda a espécie. Daqui irão, provavelmente, materiais essenciais e estratégicos, tais como minérios de ferro, manganês, quartzo e talvez areias monazíticas, relacionadas com a produção atômica. É a política de mútua colaboração e assistência recíproca em pleno funcionamento. Seja como for, cabe-nos registrar aqui o vasto campo que se abre, em boa hora, ao nosso Exército, para a renovação do seu obsoleto material. Nossos oficiais estão perfeitamente em condições de operar os mais recentes armamentos, pois muitos deles têm feito estágios, ultimamente, no Exército americano e nossas Escolas conhecem os métodos e os modernos equipamentos americanos, dos quais possuem modelos.

O reaparelhamento do Exército, que se faz urgente, juntamente com o dos demais ramos das Forças Armadas, fortalecerá o Brasil e permitir-lhe-á assumir a responsabilidade que lhe cabe, de direito, pela sua posição geo-estratégica e pela sua importância econômica e demográfica, na defesa e salvaguarda do setor sul-atlântico de nosso Continente



CULTURA PROFISSIONAL

NOTAS SOBRE OS EXERCÍCIOS DE TIRO ANTIAÉREO

Coronel MILAN G. WEBER (Publicado pela
Revista Militar Argentina) — Tradução do
Major FELIPPE SILVA WIEDEMANN



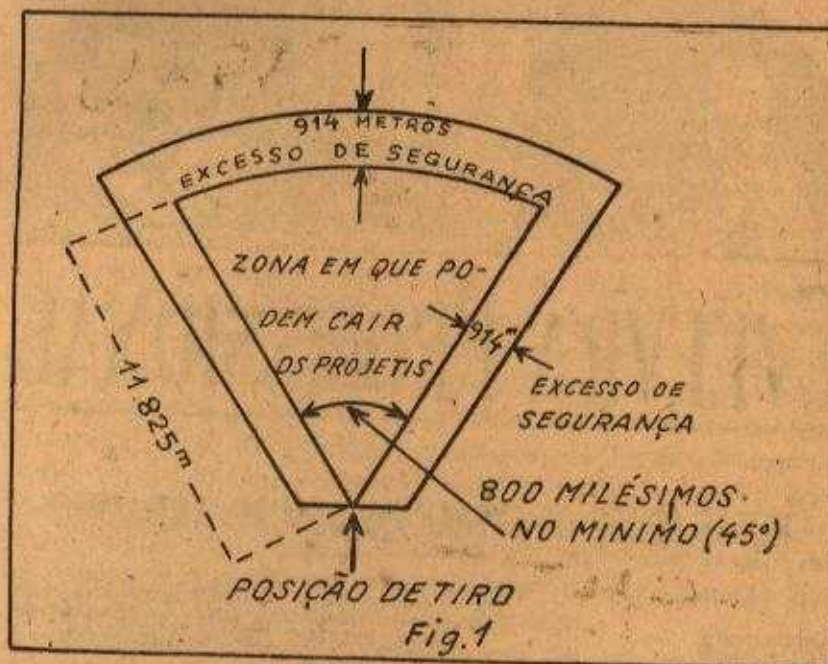
MUITAS perguntas me foram formuladas por distintos oficiais, individualmente, a respeito da prática do tiro ao alvo nas Unidades AA do Exército norte-americano. Considero que o tema oferece suficiente interesse geral para justificar a publicação das diversas fases dessas práticas nesta Revista. Por isso, na presente edição, começarei por fazer referências às medidas de proteção e segurança para a população que adotamos antes e durante a execução do tiro ao alvo.

LIMITAÇÃO DA ZONA PERIGOSA

Os primeiros passos, para se conseguir a segurança, são dados com semanas e, às vezes, com meses de antecipação ao disparo do primeiro tiro. Como primeira providência, determinamos a zona do terreno ou do mar sobre a qual desejamos executar e praticar o tiro. Desenhemos os contornos desta zona sobre um mapa (o tamanho da zona escolhida dependerá, princi-

palmente, das distâncias a que será realizado o tiro, como também da velocidade do avião-reboque). É conveniente que cada Bateria possa atirar durante 20 segundos, em cada voo. A duração desse tiro é, aproximadamente, igual ao que é realizado contra um bombardeiro normal do inimigo. Comprovamos, pela experiência, que é bem conveniente um setor de 800 milésimos. Depois, ampliamos esta zona em 914 metros para cada lado, por motivos de segurança. É considerado perigoso para os seres humanos e animais o interior dessa zona assim delimitada. (Fig. 1).

Ao se projetar um campo de tiro AA, torna-se necessário efetuar previamente um estudo, bem cuidadoso, do alcance máximo do material que vai ser empregado. Tomemos, por exemplo, um canhão antiaéreo de 90 mm. Devido às limitações da espoleta, quase nunca pensamos em executar tiros AA a uma distância maior do que de 11.882 metros. Todavia, se o soldado que tiver a seu cargo a graduação de espoletas deixar de gra-



duá-las (o que pode muito bem ocorrer, talvez, devido ao entusiasmo do tiro), esse projétil irá muito mais longe. A tabela de tiro nos dá, para alcance máximo, uns 17.877 metros.

Deve ser lembrado, no entanto, que este alcance é exato somente nas condições normais estabelecidas nas tabelas de tiro. É perfeitamente possível um alcance além de 20.500 metros, se existir uma grande diminuição na densidade do ar e ventos fortes a favor.

Da mesma maneira, o desvio pode exceder de 457 metros, quando a peça atirar com a sua maior alça. Isto significa que a linha perigosa sobre o contorno deverá ser cuidadosamente desenhada. O fator de segurança de 914 metros, naturalmente, deverá ser adicionado às dimensões da zona em que é de se esperar a queda dos projéteis.

O alcance máximo é obtido com uma elevação de 813 milésimos. Esta elevação se aproxima consideravelmente da elevação média utilizada no tiro AA. Torna-se evidente, por esta razão, que qualquer

projétil que não arrebeite ou que tenha sido atirado sem ter sua espolleta graduada, cairá dentro dos limites extremos, o que justificará plenamente a necessidade de ser feito com o maior cuidado o traçado inicial das zonas perigosas e o cálculo dos limites de segurança.

MANTER A POPULAÇÃO FORA DA ZONA PERIGOSA

Após terem sido traçados os contornos das zonas perigosas, a fase seguinte do problema consistirá em manter os habitantes e o gado fora da dita zona. Não me ocuparei *in extenso* desta fase, devido a que as medidas a serem tomadas serem idênticas às de qualquer outro tipo de tiro; vejamos:

a) Publicidade antecipada das datas, horas e locais em que se executarão os exercícios de tiro, inclusive com uma descrição detalhada das zonas perigosas.

b) Reconhecimento da zona antes de serem iniciados os exercícios de tiro, para certificar-se de

que não existem pessoas, nem gado, na mesma.

c) Estabelecimento de sentinelas e postos de guardas nos campos de tiro, para serem vigiados todos os acessos normais que venham dar na zona perigosa.

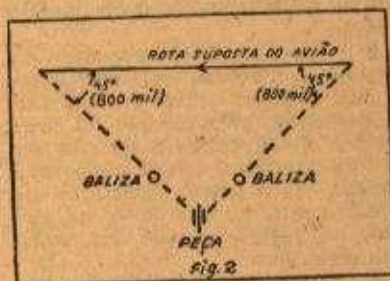
d) Instrução cuidadosa aos postos e sentinelas do campo de tiro.

e) Instalação de redes telefônicas desde a posição de tiro até cada sentinela e posto do campo de tiro.

f) Fiscalização do funcionamento normal das ligações com sentinelas e postos de segurança no campo de tiro.

TRAÇADO DAS ROTAS DE VÔO

Uma ou duas semanas antes dos exercícios de tiro, faremos entendimentos com os pilotos que conduzirão os alvos. Durante esses entendimentos, traçar-se-ão, num mapa, as rotas de vôo que terão de ser seguidas. (Fig. 2).



Ao se proceder à seleção destas rotas, são levados em consideração os pontos sobre o terreno que possam ser facilmente distinguidos pelo piloto da altitude em que voo. É muito mais fácil para o piloto voar diretamente sobre um determinado ponto que esteja perfeitamente definido do que calcular uma rota.

As rotas de vôo, geralmente, deverão ser paralelas à linha das peças e correspondente à alça média.

Durante esses entendimentos, deverão ser combinados com o piloto os códigos de sinalização com painéis e rádio que serão usados durante os exercícios de tiro, de modo a ser estabelecido um entendimento perfeito.

MEDIDAS PRELIMINARES NA POSIÇÃO DE TIRO

(na linha de fogo)

Na posição de tiro serão tomadas medidas para:

a) Receber informações telefônicas das sentinelas e postos do campo de tiro.

b) Colocar balizas para indicar aos oficiais de segurança, de cada peça, quando o ângulo peça-alvo-avião for maior de 45° . Essas balizas estão colocadas sobre a linha que forma um ângulo de 45° com a suposta direção do alvo.

Nota — É uma obrigação do Chefe do serviço de segurança assegurar-se de que o avião voo na direção correta.

c) Organizar a fiscalização da altura de vôo com pessoal não pertencente à bateria que executa o tiro, que terá a seu cargo a missão de fixar os pontos da trajetória descrita pelo avião e traçar a projeção horizontal da referida trajetória sobre o papel. Com isto se consegue dois objetivos. Primeiro, depois de várias locações, o oficial de segurança se certifica que a rota é, aproximadamente, paralela à da linha das peças. Em segundo lugar, pode-se ver, com um simples olhar, se o piloto está ou não, razoavelmente, voando junto da rota desejada.

d) Tomar a medida da projeção horizontal do cabo reboque. Esta projeção é, geralmente, muito mais curta que o cabo de reboque verdadeiro, devido ao peso do cabo e da biruta. Esta medida pode ser feita de várias maneiras mediante o localizador, o binóculo do Cmt. da Bia. ou o altímetro, ou por uma combinação desses processos.

e) Organizar a instrução dos oficiais de segurança, atrás de cada peça, de forma que conheçam perfeitamente as suas missões. Estas consistem, essencialmente, em assegurar que as peças não estejam apontadas, em demasia, na frente da aeronave, queremos dizer, com um avanço maior do que o justificado pela velocidade da mesma e da duração de trajeto do projétil.

SINOPSE

Fazendo-se uma recapitulação parcial do que precedeu, eis o que ocorre em um exercício de tiro AA bem organizado, relativamente às medidas de segurança:

a) O Chefe do serviço de segurança (geralmente um Tenente-Coronel ou Major) faz soar uma sireia. O som desta significa que está comprovado e correto o seguinte:

1. O alvo está dentro da zona do tiro.

2. O avião está voando segundo uma rota aproximadamente paralela à linha das peças.

3. Recebeu-se informação das sentinelas do campo de tiro e, ao seu parecer, não existem pessoas nem gado na zona perigosa.

4. Nenhum avião, além do avião-reboque, está na zona perigosa nem está voando segundo uma rota que o levaria à zona perigosa antes de terminar o exercício de tiro.

5. O avião-reboque está voando a uma distância suficiente, para que se possa considerá-lo em segurança, durante um razoável espaço de tempo. (Isto não constitui, inteiramente, uma medida de segurança. Faz-se para assegurar à bateria um tempo de duração razoável para atirar sobre o alvo, antes de ser dada a ordem de "Cessar fogo!". Deve ser lembrado que cada bateria está atirando competindo com as outras).

b) O oficial de segurança da peça (geralmente um Tenente ou Subtenente), atrás de cada canhão, levanta a sua bandeirola. Isto significa que, pelo que diz respeito à sua peça, ocorre o seguinte:

1. O alvo está entre a sua peça e a baliza de 45° que, também, pertence à sua peça.

2. Sua peça não está apontada adiante do avião-reboque, ou, se está apontado diante dele, esta antecipação está dentro da autorizada pelo Chefe de serviço de segurança, levando-se em conta a velocidade real e média da aeronave.

c) O oficial encarregado da segurança da Bateria, geralmente um Capitão, levanta a sua bandeirola. Isto significa que os quatro oficiais encarregados da segurança das peças têm as suas bandeirolas levantadas e que desconhecem qualquer razão que se possa opor ao fogo da bateria.

GENERALIDADES

Desejaria destacar algumas coisas que poderiam ser úteis para a prática do tiro ao alvo.

1°. Creio que se deve insistir junto ao pessoal designado para desempenhar uma função de segurança que não deve se deixar tentar pelo desejo de observar o tiro, se isto o impedir de cumprir aquela função.

2°. Os oficiais encarregados da segurança deverão ser completamente independentes dos oficiais responsáveis pela direção do tiro. Sugiro a conveniência de não ser pedida jamais a um homem uma função que possa interferir no cumprimento de seu dever no serviço de segurança que lhe tenha sido designado.

3°. As instruções dadas a cada uma das pessoas encarregadas da segurança serão claras e sucintas e sempre por escrito.

4°. Chamo atenção sobre a conveniência de adotar uma norma que existe no Exército norte-americano e que salvou muitas vidas. Estabelece que qualquer militar que observe um detalhe que possa converter em perigoso o tiro ao alvo, deverá dar imediatamente a ordem de "Cessar fogo!".



O GRUPAMENTO TÁTICO BLINDADO

Major ALVARO CARDOSO

I

GENERALIDADES

O Grupamento Tático Blindado é uma combinação de forças Blindadas que a Divisão Blindada organiza temporariamente, para atender a uma dada operação, guardando a possibilidade de, quando preciso, apoiá-lo, aumentá-lo, reduzi-lo e mesmo suprimi-lo, fazendo reverter ao controle divisionário os seus elementos constituintes.

Cada elemento componente deve ser empregado na exata proporção exigida para o cumprimento da missão, explorando ao máximo as suas possibilidades mais características e complementando as limitações dos demais, a fim de que haja esforço coordenado para a conquista do objetivo fundamental, logrando-se o sucesso pela ação harmônica do conjunto.

Normalmente, é organizado em torno de uma unidade que a situação indica como a mais apropriada; sua composição é função da melhor combinação possível de elementos necessários à execução de determinada ação.

Levando-se em conta que os elementos são indicados pelas exigências e condições da situação, é de se aceitar como justa a idéia de que o conjunto somente possa ser constituído frente a u'a missão já perfeitamente definida; daí a grande flexibilidade que tem o escalão divisionário, combinando formas as mais variadas e adequadas, entre suas unidades orgânicas ou de reforço, para a criação de seus grupamentos.

Tal concepção, em menor proporção, tem inteiro cabimento em se tratando do próprio Grupamento Tático Blindado; para o cumprimento de u'a missão imposta, o GT tem possibilidades de subdividir-se em subgrupamentos cuja composição tem as mesmas oportunidades de variações.

É, também, perfeitamente aceitável que, havendo, nas modernas organizações divisionárias, elementos de comando já estabelecidos e com suficiente capacidade de enquadramento, tenha o comando da DB a sua preocupação bastante aliviada relativamente à condução dos mais importantes meios grupados.

Tais comandos, orgânicos na DB, permitem a combinação de elevado número de ações, além de manter em reserva outros, capazes de tomar, a seu cargo, a preparação de ações futuras ou a direção de novas operações; isso porque as unidades orgânicas possuem também órgãos de comando suficientes para a realização e quaisquer enquadramentos, o que amplia a variedade de combinações para os elementos da DB.

Antes de passarmos à apreciação das características e emprego do Grupamento Tático Blindado, achamos conveniente fazer uma rápida lembrança sobre o aparecimento dessa formação como força de aplicação tática no desenrolar do combate.

Como "grupamento", nada mais é que um corolário dos "grupamentos táticos" que as Grandes Unidades tiveram de lançar mão, no decorrer da 2ª Grande Guerra, como solução satisfatória para

atenderem à surpreendente rapidez dos acontecimentos táticos, inicialmente apresentados através da "guerra relâmpago".

A aviação, os Carros de Combate e os transportes motorizados caracterizaram uma guerra de aceleração e desagregamento na qual as DI tiveram que se readaptar para resistirem e acompanhar os efeitos do moderno equipamento.

A repartição deliberada dos seus elementos, combinando e complementando-se em "grupamentos", capazes de terem sob sua responsabilidade a condução de ações descentralizadas, deu origem às formações que permitiram amortecer os efeitos dissociadores dos meios modernos de combate, bem como aproveitar ao máximo, através da surpresa, a sua principal característica — a mobilidade.

Os grupamentos táticos surgiram como formações de combate; a sua composição, variável com a missão, situação, natureza do terreno, inimigo e meios disponíveis, teve, desde logo, a flexibilidade como principal característica; fácil e rapidamente fracionam-se ou reúnem-se para menores ou maiores grupamentos.

Em 1917, com o aparecimento do engenho blindado como meio de combate em apoio à Infantaria, o combinado Infantaria-Carro impôs-se, desde logo, como solução mais acertada para as dificuldades correntes do combate; foi, entretanto, preciso que algum tempo tivesse decorrido para que mais adiante tivesse lugar o lançamento apropriado de uma racional combinação para judicioso emprêgo desses elementos fundamentais na guerra de hoje.

O confugado não teve oportunidades; somente depois de iniciada a 2ª grande guerra, aperfeiçoou-se o trabalho em equipe.

Na fase evolutiva das Grandes Unidades Blindadas, imperou, inicialmente, o conceito da "blindagem total"; os partidários de tal idéia consideravam que a parte principal e mais importante dos Exércitos devia tomar a forma de uma força totalmente blindada, ca-

paz de penetrar as posições inimigas e destruir tropas e organizações; tal força devia consistir, principalmente, em Carros de Combate; a cooperação com outras Armas era assunto de menos consideração e importância...

Os alemães, frente a esse conceito, não se mostraram otimistas; dispoñdo de numerosas forças blindadas, equipadas, em maior proporção, com Carros de Combate Leves, comprovaram, ao contrário, que a cooperação de todas as Armas era necessária, em cada fase do combate.

Na tática empregada na França, em 1940, com a integral exploração das características da Arma Blindada, lançada na vanguarda para utilização de todas as suas possibilidades, nunca foi posta em dúvida a conveniência da fazer seguir os Carros de Combate por forças de Infantaria e Artilharia em caminhões destinadas a apoiá-los; a cooperação estreita entre todas as Armas foi tese sustentada.

Entretanto, o sucesso espetacular das ações blindadas, paradoxalmente, concorreu até certo ponto, para que passassem a subestimar, em parte, o valor dessa íntima cooperação; apenas quando, mais tarde, enfrentaram as dificuldades de ações e reações estabelecidas igualmente à base do moderno equipamento e melhor doutrina foi que, definitivamente, se integraram na correta aplicação.

No desenrolar da 1ª Batalha da Líbia, apesar dos ingleses apresentarem dois tipos de formações Blindadas, um para os pesados ataques da Infantaria e outro para realizar o papel anteriormente reservado à Cavalaria, organizações consideradas então acertadas, ficou claramente positivada a importância da cooperação de todas as Armas em cada etapa da campanha.

Entre os ensinamentos colhidos nessa fase, concluiu-se que, nos terrenos muito liyres, como o deserto ocidental, fazia-se necessário elevado efetivo em elementos Blindados e reduzido efetivo em elementos de Infantaria, ao contrário do que ocorria em terrenos aciden-

tados; mais que a disparidade de armamento dos Carros de Combate adversários impunha estreita cooperação entre os Carros de Combate e a Artilharia.

Em 1942, na 2ª Batalha da Líbia, o conceito "blindagem total" estava inteiramente liquidado; era essencial a cooperação entre todas as Armas; significou isso maior introdução de forças de apoio na organização das Divisões Blindadas.

Para as organizações alemãs, a cooperação fez-se obrigatória na campanha da Rússia; os elementos Blindados e de apoio foram reunidos numa só Grande Unidade e, assim, ao invés de serem Divisões Blindadas e Motorizadas, avançando uma após outra, criando dificuldades à cooperação forçada, surgiam duas Divisões, uma ao lado da outra e ambas dispostas em profundidade.

Reorganizadas as Divisões Blindadas de maneira a permitirem estreita, perfeita e contínua conjugação entre os diferentes elementos de choque e apoio, as características de seu emprego e as solicitações de ordem tática fizeram com que as unidades constituintes constantemente se combinassem uma às outras para cumprimento das missões atribuídas a essas GU.

Em síntese, a Divisão Blindada se caracterizou, na organização e emprego, como a mais alta expressão de "Grupamento Blindado" que permite, rápida e progressivamente, a conquista e a manutenção de importantes objetivos táticos e estratégicos.

É natural, pois, que os Grupamentos Táticos dela oriundos tenham semelhantes características e sejam lançados de modo a observarem os mesmos princípios que no combate orientam as suas ações, os quais, são, também, peculiares a cada um dos elementos constitutivos.

A designação de unidades para a constituição dos GT Blds é baseada no estado material e moral desses meios, bem como no estudo da situação, feito para a missão atribuída ao escalão superior.

A potência e rapidez dos GT Blds são essencialmente resultantes da forte dotação em Carros; no entanto, é geralmente aconselhável organizá-los com maior dotação de Infantaria Blindada, quando ocorrerem as circunstâncias seguintes: terreno bem organizado ou fortificado, terreno desfavorável e forte defesa anticarro.

Dentro de cada GT Bld as unidades são reunidas em subgrupos de Armas, composto de Carros e Infantaria Blindada, apoiados por Artilharia; esses subgrupos podem ser chamados Destacamentos e de todas as combinações possíveis, nada mais resultam que verdadeiros batalhões reforçados, denominação mais expressiva.

A preponderância de CC ou IB em um subgrupamento obedece aos princípios estabelecidos para a combinação desses elementos.

Quanto à Art., Grupos podem ser postos à disposição ou em apoio direto aos GT Blds; quando a AD/DB não puder assegurar fogos maciços em apoio, um ou mais grupos são postos à disposição dos GT; excepcionalmente, a Artilharia passa, no GT Bld, à disposição de um subgrupamento.

Elementos de Reconhecimento, AAAe, Engenharia e Serviços, de conformidade com a situação e disponibilidade da Divisão Blindada, apoiarão os GT Blds; o escalão superior atribuirá, aos Grupamentos, aqueles elementos em reforço, desde que haja dificuldade ou impossibilidade de apoio.

Resumidamente, verificamos que: "De início, a Infantaria Blindada era empregada, principalmente, para seguir o ataque e assegurar a posse do terreno conquistado pelos Carros. Não havia estreita coordenação entre os Carros e a Infantaria; operavam mais ou menos independentes. A experiência e as necessidades comuns originaram a força combinada Infantaria-Carros, na qual cada arma supre as fraquezas da outra. Durante a guerra, foi esta maneira de agir largamente praticada, tornando-se mesmo ge-

ral. Constituíram-se forças de efetivos variáveis, desde o escalão Batalhão até o Pelotão e mesmo menores; no ataque, ora os Carros precediam, ora a Infantaria, tudo conforme a natureza do terreno e a ação oposta pelo inimigo; para as diferentes missões, a combinação exigiu sempre treinamento particular. Destarte, no âmbito da Divisão Blindada, são constituídos Grupamentos compreendendo Carros, Infantaria, Artilharia, Engenharia e Cavalaria, apoiados pelos Serviços; com a cooperação da Força Aérea, cada um deles é capaz de realizar ações violentas e decisivas, síntese do potencial de choque característico da Divisão Blindada. A velocidade, a capacidade manobreira e a potência de fogo ficam, assim, combinadas e exploradas ao máximo para, aliadas à surpresa, aumentar o poder de choque".

II

CARACTERÍSTICAS

As possibilidades e as limitações que caracterizam o Grupamento Tático Blindado são, como não podiam deixar de ser, as mesmas inerentes às Unidades Blindadas.

Levando-se em consideração ser a composição do Grupamento função, principalmente, da melhor combinação possível de elementos, para a execução de determinada missão, surge a Capacidade de Enquadramento como possibilidade característica fundamental em sua constituição.

Qualquer organização proporciona, no âmbito do Grupamento Tático Blindado, apreciável capacidade de enquadramento. Quer numa composição à base de comando orgânico de Divisão Blindada, quer mesmo de comando da ordem de Batalhão, a riqueza em meios de comunicações, particularmente o rádio (cada Carro de Combate é uma estação rádio), bem como a facilidade em órgãos de comando em todas unidades, possibilitam o funcionamento do Comando de modo compatível com qualquer

situação, daí estar o GT Bld, normalmente, em condições de, facilmente, combinar várias ações.

Em cada Grupamento, são as unidades reunidas em subgrupamentos de armas, compostos de Carros, Infantaria blindada e apoiados por Artilharia blindada.

Esses subgrupamentos, verdadeiros Destacamentos Blindados, podem ser simplesmente chamados "Batalhões reforçados"; são formados quase sempre pela adição de Cias de Infantaria Blindada aos Batalhões de Carros de Combate, ou de Cias de Carros de Combate aos Batalhões de Infantaria Blindada; muitas vezes, entretanto, os subgrupamentos são organizados mais fracamente, compreendendo, por exemplo: 1 Esq Rec e 1 Cia CC ou 1 Cia de Infantaria Blindada e 1 Pel CC.

A preponderância em Carros de Combate ou Infantaria, nos Grupamentos, obedece aos mesmos princípios gerais estabelecidos para a organização dos Grupamentos Táticos; na maioria dos casos, uma tropa suficiente de Engenharia deve ser dada aos subgrupamentos, para realização dos trabalhos técnicos previstos; será dada em apoio ou em reforço.

A tática da DB tem por base a potência de fogo e a mobilidade dos Carros de Combate.

O emprêgo dos Carros de Combate requer o apoio da Infantaria para protegê-los contra os engenhos AC e para as operações de limpeza e ocupação; não poderia isso deixar de ser a própria tática dos GT Blds, pois se baseia na ação dos BCC e Cias CC.

Tais unidades não podem dispensar o apoio dos BIB ou Cias de Infantaria Blindada; como consequência, os grupamentos, assim como a DB, inevitavelmente fracionar-se-ão.

Dispondo da grande facilidade de agrupar de modo adequado, equilibradamente ou não, as diferentes unidades que os constituem, os Grupamentos Táticos Blindados, põem em destaque as propriedades de mais uma característica essen-

cial em sua organização, a Flexibilidade.

É uma possibilidade indispensável à constituição de um Grupamento Blindado; depois de lançado, as situações podem continuamente mudar, fugindo muitas vezes às previsões mais cuidadosas; as organizações fixas e rígidas, tornam-se, por isso, perigosas para a tática dos Blindados.

A rigidez, orientando a formação dos Grupamentos, somente poderia contrariar as necessidades de ordem tática, admitidas como básicas ao fracionamento da Divisão Blindada.

A composição dos Grupamentos Blindados deve ser extremamente simples e flexível, sem nenhum caráter de permanência ou mesmo semi-permanência; as experiências deixaram bem patenteado que toda primitiva rigidez no fracionamento da Divisão Blindada foi, paulatinamente, amortecida diante das variadíssimas situações que se apresentaram na realidade dos combates.

As unidades fundamentais da DB, os BCC e os BIB, organizados em quatro subunidades, permitem e garantem aos GT Bls extraordinária flexibilidade na formação dos combinados Infantaria-Carros.

Na formação de um Grupamento Tático-Blindado, o princípio de Economia de Forças deve ser corretamente observado; os diferentes elementos serão dosados e reunidos na medida do estritamente necessário à execução de u'a missão apropriada.

A observância desse princípio terá reflexo no próprio fracionamento do Grupamento em subgrupos, Destacamentos ou Batalhões reforçados e, de tal modo tem a aplicação que constitui uma verdadeira característica.

As formações resultantes do fracionamento de um Grupamento Blindado são estabelecidas de modo a atenderem às solicitações mínimas exigidas em cada oportunidade; isso tem boas condições para realização, justamente, pela Flexibilidade, característica que permite

grandes possibilidades de combinações, em um mesmo Grupamento.

E assim, antes de passarmos à apreciação mais particular das possibilidades e limitações apropriadas aos elementos Blindados e que, por conseguinte, também caracterizam o Grupamento Tático Blindado, deixamos salientadas, como síntese dessas características, a Capacidade de Enquadramento, a Flexibilidade e a Economia de Forças, condições primordiais à condução e organização da reunião dos diversos elementos de uma Divisão Blindada em Grupamentos Táticos e desses em subgrupos.

As possibilidades características num Grupamento Blindado são: a Mobilidade, a Potência de Fogo e a Blindagem condensadas, na Ação de Choque, especifica a todas unidades Blindadas.

Trata-se de uma formação de combate extremamente móvel, de grande poder de fogo protegido e de potência de choque decisiva.

Obtém os propósitos de sua missão por meio de uma extraordinária aptidão manobreira, resultante da velocidade que rendem os veículos blindados e a capacidade de progredir fora das estradas.

Dependendo da velocidade, é de se ressaltar que o rendimento horário de 20 km sobre boas estradas poderá ser aumentado, em se tratando de Grupamentos de composição reduzida.

Num Grupamento Blindado, a Mobilidade resulta, principalmente, da Flexibilidade de sua organização, facilmente adaptável às variadas situações de combate; isso lhe confere ampla capacidade para constituição rápida de subgrupos autossuficientes.

A mobilidade tem aplicação facilitada pelo largo emprego dos BCC, BIB e GOB, bem como pelo intensivo uso das comunicações por rádio.

A possibilidade dos meios de comando rápidos e eficientes é outro fator preponderante na realização da Mobilidade, como também a capacidade de duração, função da autonomia própria e do

apropriado e oportuno apoio logístico.

A grande flexibilidade que a Divisão Blindada dispõe para a formação de seus Grupamentos Táticos dará oportunidades para variação dessa possibilidade, sendo lícito admitir que os Grupamentos que reúnem elementos mais rápidos, menos pesados, poderão usufruir maior Mobilidade que aqueles constituídos à base de elementos pesados, menos móveis, ou melhor, de menor capacidade de manobra e menores possibilidades técnicas.

O tipo de organização em sub-grupamentos, à base de Batalhões reforçados, assegura enorme flexibilidade no emprego e controle das unidades blindadas em rápidas ações.

Essa mobilidade é que vai permitir a concentração de toda a potência de fogo do Grupamento Tático no local decisivo da ação.

A formidável potência de fogo da Divisão Blindada reflete-se no próprio Grupamento Blindado, embora a flexibilidade de sua constituição possibilite extrema variedade de apreciação.

Um Grupamento Tático Blindado, orgânico à base de BCC, poderá ter a sua potência de fogo avaliada, em comparação com a de um RI tipo I, e relativa apenas àquele BCC, assim expressa, em saldo favorável ao armamento principal: 71 canhões 75mm; 170 Mtrs. 50 e 110 Mtrs. 30.

Se levarmos em conta ainda que 1 BIB possui na ordem de 3 obuses 105 mm, 49 Mtrs. 50 e 9 Canhões 57 AC, como armamento mais importante e que integrando o GT Bldo poderá haver o valor de até dois Batalhões, além de elementos de Reconhecimentos, Artilharia e Engenharia, podemos acelar que, normalmente, a potência de fogo de um Grupamento Blindado, à base considerada, será equivalente ao de uma Divisão de Infantaria tipo 2.

As possibilidades em munição e de remunição estão em perfeita correspondência, sujeitas, entretanto, às restrições de uma du-

ração rápida que vai condicionar um emprego judicioso e apropriado.

Qualquer Grupamento que a Divisão Blindada organize, estará especialmente capacitado para levar ao ponto decisivo do combate um garande poder de fogo, pois estará sempre poderosamente armado.

Estará em condições de apresentar uma variedade em armas de fogo que vai desde o fuzil até o obus 105 mm e a potência disso resultante, complementada pela blindagem de seus veículos, facultará, em qualquer situação, o desenvolvimento de um grande volume de fogo protegido.

A proteção contra o fogo das armas automáticas e dos estilhaços dos Morteiros, da Artilharia e das bombas da Aviação está plenamente assegurada aos elementos integrantes de qualquer Grupamento Tático Blindado que a Divisão Blindada lançar.

Numa formação assim organizada pela Divisão Blindada, a principal e imediata proteção reside na espessura de sua couraça.

A proteção do pessoal e das partes essenciais ao poder ofensivo de todos os veículos que podem integrar um Grupamento é função de sua Blindagem e, dentro desse conceito, grande parte dos veículos deve resistir mesmo aos impactos das armas anticarros.

Os Carros de Combate M4 e M26, integrantes, respectivamente dos BCC e BPCC, apresentam blindagens de 50 a 101 mm; os elementos transportados em veículos de meia lagarta ou de lagarta completa, como os M44, dispõem de uma proteção blindada variável entre 6 e 7 mm para os primeiros e 12 e 16 mm para os segundos; isso proporciona garantia contra os tiros de armas leves de infantaria e dos estilhaços da Artilharia.

Tal proteção permite o acompanhamento das unidades de Carros de Combate em condições de íntima coordenação e simultânea atuação.

Ao mesmo tempo que a proteção blindada facilita ao elemento Blindado usufruir grande mobilidade tática no terreno, é essa própria

mobilidade que vai possibilitar melhores condições à proteção, pois a rapidez do deslocamento cria situações mais difíceis para a atuação dos engenhos anticarro inimigos.

Tanto os elementos do BCC e do BPCC, como os do BIB, básicos à constituição dos Grupamentos Táticos Blindados, estabelecem condições excepcionais de proteção blindada.

A característica de "proteção própria contra o fogo" permite a manobra dos subgrupamentos sob o fogo de metralhadoras, morteiros e artilharia, dando-lhes, ao mesmo tempo, possibilidades de atuar com suas próprias armas.

A associação dos Carros de combate, Infantaria, Artilharia e Engenharia Blindada em um Grupamento, neutraliza ou anula as condições prejudiciais à proteção do Grupamento, particularmente relacionadas às armas anticarro e aos campos de minas.

A potência de choque de um Grupamento Blindado é função direta da Massa de suas unidades constituintes.

Síntese das possibilidades mencionadas — mobilidade, potência de fogo e proteção blindada —, relacionada, principalmente à massa dos carros de combate que formam a composição de um Grupamento Tático e mais, conjugada à intervenção por surpresa, traduz a potência de choque, o real efeito que se propõe uma formação blindada a infringir ao adversário.

O propósito alcançado pelas massas blindadas varia com o número de carros de combate empregados e com o estado moral do inimigo.

Os Grupamentos constituídos à base de Batalhões de Carros de combate, integrados por elementos do Batalhão Pesado, conseguirão, por certo, melhores resultados em potência de choque que outros à base, particularmente, de Batalhões de Infantaria Blindada, com poucos elementos de Carros de combate.

As unidades de Reconhecimento, normalmente integrando os Grupamentos, estão em condições de, continuamente, proporcionarem informações sobre os melhores pontos de aplicação da potência de choque,

assim como de cooperarem em benefício dessa própria potência, grandemente ampliada pelo apoio de uma Artilharia blindada.

Dada a grande flexibilidade na formação dos Grupamentos Táticos Blindados, não podemos avaliar, como para a Divisão Blindada, o efeito de massas ainda por grupar; se levarmos em conta tendências anteriormente um tanto rígidas na formação dos Grupamentos e Destacamentos e verificadas no desenrolar do último conflito, poderemos apreciar algo a respeito.

Algumas Divisões Blindadas distribuíam os seus meios igualmente entre dois Grupamentos principais, dando-lhes o mesmo número de unidades de carros, — 1 BCC —, de Infantaria, — 1 BIB — e Artilharia, — 1 GOB —; era uma formação equilibrada e que se mostrou particularmente eficiente contra o inimigo desmoralizado e derrotado, muito facilitando a exploração.

Dentro de cada Grupamento, assim formado, os Destacamentos eram formados, também, de modo equilibrado e, praticamente, havia dentro da Divisão Blindada a repartição sempre equitativa da sua potência de choque aplicável, avaliada, levando-se em conta o mínimo guardado como elemento reservado.

Esse fracionamento, equilibrado à priori, da potência de choque, tanto na DB, como nos Grupamentos formados, trazia como maior inconveniente a sua dispersão antecipada no campo de batalha e impedia, em determinadas situações, a aplicação de uma potência mais adequada ou necessária.

Outras Divisões preferiram os Grupamentos formados desequilibradamente e, esse desequilíbrio refletia-se, também, nos Destacamentos; eram formados, ou melhor, organizados de acordo com o tipo de armamento e equipamento dos Batalhões.

Assim, um Grupamento Tático incluía a maior parte dos Batalhões de Infantaria Blindada, enquanto outro, a maior parte dos Batalhões de Carros de Combate; está claro que a grande parte da potência de choque da DB era transferida para

o último Grupamento e dentro dêsse, os Destacamentos derivados teriam sempre boa dose daquela potência.

Se tal repartição atendia, à priori, melhor que a primeira, a uma aplicação dos meios da Divisão, também possuía muito de rigidez e, portanto, poderia não resolver, com êxito, situações que escapassem às previsões.

Abandonando toda idéia de distribuição de forças antecipada, abstendo-se de fixar as composições de seus Grupamentos, a Divisão Blindada passou a formá-los somente frente a uma missão a executar e, assim, poderia atribuir a cada Grupamento lançado uma potência de choque proporcional ao fim desejado, com uma aplicação mais econômica de seus meios.

Qualquer que fosse ou seja o critério adotado, e apesar de, na formação desequilibrada, haver melhor definida uma força de choque extremamente potente, a potência de choque da DB era e será conseguida, em qualquer caso e por qualquer forma, através dos seus Grupamentos Táticos e nesses, através dos Destacamentos e, assim, o inimigo sempre terá, diante de si, uma força com potência de choque suficientemente significativa.

As condições desfavoráveis de Terreno e Tempo criam restrições para as ações dos Destacamentos de qualquer Grupamento; afetada a Mobilidade, terão os Destacamentos, e portanto, os Grupamentos, sérias limitações, particularmente, na exploração da surpresa.

A influência do Terreno sobre as atividades das unidades blindadas é tão relevante que, por vêzes, chega a ser fator decisivo na conduta e emprego; abrange desde as possibilidades de exploração de condições excepcionais para o sucesso às impossibilidades de intervenção.

O tempo pode retardar, de modo imperativo, as missões dos subgrupamentos ou mesmo criar condições inoperantes para as exigências de uma ação.

O advento de novos meios de combate, canhões AC, minas AC e o próprio Carro de Combate, hoje

integrados em qualquer unidade combatente, põe a proteção blindada em relativa afirmação; têm os Grupamentos Táticos Blindados, na flexibilidade de suas organizações, a melhor resposta aos inconvenientes resultantes.

A articulação de um dispositivo apropriado às situações favoráveis ou adversas permite, através da atuação de seus respectivos subgrupamentos, que os Grupamentos impulsionem as suas missões satisfatoriamente.

A Infantaria e a Engenharia, convenientemente dispostas, diminuem, ou mesmo anulam as limitações que aqueles meios de combate impõem.

O lançamento profundo aumenta, quase sempre, as necessidades das linhas de comunicações, forçando problemas de ordem logística que inicialmente são atenuados pela integração de elementos de serviços no Grupamento Blindado.

Em conclusão, pode ser dito que o conhecimento das características dos blindados é imprescindível para o seu correto emprego; o acerto da aplicação dos blindados em "grupamentos" impõe a determinação de objetivos e missões que permitirão explorar ao máximo as possibilidades de qualquer elemento integrante.

III

EMPREGO

A atuação do Grupamento tático Blindado, no âmbito da Divisão Blindada, é função de sua formação, onde os BCC são fundamentais; entre os demais elementos, destinados ao apoio, sobressaem os BIB.

A finalidade do trabalho conjunto dos BCC e dos BIB é a completa utilização da capacidade de cada um dêsse elementos em ação coordenada, a fim de que as restrições particulares sejam atenuadas ou mesmo eliminadas.

O emprego dos Grupamentos Blindados, independente da atitude ou fase do combate, teria que ser apreciado em função de cada adequada e possível organização;

sendo essa extremamente flexível, não será fácil figurar-se uma grande variedade de combinações; daí, limitar nossa apreciação, apenas, aos elementos fundamentais de um Grupamento, qualquer que seja a sua constituição.

Será sempre admitido, entretanto, que os princípios gerais da ação combinada Infantaria-Carros estarão constantemente presentes e, portanto, ora estarão os elementos dos BIB, ora os dos BCC em predominância, variável com a missão do Grupamento e ambos empregados numa articulação apropriada às situações que se forem apresentando.

Comumente estarão esses elementos básicos atuando em íntima ligação ou realizando ações independentes.

Avaliemos as possibilidades mais específicas e que melhor indicarão o emprego do Grupamento formado à base de um ou outro daqueles elementos.

A Infantaria Blindada será possível, dado os meios disponíveis, em sua organização, obter, sem maiores dificuldades, grande rapidez na fase dos preliminares do combate ofensivo; basta que o terreno e a situação permitam a marcha nas próprias viaturas através do campo.

Os BIB utilizam os seus meios de transporte para o deslocamento rápido até as zonas de reunião, onde desembarcam para o combate a pé; as viaturas, exceto as empregadas em apoio de fogo, são retiradas para posições cobertas e abrigadas nas proximidades.

No combate ofensivo poderão ser empregados: como elementos de assalto, atacando uma frente previamente determinada, para conquistar objetivos bem defendidos; como elementos de apoio, apoiando as tropas de assalto e consolidando as posições conquistadas pelas unidades da frente; como elemento da reserva, dando profundidade ao ataque, proteção aos flancos ou à retaguarda dos elementos de assalto ou apoio.

No ataque, combatem combinando o fogo, o movimento e a ação de choque; para isso, deverão explorar ao máximo a mobilidade,

a grande potência de fogo e a proteção blindada oferecidas por seu equipamento.

Atacando com os elementos dos BCC, ou realizando ações isoladas, qualquer que seja a atuação, a Infantaria Blindada, poderá sempre agir por surpresa, concentrar esforços e explorar a potência de fogo e a mobilidade que a sua organização possibilita.

A zona de ação de um BIB, tipo 2, varia geralmente de 500 a 1.000 metros.

No combate defensivo, o BIB poderá ser utilizado: como elemento de segurança, todo ou em parte, guardando postos avançados; como elemento de defesa da posição, particularmente na LPR; como reserva; e, simultaneamente, nas situações anteriores, principalmente se atua isolado.

Normalmente poderá o BIB defender uma frente de 800 a 1.000 m, dependendo da situação; a profundidade varia de 800 a 1.400 m.

Na fase de perseguição, seja pressionando diretamente as retaguardas inimigas, seja, particularmente, integrando uma força envolvente, as possibilidades de deslocamento e de combate indicam os BIB como os melhores meios complementares às missões dos BCC.

Em síntese, no âmbito do Grupamento Tático Blindado, os BIB acompanham, apoiam, protegem e ajudam no ataque os BCC, de quem recebem cooperação, quando, atuando ofensiva ou defensivamente, realizam missões próprias; constituem complemento indispensável ao "poder de choque", representado pelos BCC, para que o Grupamento possa colher o êxito proporcionado pela capacidade agressiva.

Os BCC, elementos básicos das G.U. Blindadas e sua razão de ser, cujas particularidades de emprego achamos desnecessário recordar, realizam, com suas intervenções, todo o real poder agressivo de uma Divisão Blindada, em qualquer situação de combate.

A potência de choque, representação sintética da mobilidade, blindagem e poder de fogo dos BCC, faz deles o instrumento apropriado

para ações profundas e decisivas.

Suas possibilidades e características impõem a aplicação apropriada para missões que requerem grandes deslocamentos e essencial agressividade; predominará, sem dúvida, um emprego nitidamente ofensivo, embora haja capacidade para cooperação em missões defensivas.

As propriedades resultantes da combinação dos elementos básicos na organização dos Grupamentos Blindados, caracterizam essa formação para o combate como um meio apto ao desempenho de um número variadíssimo de missões, particularmente considerando-se a extrema flexibilidade, não só para o lançamento dos GT pelas DB, como para o fracionamento dos próprios Grupamentos Táticos Blindados.

Cabe aqui a lembrança de outro elemento Divisionário que poderá frequentemente destacar a aplicação dum Grupamento pelas características que poderão pesar no cumprimento de determinada missão; trata-se do R. Mec. Rec., cuja capacidade, para as ações de reconhecimento e segurança, por vezes, atenderá as necessidades de uma organização de Grupamento.

Quanto aos BPCC, abstração feita à propriedade de intervenção contra as ações blindadas inimigas, tem inteira aplicação tudo o salientado para os BCC.

Tendo em vista o que foi posto em evidência, cumpre constantemente relacionar as missões ou melhor, o emprego dos Grupamentos Táticos Blindados com as propriedades de suas particulares formações e, sempre considerar que, embora de exagerada aptidão para variadíssimas missões, aquelas que permitirem ou exigirem uma larga aplicação da potência de choque serão, preferentemente, as mais indicadas para emprego.

Relativamente ao apoio em Artilharia, Engenharia e Serviços, é lembrado que, observado o princípio de economia de forças, qualquer Grupamento Tático lançado pela DB deverá contar com um mínimo de apoio compatível com a missão que o impulsionou e com

o valor dos elementos que integram a sua organização.

As possibilidades do Grupamento serão acrescidas pelas disponibilidades de um apoio aéreo tático em qualquer tipo de ação, particularmente no ataque e na perseguição.

Dentre a variedade de missões que podem propiciar à DB a formação de um Grupamento Tático, destacaremos sem preocupação de prioridade:

- Romper uma cobertura e estabelecer o contacto com o inimigo;

- Irromper através de larga frente defendida por inimigo desmoralizado;

- Dar impulsão a um ataque que tenha esmorecido;

- Atacar para conquistar e manter objetivos importantes;

- Apoderar-se de terreno essencial aos planos do escalão superior;

- Realizar ações desbordantes ou envolventes;

- Realizar a segurança num flanco ou retaguarda;

- Atuar contra intervenções blindadas inimigas;

- Manter regiões importantes do terreno;

- Realizar ações retardadoras;

- Contra-atacar nas operações defensivas e movimentos retrógrados;

- Perseguir o inimigo.

Os princípios básicos que regulam o emprego da DB são os mesmos que regulam o de suas unidades e, portanto, o dos GTBds.

A previsão e a ação de comando caracterizam a aplicação daqueles princípios que, particularmente, pelo planejamento contínuo e pela coordenação cuidadosa se manifestam.

Assim como na Divisão Blindada, os princípios do objetivo, da simplicidade, da unidade de comando, da agressividade, da manobra, da massa, da surpresa e da segurança conjugam-se no emprego do Grupamento Tático Blindado.

Nas marchas, a organização dos GT em grupamentos de marcha é função de sua organização, da situação tática e das condições de tráfego; geralmente serão esses grupamentos de marcha constitui-

dos por unidades de Batalhões, reforçados ou não.

A ordem pela qual as unidades deverão chegar a uma Zona de Estacionamento ou atingir uma Zona de Reunião, pesada, sem dúvida, a situação tática, influenciará por força o dispositivo de marcha de um GT.

A formação de marcha adotada, num movimento para uma Zona de Partida para o ataque, será determinada pela organização prevista para o ataque; os grupamentos ou unidades de marcha são organizados por tal forma que exijam um mínimo de movimentos antes do ataque; será, pois, o dispositivo da marcha, função do plano do ataque.

Sempre que a situação permitir, os grupamentos de marcha deverão ser constituídos com veículos de características semelhantes; quando a situação exige o contrário, a velocidade da marcha é regulada pelas possibilidades dos elementos mais vagarosos.

Durante a marcha noturna, os elementos de infantaria devem preceder os elementos de Carros; na marcha diurna, geralmente acontecerá o contrário.

Nas marchas para o combate, assim como na fase da aproximação, todo esforço é feito no sentido de evitar que o inimigo tenha conhecimento do movimento que vai ser realizado e que, por surpresa, possa interferir na sua execução.

Elementos de segurança cobrem essa preocupação e medidas de defesa passiva e ativa garantem a segurança durante as marchas e os altos.

Beneficiando-se da invulgar flexibilidade, um GTBld se organiza para o combate em subgrupamentos, destacamentos ou mesmo, batalhões reforçados; haverá sempre, qualquer que seja a denominação do fracionamento, elementos para uma ação principal, para uma ação de apoio e para a constituição de uma reserva.

A designação dos elementos para a formação desses subgrupamentos é função da situação tática e das condições do material e pessoal de seus meios; examinemos, título de exemplo, alguns dos processos

utilizados, durante a última grande guerra, na constituição dos Grupamentos e subgrupamentos.

Consideremos um BCC e um BIB, ambos tipo 2.

1º processo:

— reforçar o BCC (—) com 1 Cia do BIB e o BIB (—) com 1 Cia do BCC;

— o GT disporá de dois comandos subordinados completos

— cada "combinado", ou subgrupamento (BCC ou BIB) terá, naturalmente, aptidão para determinado tipo de operação, segundo sejam as características para Carros ou Infantaria;

— nem sempre haverá oportunidade para emprego de ambos os combinados.

2º processo:

— reunir cada Cia de Carros a uma Cia do BIB, constituindo, assim, dentro do GT, três subgrupamentos, ou "Cias Blindadas" e, mais, a CCL aos demais elementos orgânicos do BIB;

— desse modo, cada combinado disporá dos dois elementos fundamentais, Carros e Infantaria, e serão três subgrupamentos idênticos: em cada GT, duas dessas "Cias Blindadas" eram, normalmente, atribuídas ao comando do BCC e a outra ao do BIB; elementos de Artilharia, Engenharia e Serviços sempre completavam.

Dentro da mesma ordem de idéias, muitas vezes cada "Cia Blindada" era constituída por três "Pelotões Blindados", compostos por 1 Pel CC e 1 Pel Inf e, ainda mais, cada "Pelotão Blindado" era formado por 5 "grupos Blindados" ou "Equipes", cada um deles dispondo de 1 Carro e 1 Grupo de Fzs.; para isso, a peça Mrt. e a Sec. de Mtrs. L do Pel Inf. trabalhavam como grupo de fuzileiros.

Subgrupamentos assim constituídos foram satisfatoriamente empregados no âmbito dos Grupamentos Táticos Blindados, em variados tipos de operações ofensivas.

As "equipes", pequenos conjuntos já mencionados, tiveram sempre missões bem definidas, limitadas e propriamente indicadas para certos

tipos de operações, como combate em localidades e ataques a posições fortificadas.

Os grupos de Artilharia quando em reforço aos GT, não são postos à disposição dos subgrupamentos, salvo quando o apoio de artilharia é essencial.

O reforço de Cavalaria dado a um GT, normalmente é lançado com o subgrupamento de 1º escalão, quando não em missão particular.

No combate ofensivo, pode um Grupamento ser empregado no quadro da Divisão Blindada ou realizar isoladamente a sua própria ação.

Quando no quadro da DB:

— Realiza na penetração uma das seguintes situações:

— constitui determinado escalão: da DB passando através de uma brecha que a Infantaria realizou; da DB lançada para acelerar a realização da penetração; da DB realizando a sua própria penetração, em cooperação com outras unidades.

— Realiza nos desdobramentos a missão da força encarregada do ataque frontal e secundário ou da força encarregada da ação desbordante, principal ou secundário, no caso de duplo desbordamento.

Quando atuando isoladamente, um Grupamento estará, em qualquer situação, realizando ações ofensivas em tudo semelhante às realizadas quando enquadrado na Divisão.

Na penetração, qualquer que seja a organização de um GT, o subgrupamento de 1º escalão deve lançar ao ataque a força máxima; os demais subgrupamentos, verdadeiros escalões de apoio, ou mesmo reserva, vão permitir manter ou aumentar o ímpeto do ataque, aproveitar o êxito ou deter os contra ataques inimigos.

Quando a posição inimiga não apresenta profundidade, nem potência e pode ser facilmente rompida por um ataque sobre frente relativamente larga, podem ser

apresentados subgrupamentos em linha.

Relativamente às medidas de ordenação, o Batalhão reforçado, portanto os subgrupamentos de comando de Batalhões, são os menores elementos que recebem uma Zona de Ação.

Os princípios que regem a ação ofensiva na realização de uma penetração bem como durante a condução são os mesmos que se aplicam ao ataque desbordante; entretanto, é de se supor que, integrando uma força desbordante ou envolvente ou mesmo, tendo a seu cargo uma ação dessa natureza, deverá haver, na constituição do GT, predominância de elementos dos BCC.

Como nos desdobramentos e nos envoltimentos, normalmente são os GT lançados pela DB frente a uma situação ainda vaga, sem indicações precisas para fracionamento em subgrupamentos apropriados; os elementos serão repartidos equitativamente, surgindo, então, destacamentos homogêneos, com vantagens e desvantagens.

A Divisão Blindada encontra, durante a realização dos desdobramentos, oportunidade para organização de Grupamentos Táticos à base dos elementos do R.C. Mec., para missões de segurança, cobertura ou manutenção de pontos importantes do terreno conquistados por outros Grupamentos.

Na fase da perseguição, têm os GT as melhores condições para aplicação das características dos elementos Blindados; procuram atingir o objetivo final com a máxima potência, no mais curto prazo.

Os elementos testa levam grande dotação em Carros; isso assegura forte massa de choque ao ataque e permite intenso aproveitamento da surpresa obtida.

A direção da operação é descentralizada do GT para os subgrupamentos; entretanto, o contacto é mantido; são dados aos subgrupamentos eixos de progressão, dos quais podem se desviar, quando necessário.

A situação dá lugar a uma verdadeira marcha para o combate e,

por isso, deverá o GT realizar um dispositivo que atenda às respectivas necessidades de segurança; poderá mesmo deslocar-se num dispositivo já desenvolvido, em destacamentos, a fim de que possam esses entrar em ação o mais rapidamente possível, tão logo seja o contacto com o inimigo estabelecido.

É desejável que a rede rodoviária forneça dois ou mais eixos de progressão que permitam o apoio recíproco entre os elementos dos subgrupos que os utilizarem, levando em conta os fatores tempo e distância.

Um grupamento em 1º escalão deve utilizar tantas estradas paralelas quando o permitirem a rede rodoviária e sua organização; a formação em coluna assegura ao comandante do GT a possibilidade de dirigir todos os elementos em contacto com o inimigo e agir prontamente.

A formação em linha é aconselhável em alguns casos, embora tenha menos flexibilidade que a formação em coluna.

Um subgrupamento forte em carros constituirá, normalmente, a testa da coluna do GT; em vista de sua ação de choque, potência de fogo e efeito de surpresa, será ele mais capaz de manter a rapidez da progressão do que um forte em infantaria e será mais apto para se aproveitar da surpresa quando se apresentar tal oportunidade.

Quando a situação enfrentada necessitar forte ação, com predominância de Infantaria, uma força desse tipo pode ultrapassar o subgrupamento testa e tomar a operação a seu cargo; depois de terminada essa ação, o subgrupamento forte em carros retomará a testa.

Na perseguição, o ataque, partindo da coluna de marcha, pode ser considerado como a forma normal de um Grupamento operar; quando a resistência é leve, o subgrupamento testa, estabelecendo o contacto, desdobra-se e continua o avanço; detidos pelo inimigo, os elementos do subgrupamento reconhecem a posição inimiga e assinalam, tanto quanto possível, a linha de frente e as posições de seus

flancos; os subgrupos sucessivos poderão ser empregados para reforçarem o testa ou executarem um ataque coordenado, ou ainda, simultaneamente, o ataque e o reforço.

Nas operações ofensivas especiais, os princípios táticos gerais são observados da mesma maneira e fornecem uma base para qualquer operação ofensiva de um grupamento Blindado.

Nos ataques a localidades, um GT ou fará parte da força de assalto direto, ou da força desbordante; no primeiro caso, em sua organização predominarão elementos de infantaria; no segundo, elementos de carros.

O GT, desbordando, enviará subgrupos para cercarem a localidade, apoderando-se de terreno dominante nos flancos e retaguarda e impedindo a chegada de reforços; no assalto direto, os subgrupos são mais fracionados, indo mesmo até "equipes", que partem de regiões vantajosas para a limpeza da localidade.

Nas transposições de cursos d'água, a preocupação dos destacamentos de um GT é a captura de pontes intactas e o estabelecimento imediato de uma cabeça de ponte.

Na realização do contacto com uma cabeça de ponte aérea, o Grupamento lança os seus subgrupos operando de modo semelhante ao empregado para a conquista de um objetivo inimigo na perseguição.

Os princípios gerais de organização para a ofensiva aplicam-se também à defensiva.

Quando no quadro Divisionário realiza o GT a defesa móvel, tem sob a sua responsabilidade um subsector ou constitui, do escalão divisionário, o elemento reservado.

Defendendo um subsector, conduz a sua defesa com a mesma agressividade das outras ações características de Blindados; sendo a missão dos carros a gir ofensivamente, o princípio da Massa deverá sempre orientar o seu emprego; daí, a repartição desse elemento no Grupamento Blindado fazer-se apenas em caráter excepcional, parti-

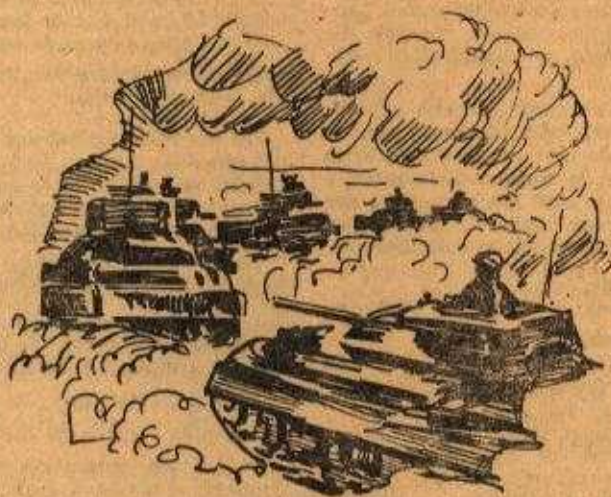
Principais fontes utilizadas:

FM 17-00:

— Manual para o Emprego da
Divisão Blindada e do Grupamento
Tático Blindado.

— Alguns números da Revista
Militar, Edição Bras.

— Um trabalho do Maj. Fer-
nando Belfort Bethlém sobre Pra-
zos de intervenção, 1950.



OLEODUTOS MILITARES

Major SAMUEL A. A. CORREA

OBJETIVO

Os Exércitos modernos necessitam, cada vez mais, de combustíveis, cuja tonelagem atinge cifras que exigem meios de transporte rápidos e econômicos. Daí a importância dos oleodutos militares, cujos aspectos marcantes propusemo-nos abordar, baseando-nos, para isso, nos conceitos mais modernos em vigor no Exército norte-americano.

OS OLEODUTOS NA GUERRA 939-945

Na segunda guerra mundial, os oleodutos foram utilizados de maneira intensiva, como atestam os seguintes dados:

- no Teatro de Operações Europeu, construíram-se 3.600 milhas de tubulação e reservatórios para 7.619.116 barris, que constituíram 5 sistemas independentes, dos quais os principais foram: o Nordeste (Antuérpia - Maastricht - Wesel), o Maior (Cherbourg-Domfront - Chartres - Thionville - Mainz) e o Sudeste (Marselha-Lyon-Sarrebourg-Frankental);
- no Teatro de Operações do Mediterrâneo, construíram-se 3.035 milhas de tubulações, no Norte da África, na Sicília e na Itália continental;
- nos Teatros de Operações da China — Burma — Índia e do Pacífico, cerca de 2.000 milhas foram construídas, seja em terreno montanhoso e difícil, seja nas principais ilhas.

QUANDO O OLEODUTO É NECESSÁRIO

Considera-se indispensável o oleoduto, como meio de transporte de combustíveis, quando o consumo diário, durante um mês ou mais, fôr superior a 300.000 galões, que correspondem a 7.143 barris.

Por suas características, os oleodutos exigem esforço logístico duas ou oito vezes menor do que o necessário ao transporte em ferrovia ou rodovia e utiliza, relativamente, pouco pessoal e material, tanto assim que se avalia a tonelagem transportada como 14 vezes maior do que a da mão-de-obra, equipamento, etc., aplicados na construção e operação. Consegue-se, com seu grande e contínuo rendimento, aliviar sobremodo as vias de transporte, normalmente já muito sobrecarregadas com os demais suprimentos.

CONSUMO NORMAL DE COMBUSTÍVEIS

O consumo de combustíveis é muito variável, mas alguns dados decorrentes da experiência da última guerra podem servir de base:

- na Zona de Comunicações, atinge a cifra de 360.000 galões diários, distribuídos na Secção Base e na Secção Avançada;
- na Zona de Combate, cada Exército-tipo (3 CEx a 3 DI e 1 DE) consome de 300.000 a 700.000 galões diários, dependendo das atividades das GU subordinadas;

- a Força Aérea desdobra-se em bases, constituídas de 3 a 6 aeródromos, cada um necessitando de 30.000 a 250.000 galões diários de gasolina de aviação, além da requerida pelos veículos de sua dotação.

OLEODUTOS NECESSARIOS

A fim de atender a esse consumo volumoso, em geral constroem-se os oleodutos na dosagem seguinte:

- 1 para a parte da Zona de Comunicações correspondente a cada Exército-tipo;
- 1 para cada Exército-tipo;
- 1 para cada base aérea de 3 aeródromos.

RESPONSABILIDADE

Nada menos do que 5 dos Serviços Técnicos existentes no Exército norte-americano são diretamente interessados no suprimento de combustíveis às forças em campanha:

- Corpo de Intendência, que requisita, armazena e distribui os combustíveis;
- Corpo de Transporte, que transporta os combustíveis pelas rodovias, ferrovias e aquavias;
- Corpo de Comunicações, que assegura as ligações necessárias ao suprimento;
- Departamento de Material Bélico, que pesquisa novos combustíveis e aperfeiçoa os existentes;
- Corpo de Engenheiros, que projeta, constrói e opera os oleodutos, tendo a seu cargo todas as instalações correlatas, exceto as de distribuição nas terminais, operadas pelo Corpo de Intendência.

Em sua organização atual, o Corpo de Engenheiros tem a Cia. de Oleodutos, capaz de construir 2 a 8 milhas diárias de tubulação ou operar até 10 estações de bombas, grupos de reservatórios, ou instalações semelhantes. Prevê-se, entretanto, uma organização maior, constituída de Grupamentos, e estes de

2 a 3 BE Oleodutos ou BE Construção com instrução adequada, ambos contendo pessoal experimentado proveniente de companhias civis.

Considera-se que cada Exército-tipo, em operações ofensivas rápidas, necessita do apoio de 3 BE Oleodutos, sendo dois engajados na construção e um na exploração. Cada Batalhão, constituído de 4 Companhias, deverá estar apto a construir de 8 a 30 milhas diárias, ou de operar 800 milhas de oleoduto, à razão de 10 estações de bomba por Cia.

DE QUE CONSTA O OLEODUTO

Os americanos empregam a expressão "pipe-line system" para o conjunto das instalações, englobando o oleoduto propriamente dito e as estações de bombas, reservatórios, etc. Em português, teríamos "sistema de oleoduto" como tradução literal; contrapõe-se a esta o vocábulo "oleoduto", de uso já consagrado e que empregaremos, quer para exprimir a tubulação somente, quer, num sentido mais lato, englobando as instalações complementares.

Consideremos os componentes dum oleoduto no caso mais geral e comum, isto é, quando sua origem é num porto marítimo:

1. Instalação para descarga dos navios petroleiros.

Os petroleiros têm capacidade variável de 2,5 a 10 milhões de galões e devem ser descarregados com presteza, em menos de 24 horas; dispõem de bombas, cujo rendimento é de 500 a 5.000 galões por minuto e de mangueiras de 6 a 8 polegadas de diâmetro e de 50 a 70 metros de comprimento.

É necessário construir — ou utilizar o já existente — um oleoduto que prolongando a mangueira do petroleiro, transporte o combustível para os reservatórios de terra firme. Tal oleoduto pode ser constituído de 2 a 3 tubulações de 6 a 8 polegadas e será submarino ou apoiar-se-á em piers, pontes, etc.

Se o comprimento do oleoduto exceder 3 km e a altitude dos reservatórios for, ao mesmo tempo, su-

perior a 10 m, normalmente haverá necessidade de se reforçarem as bombas do petroleiro com outras de terra firme, que funcionando em série, aumentarão a pressão na tubulação.

2. Terminal de base.

É o local, próximo do porto, onde os reservatórios de combustíveis são construídos. Deve ser área não congestionada por outras instalações, de fácil proteção contra a sabotagem e a observação inimiga e bem servida por ferrovias ou rodovias.

Os reservatórios normalmente normalmente utilizados são os de 10.000, 42.000 e 420.000 galões; constituídos de chapas de aço, são montados por turmas de 12 homens em 3 dias (os de 42.000 galões) ou de 25 homens em 8 dias (os de ... 420.000 galões). Devem estar dispersos (cêrca de 200 m), de modo a evitar propagação do fogo provocado por acidentes ou ação inimiga.

Além dos reservatórios, a terminal de base tem:

- conexões, constituídas de tubos de 6 a 8 polegadas, que servem para dar flexibilidade ao conjunto, permitindo a ligação dos reservatórios entre si e com a linha principal, a entrada e a saída simultânea de combustíveis diferentes, etc.;

- bombas de transferência, que servem principalmente para transferir combustível dum reservatório para outro;

- estação de bombas, normalmente constituída de 5 bombas, das quais 4 operam em paralelo — dando o total de 400 galões por minuto e de 408 libras por polegada quadrada e uma em reserva. As bombas, sendo de sucção, precisam ter sua "entrada" abaixo do nível da mais baixa "saída" dos reservatórios, a fim de que se tenha pressão positiva que assegure seu funcionamento perfeito; existe, a respeito, a regra prática seguinte: "a diferença de nível entre a entrada da bomba e a

saída do reservatório deve ser de 5 pés acrescidos de 1,6 pés para cada 100 pés de tubulação ou conexões (pé = 0,3048 m)". A estação de bombas lança o combustível do reservatório para a tubulação e o impele para a frente.

3. Oleoduto propriamente dito ou tubulação.

Constitui 85 % da tonelage do conjunto, mas é de fácil e rápida construção.

Utiliza tubos de aço de 6 polegadas de diâmetro e 20 pés de comprimento; a conexão de duas partes é obtida por anéis que vedam a passagem de ar, água ou óleo.

Pesa 30 toneladas por milha, o que exige organização perfeita do transporte, que deve ser feito, tanto quanto possível, diretamente para o local de construção, pelo Corpo de Transportes; caso isto seja impossível, os tubos são descarregados até 50 milhas do local de utilização, para ulterior transporte pela unidade interessada.

A fim de que o transporte dos tubos seja facilitado, o oleoduto deve ser construído próximo a uma estrada, mas não tanto que fique sujeito aos azares do tráfego pesado existente. Seguirá, sempre que possível, u'a linha reta, mesmo que para isso tenha que ir através do campo e se afaste das estradas; dêste modo, grande economia de material — e consequentemente de tempo e pessoal — será obtida.

Proteção eficiente contra carros de combate, caminhões, sabotagem, etc., é assegurada pelo "enterramento" do oleoduto em valetas de 50 cm de profundidade, tôdas as vezes que a natureza do terreno e o tempo disponível o permitirem.

Colocados os tubos, é necessário testar o oleoduto, o que é feito com água — para as secções até 16 milhas — ou com ar — para as secções até 5 milhas de comprimento.

Considera-se que o oleoduto não constitui alvo remunerativo para a aviação e que, por isso, grande atenção não precisa ser dada à sua camuflagem.

Seu tempo de duração, se enterrado, é avaliado em 1 ano.

Há alguns pontos críticos que o terreno pode oferecer como :

- cidades, que devem ser evitadas ;
- cursos d'água, que podem ser atravessados ou pelas pontes e passarelas, ou por meio de linhas submersas ;
- pântanos, que devem ser evitados, pois dificultam por demais não só a construção, como também a manutenção ;
- rodovias, que devem ser atravessadas em bueiros existentes ou em valetas, cobertas posteriormente com o mínimo de 80 cm de atêrro.

A tubulação atual de 6 polegadas, que substituiu a de 4" de durante a guerra, permite o fluxo de 400 galões por minuto ; considere-se, entretanto, seu rendimento diário de 336.000 galões (20 horas a 16.800 galões por hora).

4. Instalações intermédias.

Da terminal de base o combustível é lançado nos oleodutos com a pressão de 408 libras por polegada quadrada, que equivale, para a gasolina, à elevação vertical de 1.302 pés. A fricção exige que, após 16 milhas de percurso horizontal, o combustível receba novo "impulso", o que é conseguido pela intercalação de estações de bombas do tipo já visto. Se o terreno for em auge, tal distância ficará naturalmente reduzida ; se em declive, cuidado deve ser tomado para que a pressão nos tubos não exceda 640 libras por polegada quadrada, colocando-se válvulas redutoras de pressão nos locais adequados.

Nos pontos críticos, válvulas de bloqueio são instaladas para deter o fluxo, sempre que necessário.

Reservatórios reguladores são construídos ao longo da tubulação, com intervalos de 1 ou 2 estações de bombas, para aumentar a capacidade do oleoduto e possibilitar o suprimento, mesmo durante as reparações de avarias.

5. Terminais distribuidoras.

Os oleodutos avançam com os Exércitos, suprimindo-os por intermé-

dio das terminais distribuidoras, que são constituídas de :

- reservatórios, de tipo e capacidade variáveis com as características da tropa suprida. No escalão Exército o armazenamento normal é de 100.000 galões de gasolina, que corresponde a 400 galões por minuto, durante 4 horas ; é, em geral, realizado em reservatórios de borracha sintética de 10.000 galões ou em caminhões-cisternas. As bases aéreas necessitam de uma semana de suprimento em suas terminais, de onde ramaes devem irradiar para os aeródromos, onde outra semana de suprimento precisa ser mantida em estoque ;
- bombas de transferência, de função já conhecida ;
- conexões entre os diversos reservatórios ;
- equipamento de distribuição, para encher os caminhões ou trens cisterna, os camburões, etc., com rapidez e ordem.

EXPLORAÇÃO DOS OLEODUTOS

A terminal de base controla, em geral, todo o sistema, recebendo, em cada hora, relatórios sobre a quantidade de combustível existente nos diversos reservatórios, o recebimento e entrega, etc. Se vazamentos forem localizados, providências imediatas devem ser tomadas para limitá-los e repará-los. A fim de que haja rapidez na recepção dos relatórios e nas transmissões das ordens, meios de comunicações exclusivos e contínuos são necessários ; sua inexistência ou precariedade podem comprometer seriamente o funcionamento do conjunto.

Um mesmo oleoduto pode transportar vários tipos de combustíveis, desde que sejam da mesma classe, isto é, pertençam aos óleos brancos (gasolina, querosene, óleo Diesel de alto grau, etc.) ou aos óleos pretos (óleo Diesel de baixo grau, óleos para estrada, óleo cru, etc.). Os produtos assim enviados devem estar de tal maneira dispostos, que

somente sejam vizinhos na seguinte ordem: gasolina de aviação, gasolina para veículos comuns, combustível para motor a jato, querosene, óleo Diesel; entre os dois combustíveis consecutivos haverá um certo "comprimento" de contaminação ou mistura, denominado "plug" pelos americanos, que serve de referência aos exploradores.

Cuidados especiais devem ser tomados em relação ao fogo, que constitui perigo permanente e devastador para os oleodutos militares.

CONCLUSÕES

A importância dos oleodutos é cada vez maior na guerra atual, devendo a Engenharia militar estar técnica e materialmente aparelhada para sua construção e exploração.

No Brasil, estamos ainda atrasados quanto a oleodutos, pois só agora teremos um importante, qual seja o de Santos a S. Paulo, constituído de duas tubulações (10 e 18 polegadas), sendo uma para os óleos brancos e outra para os pretos. É necessário que não nos descuremos, no Exército, de tal assunto, que deve ser incluído nos currículos de nossas principais escolas, a fim de manter atualizados nossos quadros de oficiais.

O consumo de combustíveis das GU exige normalmente:

- 1 oleoduto para a parte da Zona de Comunicações correspondente a cada Exército-tipo;

- 1 oleoduto para cada Exército-tipo;
- 1 oleoduto para cada base aérea de 3 aeródromos.

O oleoduto consta, em última análise, de:

- instalação para descarga dos navios petroleiros;
- terminal de base, com reservatórios, conexões e bombas;
- tubulação de aço, 6 polegadas de diâmetro, colocada tanto quanto possível em linha reta, na superfície do solo ou enterrada;
- instalações intermediárias, destacando-se, pela importância, as estações de bomba, que imprimem novo "impulso" ao combustível, fazendo-o vencer nova distância horizontal (16 milhas para o caso da gasolina), ou galgar os desníveis do terreno;
- terminais distribuidoras, com seus reservatórios, bombas, conexões e equipamento de distribuição, este para encher os caminhões ou trens-cisternas, camburões, etc.

Um mesmo oleoduto pode transportar vários tipos de combustíveis, desde que pertençam à mesma classe e não seja contrariada a sequência: gasolina de aviação, gasolina para veículos comuns, combustível para motor a jato, querosene, óleo Diesel.

PEDIDOS DE LIVROS

Escreva o título da obra e o nome de seu autor — Quantos volumes deseja e o seu nome e endereço — Os pedidos via rádio devem ser feitos pelos companheiros que servirem em guarnições longínquas — "A Defesa Nacional" adquire e remete pelo sistema reembolsável qualquer livro — das livrarias desta capital —

A ENGENHARIA EM OPERAÇÕES TATICAS

(Exemplo histórico da transposição do Rio Roer pela 30ª D.I. Americana, na 2ª Grande Guerra. (Dados extraídos de relatos fornecidos pela "Engineer School", de Fort Belvoir, Virgínia, E.E.U.U.)

Traduzido pelos Maj. D. JUAN ANGEL ALLIERI e 2º Ten. D. EDUARDO OSVALDO GARAY, para a Revista Militar (Argentina) e desta pelo Major FLORIANO MÖLLER

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é expor as atividades da arma de engenharia, por ocasião de ataque através de um curso d'água, executado por G.U. do Exército Americano.

Este trabalho relata o desenvolvimento dos trabalhos de engenharia na fase preparatória e bem assim durante a transposição do Rio Roer pela 30ª D.I., na 2ª Grande Guerra.

I — SITUAÇÃO GERAL

Às 0320 h do dia 23 de fevereiro de 1945, os primeiros grupos de combate dos 119º e 120º R.I., da 30ª D.I., embarcaram nos botes de assalto conduzidos por elementos do 105º B.E. de Combate. Teve assim início a transposição do Rio Roer e o assalto às posições inimigas situadas mais além.

Precedendo a transposição, havia sido necessário efetuar um amplo e minucioso reconhecimento e preparativos cuidadosos que, por numerosas razões, sofreram retardos imprevisíveis.

A 30 de novembro de 1944, a 30ª D.I., depois de atacar através da planura teutônica, manteve um setor de 6 km de largura, aproximadamente, ao longo do Rio Roer, entre as povoações de Jülich e Duren. Planejou-se, na ocasião, um assalto através do rio pelas

29ª e 104ª D.I., ao Sul, em Duren, sendo que a 30ª D.I. seguiria a 29ª D.I. depois de simular uma transposição nessa região. A transposição dos diversos elementos deveria ter lugar tão logo o grande dique situado no alto Roer estivesse em poder de elementos do I Exército. A ação para a posse do dique ia em progresso, quando a 16 de dezembro foi lançada a contra-ofensiva alemã das Ardenas.

A 17 de dezembro, a 30ª D.I. havia recebido ordens, na região de Malmedy-Stavelot, para estender-se em linha ao longo do flanco norte da penetração alemã.

A 2 de fevereiro de 1945, em face da batalha sobre o "Bulge" a 30ª D.I. recebeu ordem para regressar à região de Aachen, a fim de preparar, para 10 de fevereiro, a travessia do Roer na região entre Jülich e Duren. Apesar desta transposição não ter sido prevista nem preparada, a não ser como uma travessia simulada, nesta ocasião era mister que os I e IX Exércitos atravessassem o Roer em uma larga frente e com tantas unidades quantas fosse possível. Tal medida era indicada, porquanto os alemães haviam tido três meses para instalarem-se defensivamente nos melhores locais de transposição e uma travessia em lugar imprevisível, ainda que não inteiramente feliz, poderia auxiliar a diminuir a pressão ini-

miga em outros pontos de travessia. Entretanto, a 8 de fevereiro, os alemães fizeram voar as comportas do dique Schwammenauel, situado nas nascentes do Roer.

As 1700 horas do dia 9 de fevereiro, a operação de transposição foi adiada indefinidamente, em virtude das inundações resultantes.

A) REGIME DE ÁGUAS DO RIO ROER

O Rio Roer, aparentemente, é um inocente curso d'água, mas com uma formidável potencialidade. Nas nascentes, há uma série de diques, dos quais o maior é o dique Schwammenauel. Por uma fortuita combinação de circunstâncias, foi capturado um estudo completo de engenharia sobre as condições de armazenamento d'água deste dique. Este estudo compreendia cartas, dados e informes técnicos, preparados pelos engenheiros alemães que construíram o referido dique. Era um amplo e minucioso estudo, preparado sob a direção do Estado-Maior alemão. Concretamente, a situação era a seguinte: — O Exército alemão estava completamente inteirado das possibilidades que proporcionaria esta água armazenada, com um volume de um milhão de metros cúbicos. Deixando-a em liberdade inteiramente, poderia criar uma grande barreira, circundando toda a frente dos I e IX Exércitos e o setor britânico à nossa esquerda. A barreira líquida atingiria, aproximadamente, 900 metros de largura e poderia estender-se rapidamente ao longo do curso d'água. Além disso, depois da vasante, uma barreira lodosa permaneceria sobre as margens, durante longo tempo. A duração e a altura da enchente dependeriam de muitos fatores, o mais importante dos quais era o volume médio de descarga do dique. Enquanto o Exército alemão mantivesse intacto o dique, poderia exercer o controle deste elemento crítico. Os alemães po-

deriam destruí-lo e causar uma formidável inundação, ou poderiam danificar, em parte, as comportas e assim provocar uma inundação menor, mas de muito maior duração. Os germânicos resolveram realizar a segunda hipótese, com o objetivo de proporcionar maior duração ao obstáculo. A operação de destruição foi excelente.

B) A REGIÃO DE TRANSPOSIÇÃO

A figura 1 mostra a situação geral da região atribuída à 30ª D.I. para a transposição. Em seu setor, nenhuma das margens apresentava terreno favorável; tudo era uniformemente mau para qualquer meio de transposição. Nenhuma das margens permitia a observação e ambas eram baixas e alagadiças. O inimigo tinha uma pequena vantagem na questão de cobertas (árvores, etc.). De nossa parte, tínhamos em nosso poder as pontes sobre o Rio Inde; entre este rio e o Roer, o terreno tinha um ligeiro comando. Nessa época do ano, depois das nevadas e do degelo, a mobilidade, através do campo, era extremamente difícil. Ainda que não apareça claramente na figura 1, cada itinerário exigia três pontes, em virtude de ser o Roer paralelo ao canal "Muhler", a Leste e a uma sanga, a Oeste. A região de transposição estava dividida em duas partes:

1ª) A Região de Pier. Esta era a região de transposição a ser utilizada pelo 120º R.I. Uma certa extensão estava danificada pelo bombardeio e a ponte havia sido completamente destruída, caindo uma parte dos escombros na caudal. Aquém do rio, havia uma sanga de aproximadamente 7,50 m de largura e de 3 a 4,50 m de profundidade; além do rio, situava-se o canal "Muhler", que tinha, aproximadamente, as mesmas dimensões da sanga.

2ª) A Região de Shophoven. Era a região de transposição que deveria ser utilizada pelo 119º R.I.

ESQUEMA DA REGIÃO DE TRANSPOSIÇÃO

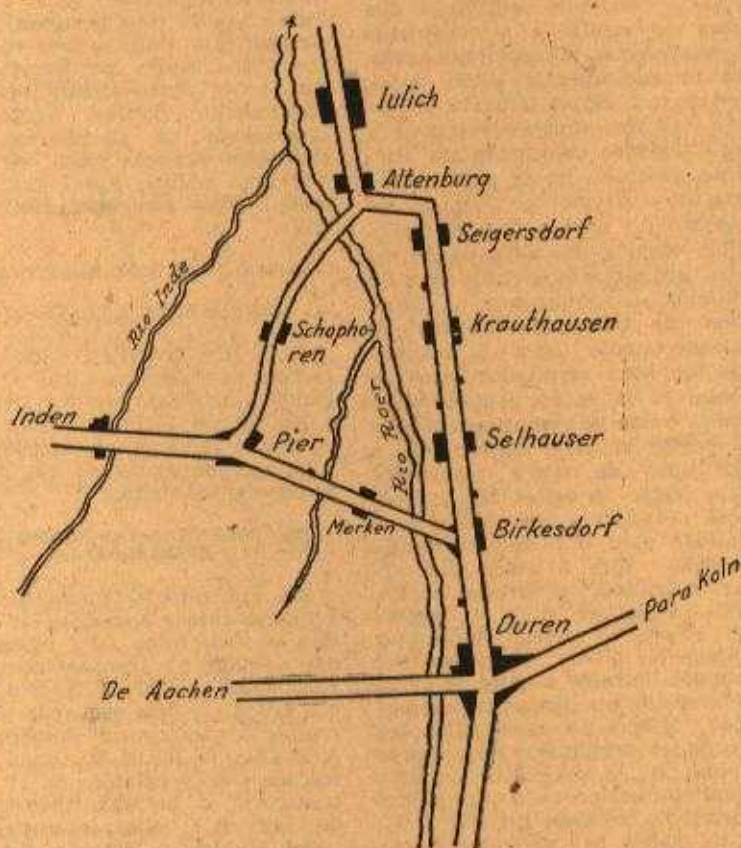


FIG. 1

C) A COOPERAÇÃO DAS TROPAS DE ENGENHARIA

A missão da engenharia de apoio à 30ª D.I., na transposição do Rio Roer, foi atribuída ao 115º Grupamento de Engenharia de Combate. Este Grupamento compreendia os 82ª, 234ª e 295ª B.E. Comb. e a 992ª Companhia de Equipagem de Pontes, reforçada pelo 1º Pelotão da 17ª Cia. de Equipagem de Pontes Mecanizada.

II — FASE PREPARATÓRIA (de 9 a 22 de fevereiro)

A) RECONHECIMENTO

Durante o período de 9 a 22 de fevereiro, foram executados vários reconhecimento de engenharia sobre o Rio Roer, na região de Pier-Schophoven. Patrulhas de engenharia das três companhias de engenharia do Batalhão Divisionário e das unidades de

apoio de engenharia, deslocando-se somente à noite, executaram um cuidadoso reconhecimento das estradas que atravessavam esse setor e bem assim de todos os possíveis locais para utilização dos botes de assalto e a construção de passareiras. Os resultados desses reconhecimentos estão apresentados na figura 2, onde poder-se-á ver os informes relativos à profundidade, velocidade da corrente, possíveis locais para o lançamento e o emprego de botes de assalto. Ao mesmo tempo, foram feitos ensaios de transposição do Roer, utilizando diferentes tipos de material de equipagem. O emprego de botes pneumáticos de reconhecimento para 5 homens deu tão bons resultados como se fossem os botes de assalto M2 e foram feitas as apreciações para comprovar se seria conveniente a construção de uma passareira nessa região. A velocidade da corrente necessitava ser obtida com exatidão para o planejamento da operação; fôra avaliada por várias patrulhas, a grosso modo, como sendo de 2 a 4 metros por segundo. Para determinar exatamente a sua velocidade, foi instalado, durante a noite de 19/20 de fevereiro, um dispositivo de medição, fazendo-se as verificações nas noites seguintes. Na véspera do dia "D", a velocidade da corrente, no local previsto para a passareira, no subsector do 119° R.I., foi de 2,50 m por segundo. A enchente alcançou a sua máxima elevação a 13 de fevereiro, às 0800 horas. Nessa data, o vale inteiro do Rio Roer estava inundado. A fim de determinar o nível da inundação, a Secção de Informações do Btl., instalou a 19 de fevereiro, um mareógrafo próximo do local de transposição do 120° R.I. Duas vezes, durante a noite, faziam-se leituras nesse aparelho, a fim de atualizar os informes sobre o curso da inundação e obter dados complementares que possibilitassem a determinação da hora exata do retrocesso do curso d'água ao nível normal.

B) INSTRUÇÃO

Durante o período de 9 a 21 de fevereiro, foi organizado um Grupamento de Instrução de Engenharia e Infantaria, junto ao Rio Inde (fora da zona perigosa). Este Grupamento tinha a seu cargo a instrução prática de transposição com botes pneumáticos, de reconhecimento, viaturas anfíbias e lançamento de passareiras. Os exercícios práticos eram feitos de dia, inicialmente, e a seguir, com equipamento completo, durante a noite.

III — O PLANO DE ENGENHARIA

A) ORDENS PARA A TRANSPOSIÇÃO

A 21 de fevereiro, foram expedidas as ordens para o 19° C.Ex., dando como data de transposição o dia 28 de fevereiro. Esta data antecedia 24 horas a hora calculada para que as águas do rio detornassem a seu leito.

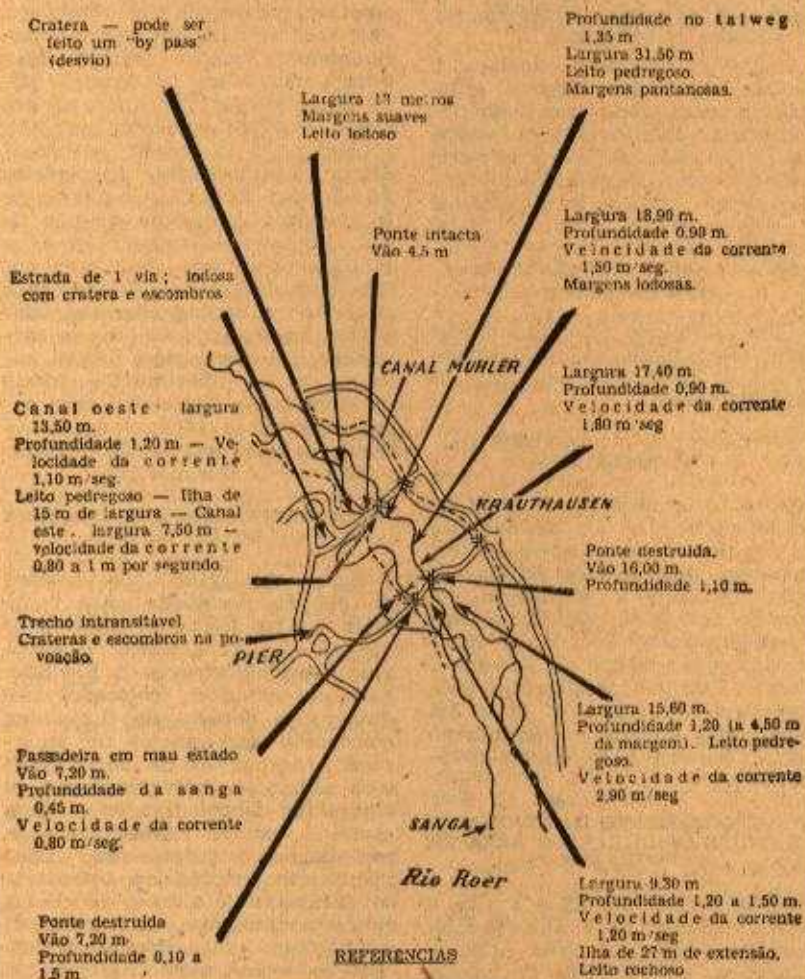
B) MINÚCIAS DO PLANO DE ENGENHARIA

Em concreto, o Plano de Engenharia para a operação, tal como esta se desenrolou (ver figura 3), era a seguinte: transpor com dois regimentos, o 120° R.I. à direita e o 119° R.I. pela esquerda. Cada regimento transportaria desdobrado. A 2ª Cia. do 105 B.E. Comb., reforçada com 2 pelotões da 1ª Cia., transportaria o batalhão vanguarda do 119° R.I. através do rio e canal Muhler, a 200 m a Este de Shaphoven, aproximadamente, utilizando botes pneumáticos de reconhecimento, botes de assalto e passareira. A 3ª Cia. do 105° B.E. Comb. transportaria as primeiras frações do 120° R.I., aproximadamente a 500 metros a Este de Pier, usando botes pneumáticos de reconhecimento e botes de assalto.

O 83° B.E. Comb. construiria uma passareira no subsector do 120° R.I. A 1ª Cia. do 105° B.E. Comb. (menos 2 pelotões) constituiria a Reserva de engenharia do B.E. Divisionário.

O 115° Grupamento de Engenharia construiria 2 pontes de

SETOR CORRESPONDENTE A 30ª D.I.
*(Cópia do Croquis do reconhecimento feito pela
 Secção de Informações do 105 B.E. Comb.)*



REFERENCIAS

NOTA

Os informes sobre o rio foram obtidos antes da inundação

Fig. 2

via simples, da classe de 40 ton., no setor da Divisão: uma construída pelo 82° B.E. Comb. e outra pelo 225° B.E. Comb., na zona atribuída ao 119° R.I. Cada local da ponte exigiria grandes movimentos de terra nas vias de acesso, antes que as pontes pudessem ser construídas e utilizadas.

O 234° B.E. Comb. apoiaria a Divisão, operando viaturas anfíbias na quantidade que fosse necessária. Estas viaturas consistiam em seis LVT-4S e seis LVT-2S (carros de combate anfíbios para transporte de pessoal e material leve).

IV — DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES

Com este plano e com a situação geral como fundo de cena, narraremos as operações, tal como se desenrolaram:

A) CABO DE ANCORAGEM DA PASSADEIRA

Durante a noite de 21 para 22 de fevereiro, o 1° Pelotão da 1ª Cia. de Engenharia estendeu um cabo guia através do rio, no local destinado à passareira, na área do 119° R.I., utilizando, para a sua amarração, árvores de aproximadamente 45 cm de diâmetro. Para evitar a localização pela observação inimiga, o cabo foi conservado frouxo e mergulhado na água, durante o dia 22 de fevereiro.

B) DESLOCAMENTO DAS UNIDADES DE ENGENHARIA PARA A ÁREA DE REUNIÃO FINAL

As 20,15 h do dia 22, a 2ª Cia. e mais 2 pelotões da 1ª Cia. (à disposição), deixaram seus estacionamentos em Pattern e foram transportados em viaturas, juntamente com o material de equipamento que compreendia 65 metros de passareira, 25 botes pneumáticos para 5 homens, 9 botes pneumáticos para 10 homens, 46 botes de assalto M2 e 15 seções de 4,50 m de ponte de assalto (suportes fixos). o pessoal desembarcou em Indem e as viaturas re-

tornaram à área de estacionamento.

As viaturas, carregadas de material, se sucediam com intervalos de cinco minutos, desde Pier para a área de reunião final, situada próximo de Shophoven, enquanto que o pessoal prosseguia a marcha a pé. A 3ª Cia. se deslocou de seu estacionamento, com o seguinte material: 68 botes de assalto M2, 20 botes pneumáticos para 5 homens, 8 botes pneumáticos para 10 homens e 12 seções de passareiras de suporte fixo (passadeira de assalto). Esta Cia. se dirigiu de Indem para a área de reunião final, da mesma maneira que a 2ª Cia. O período de 2100 h até 0245 h foi de grande atividade para os elementos de engenharia divisionários, preparando-se para a travessia. Em suma, até o último minuto, os reconhecimentos foram executados em todos os locais, como também se efetivaram numerosas outras atividades relacionadas com a transposição.

C) A PASSADEIRA DO SUBSETOR DO 119° R.I.

Cerca das 2100 h, o pessoal do pelotão designado para construir a passareira no subsector do 119° R.I., havia tezado o caboguia estendido através do Rio Roer na noite anterior; colocado mais dois cabos dotados de flutuantes, construído dois pontos de amarração (dormentes de ancoragem) e, a seguir os dois cabos para os flutuantes foram fixados a esses mesmos pontos. Imediatamente, precedendo o pelotão da passareira, um pelotão de infantaria foi transportado através do rio em botes pneumáticos de reconhecimento para cinco homens e formou-se assim uma pequena cabeça de ponte entre o rio e o canal, com o fim de proteger os elementos que construíram a passareira.

O material havia sido descarregado e armado em 14 seções completas; cerca das 2400 h foi transportado para ser lançado. Quando se começou o lançamento, verificou-se que, por causa das

amarragens dos cabos aos flutuantes, era impossível colocar as seções armadas entre os cabos e fixar adequadamente os flutuantes aos mesmos. O cmt. do pelotão, decidindo com rapidez, colocou seus homens em forma, determinou o recolhimento das seções da passadeira e armou esta sobre a própria água; a passadeira estava completamente lançada às 0310 h do dia 23 de fevereiro.

Apesar da corrente ser extremamente forte, as conexões com os suportes fixos, as amarras dos flutuantes e os cabos aguentaram o considerável esforço deles exigido. Isto se deu, em primeiro lugar, a uma cuidadosa revisão de todo o material e à manutenção constante executada até o último minuto, com a substituição, em tempo, das partes consideradas defeituosas.

D) TRANSPORTE DA PASSADEIRA DE ASSALTO À LINHA DE PARTIDA

Ao mesmo tempo que era construída a passadeira sobre suportes flutuantes (para travessia do rio), outros pelotões transportavam para a frente as passadeiras de assalto (para transposição da sanga e do canal), a fim de que a infantaria pudesse vencer esses obstáculos mais facilmente.

E) TRANSPOSIÇÃO DO CANAL E DA SANGA

Como mencionamos, uma das principais dificuldades da transposição consistia em que a infantaria pudesse transportar as duas correntes relativamente estreitas e situadas de um e outro lado do rio. As 0200 h, elementos da 2ª e 3ª Clas. haviam improvisado lances de passadeiras através da sanga, na primeira margem, em seus respectivos quarteirões. A coberto da barragem de fogo da artilharia, que começou às 0245 h, no subsector do 119º R.I., um pelotão de engenharia transportou lances fixos previamente armados, em botes pneumáticos. Essas passadeiras foram levadas para o canal e os locais de transposição foram

atravessados com o apoio da artilharia. Não foi necessário o emprego de passadeiras de assalto no subsector do 120º R.I., porquanto os dois vauz sobre o canal estavam ainda intactos.

F) TRANSPOSIÇÃO DO RIO ROER E ASSALTO NO SUBSETOR DO 119º R.I.

No subsector do 119º R.I., às 0245 h, a companhia vanguarda do batalhão de assalto começou a mover-se com seus botes de assalto da "linha de partida" para o rio. Cruzou a sanga e lançou seus botes, às 0320 h, na primeira margem e se dirigiu para a segunda margem do Rio Roer. Somente um bote deixou de efetuar a travessia; fôra pôsto fora de combate junto a uma ilha do rio; mais tarde as tropas de engenharia o recuperaram. A vaga de assalto se dirigiu para o canal às 0330 h; cruzou a passadeira sobre suportes fixos lançada sobre o canal e iniciou o ataque ao 1º objetivo. Em virtude da velocidade da corrente, não foi previsto o retorno dos botes de assalto à 1ª margem para o transporte das vagas subsequentes. Em face dessa circunstância e graças ao treinamento que todos os elementos de infantaria haviam recebido, na parte referente à navegação em botes, somente o piloto, de engenharia, foi designado para cada bote. Foram utilizados botes pneumáticos de assalto com capacidade para 10 homens, depois do assalto inicial. O treinamento fôra executado sobre o Inde.

Quando, às 0310 h, a passadeira sobre suportes flutuantes estava pronta, a transposição por meios descontinuos foi imediatamente suspensa e o restante do batalhão de assalto do 119º R.I. atravessou pela passadeira.

G) TRANSPOSIÇÃO E ASSALTO NO SUBSETOR DO 120º R.I.

Enquanto isso se passava, no subsector do 120º R.I., as coisas não haviam corrido tão bem. A passadeira foi começada às 2400 h, mas aí não havia árvores para

CROQUIS DO DISPOSITIVO PARA AS OPERAÇÕES DE ENGENHARIA PARA A TRANSPOSIÇÃO DO RIO ROER

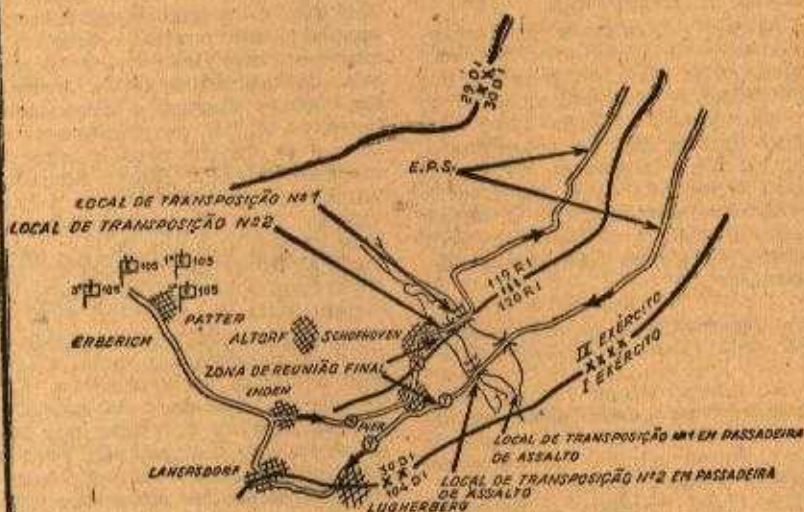


FIG. 3

amarracão do cabo e, portanto, foi necessário preparar dormentes de ancoragem.

Quando os dormentes estavam prontos e o primeiro cabo-guia superava o obstáculo, foi ele cortado por uma granada de artilharia. Ao ser substituído, o novo cabo arrebentou ao ser tesado. Numa terceira tentativa, a princípio, o cabo resistiu ao esforço, mas quando três quartas partes da passareira já estavam lançadas, partiu-se o cabo-guia e toda a passareira foi arrastada pela caudal.

O local foi finalmente abandonado, cerca das 1000 h do dia 23 e outra passareira foi construída nas proximidades da que se achava em uso no subsetor do 119° R.I.

Ambas foram utilizadas para evacuar feridos, antes que estivesse terminada a ponte para viaturas, de maior capacidade e tonelagem.

Os botes de assalto tiveram suas dificuldades e somente um pelotão da Cia. vanguarda conseguiu cruzar a corrente. Todas as tentativas de atravessar botes através do curso d'água por meio de cabos-guia fracassaram, devido à força da corrente.

Pelas dificuldades já mencionadas, foram mal sucedidas outras tantas tentativas de transposição.

Foi finalmente solicitado aos LVT (carros de combate anfíbios de transporte), que acudissem ao local da travessia. Essas viaturas estavam justamente indicadas para

essa emergência, porquanto haviam sido construídas para a transposição do Reno e não haviam sido usadas por terem sido desnecessárias até então.

A 6ª Cia. do 120 R.I. havia praticado o embarque e o desembarque nesse tipo de viatura. A companhia se dirigiu para o local do embarque e imediatamente cruzou o rio à retaguarda da 7ª Cia. Outros elementos do batalhão vanguarda — que era o II Btl. do 120º R.I., foram desviados do sub-setor e cruzaram o rio na área reservada ao 119º R.I. O restante dos elementos a pé da Divisão passaram sobre uma das passarelas, de maneira que todos os elementos divisionários haviam transposto o rio às 1100 h do dia 23, inclusive a reserva, constituída pelo 117º R.I.

H) O APOIO DE ENGENHARIA NA SEGUNDA MARGEM

Tão logo foi suspensa a travessia do rio por meios descontinuos (botes de assalto), dois pelotões (um de cada uma das Cias integrantes do Batalhão de Engenharia Divisionário) passaram para a segunda margem, utilizando uma das passarelas e imediatamente começaram a tarefa de eliminar as minas nas estradas, a fim de que estas ficassem em condições de serem utilizadas quando as viaturas pudessem transpor o curso d'água.

I) O EMPREGO DE FUMÍGENOS

Do estudo da situação concluiu-se que os germânicos teriam vistas sobre a região da travessia, durante o período em que o rio representasse obstáculo às novas tropas e assim perturbando ou quiçá impedindo a nossa operação de transposição. Para fazer face à essa situação, 50 aparelhos produtores de fumaça, da 82ª Companhia de Fumígenos, iniciaram, às 5 horas do dia 23 de fevereiro, o estabelecimento de uma cortina de fumaça sobre a região de transposição. Esta cortina tinha 1.800 m de profundidade, 6 km de frente e

660 metros de altura, a qual foi mantida durante 32 horas, impedindo a observação direta inimiga sobre o local da transposição, desde o dealbar do dia D até à conclusão da primeira ponte para viaturas. Foi necessário atenção constante, observação e controle da produção da fumaça para manter a cortina com a espessura necessária, a fim de apoiar nossas operações, mas, ao mesmo tempo, era preciso que não fosse tão densa que entorpecesse as tarefas das nossas próprias tropas e anulasse a observação da nossa artilharia sobre as linhas inimigas, uma vez que a observação, por parte da artilharia, figura em primeiro plano para facilitar a realização do conjunto infantaria-artilharia.

J) TRABALHOS DE COOPERAÇÃO DA ENGENHARIA

Às 0245 h, o 295º B.E. Comb., sob a proteção da barragem de fogo da artilharia, começou a limpeza da povoação de Pier, usando equipamento pesado para desbaratar a estrada principal de suprimentos. Os escombros das destruições efetuadas na povoação foram levados para o caminho de acesso à ponte. Cerca das 0800 h, o trabalho da primeira margem estava bem satisfatório, de tal forma que pôde ser iniciada a aproximação do material para a construção da ponte no lugar indicado. A extensão da cortina de fumaça evitou o fogo de artilharia observado, sobre a ponte, no sub-setor do 119º R.I. A artilharia alemã havia sido muito pouco precisa, porquanto desconheciam o atual local da ponte, equivocando-se, aproximadamente, em uma distância de 200 metros. A fumaça não deu oportunidade aos alemães de regularem o tiro; pôde-se assim trabalhar descansadamente durante todo o dia. Até que a artilharia alemã fosse completamente dominada pelo fogo esporádico da nossa artilharia, ela sempre atirava com um erro de 150 a 200 metros. Assim, nesse local, não houve feridos pelo fogo da artilharia inimiga.

A construção da ponte foi iniciada às 0945 h; cerca das 1100 horas, foi colocado o primeiro lance sobre suportes flutuantes. O trabalho progrediu lentamente; houve demora, em vista da dificuldade de realizar a ancoragem, porquanto os cabos de âncora ficavam completamente enroscados e despedaçados no leito pedregoso do rio. Além disso, as turmas de ancoragem tiveram dificuldade em recuperar esses cabos. Outra demora foi ocasionada pela preparação dos caminhos de acesso, motivo pelo qual as viaturas com material não podiam chegar junto ao canteiro de trabalho da ponte. Cerca das 1400 horas, um cabo-guia foi instalado com êxito e a construção da ponte prosseguiu.

Mais tarde, houve novo retardo. O pelotão da segunda margem descobriu uma bomba de 250 kg, não detonada, enterrada próximo do local do 2º encontro da ponte em construção; foi retirada com o auxílio de um pelotão especial para retirada de bombas. O trabalho continuou sem interrupção e a ponte finalmente estava concluída às 1900 h do dia 23. Trinta e três metros de ponte sobre suportes flutuantes haviam sido colocados em uma corrente de aproximadamente 2,50 m por segundo.

Durante a construção da ponte, um pelotão de engenharia passou para a 2ª margem, utilizando a passarela, e iniciou a construção de um trecho de estrada de 180 metros de extensão, entre o rio e o canal. Uma cratera ficou para ser atulhada para quando a ponte sobre suportes flutuantes estivesse concluída e o pelotão dispusesse do "bulldozer" da companhia. Uma hora mais tarde, a cratera estava atulhada e deu-se o começo à construção de uma outra ponte, sobre suportes fixos, de 22 metros de vão, sobre o canal; foram lançados três cavaletes. A construção da ponte progrediu sem maiores dificuldades, ficando terminada às 2400 h do dia 23 de fevereiro. O comando da Engenharia (E.D.) foi notificado e o tráfego pela ponte teve início cerca das

0100 h de 24; assim, os elementos de engenharia tiveram ainda uma hora extra para bulizar os itinerários de acesso, dar os últimos retoques na ponte e limpá-la completamente o local de trabalho.

Enquanto isso, no subsetor do 119º R.I. apresentavam-se muito maiores dificuldades. O fogo da artilharia inimiga havia sido muito mais preciso, conseguindo, assim, retardar a construção da ponte nesse local. As viaturas anfíbias continuaram conduzindo pessoal e munição e as viaturas de 1/4 ton. traziam feridos e prisioneiros de guerra em suas viagens de retorno. A construção da ponte sobre suportes fixos, no subsetor do 120º R.I., foi retardada não só pelo fogo, mas também pelo péssimo estado do local, além dos atrasos para transportar o mesmo material, em virtude das más condições das estradas. Cerca das 1500 horas do dia 23, havia sido construída uma ponte sobre a sanga, na primeira margem do rio. Esta era uma ponte sobre suportes fixos, de 3 lances. A construção desta ponte só teve início às 0600 h do dia 24, ou seja, 2 pontes já haviam sido lançadas no subsetor do 119º R.I. Os estilhaços de granadas continuavam caindo sobre o local, mas tinham pouco efeito, em virtude da grande distância de que eram lançadas e à falta de observação inimiga.

A construção prosseguiu lentamente, devido à necessidade de construir a ponte por pontões sucessivos e bem assim pela falta de locais próximos que permitissem a construção de portadas. Uma ponte sobre suportes fixos, de 11 metros de vão, sobre o canal "Muhler", ficou pronta às 0500 h do dia 24, utilizando-se material de pontes transportado em viaturas, cruzando a ponte sobre suportes fixos construída no subsetor do 119º R.I. Tal providência permitiu que o 82º B.E. Comb. trabalhasse simultaneamente em ambas as margens, na preparação das vias de acesso. Na noite do mesmo dia, um ataque aéreo inimigo danificou três suportes

flutuantes, mas, como o nível d'água do rio havia baixado, esses suportes foram substituídos por 2 cavaletes, sem que tal trabalho interrompesse o tráfego sobre a ponte.

K) UTILIZAÇÃO DAS PONTES PELAS UNIDADES

Estas duas pontes de material regulamentar permitiram o tráfego em uma só direção, no setor da Divisão. Os elementos divisionários transpuseram o rio e, enquanto o ataque prosseguia para o Norte e para Leste, as demais unidades cruzavam o Roer.

V — PRINCÍPIOS MAIS IMPORTANTES

Convém fazer aqui alguns comentários gerais sobre a transposição propriamente dita.

Primeiramente o plano de operações, incluindo o plano de suprimentos, foi executado em minúcias, o suficientemente flexível para permitir acompanhar o desenrolar das operações, de acordo com a situação. Nesta transposição, as minúcias do plano foram muito melhor delineadas do que em outros planos de características normais.

A) REUNIÃO PRÉVIA DOS COMANDANTES DA G.U. E DAS UNIDADES DIVISIONÁRIAS

Depois de uma reunião prévia dos comandantes de corpos, o plano de transposição foi elaborado pelo E.M. da Divisão, com elementos fornecidos pelas unidades de engenharia de combate, pelo Grupamento de Engenharia de Combate e pela Engenharia Divisionária. As demarches para tal "desideratum" se realizaram sem atritos nem dificuldades, dispensando mesmo a reunião formal dos componentes dos E.M. das unidades, em virtude do longo tempo que já operavam em conjunto.

Durante a transposição, os P.C. da E.D. e do 115º Grupamento de Combate de Engenharia que apoiava a 30ª D.I., estavam quase sempre junto ao Posto de Comando

da Divisão. A E.D. e o Grupo de Comando da D.I. trabalharam estreitamente unidos em todas as operações, de tal maneira, que cada um conhecia exatamente o outro estava fazendo no momento.

A operação foi levada a cabo de forma completa e qualquer dificuldade que pudesse sobrevir, era solucionada de imediato.

B) A CONSTRUÇÃO DA PONTE FOI LENTA, MAS SUPEROU AS PREVISÕES

A construção da ponte para viaturas foi lenta, mas os cálculos indicavam que não poderíamos pretender que a mesma pudesse estar pronta antes de 38 horas, após o ataque inicial. Quando se verificou, mais tarde, de forma superficial, que a ponte poderia estar terminada 21 horas após o início do ataque, havia sido superado o cálculo anterior. Tal ganho de tempo permitiu a passagem de carros de combate, "tank-destroyers" e da artilharia através do rio na primeira noite, de tal modo que um ataque coordenado pôde ser efetuado nas primeiras horas da manhã de 24, para colimação do objetivo final da unidade.

C) TRANSBORDO E TRANSPORTE FLUVIAL

Dadas as condições torrenciais do curso d'água, não houve transbordo de uma embarcação para outra e nenhum transporte fluvial foi empregado durante esta operação, salvo o dos elementos que foram levados pelas viaturas anfíbias no subsector do 120º R.I. As condições da corrente tornaram esta tarefa de difícil execução, em consequência da qual nenhum transporte fluvial foi considerado viável.

D) EMPREGO DE FUMIGENOS

A fumaça foi empregada com excelentes resultados. Sem ela, cre-se que a transposição não poderia ter sido realizada com êxito. Uma vez que os locais de transposição não podiam ser alterados, o inimigo teria tido oportunidade

de regular o tiro de sua artilharia e o efeito de suas granadas, nesses locais, devido à sua natureza, por certo teriam sido desastrosos. O tempo era fresco, húmido e, de modo geral, uma brisa soprava na direção do inimigo. Estas condições atmosféricas fizeram com que, quase sempre, a fumaça se mantivesse junto ao solo, sob condições ideais.

E) HORA DA TRANSPOSIÇÃO

A hora da transposição é quase sempre objeto de discussão acalorada; há muitos argumentos pró e contra a transposição diurna ou noturna. A extrema velocidade do rio era contra um bom resultado para uma transposição noturna, mas esta estava a coberto de um fracasso, graças às precauções excepcionais tomadas com antecipação. Uma vez todas as unidades que tomavam parte na operação eram constituídas de elementos experimentados e que já haviam participado em numerosas outras travessias, preponderou a decisão de se transpor o rio à noite. É óbvio que tropas novças ou sem experiência enfrentariam grandes dificuldades, em virtude da confusão que se estabelece em ocasiões como essas, particularmente à noite. Nesta transposição, houve ainda um espaço de tempo disponível, de modo que permitiu reconhecimentos minuciosos, preparação e treinamento intensivo, em conjunto. Tudo isto vem mostrar que uma transposição exige uma preparação minuciosa, se quisermos nos beneficiar da obscuridade. Há que lembrar que a confusão é um poderoso inimigo.

F) OPORTUNIDADE DA CONSTRUÇÃO DA PONTE PARA VIATURAS

A oportunidade de início da construção de uma ponte para viaturas é também uma questão que demanda considerações cuidadosas. Há dois fatores a serem levados em conta:

1º — A necessidade de reforços sobre a segunda margem, incluindo

carros de combate e outras viaturas pesadas.

2º — Disponer, a tempo, do material de equipagem de pontes.

Estas duas considerações parecem ser diametralmente opostas, mas a experiência vai demasiado longe quando se trata de conciliar estes dois fatores opostos. Em cada assalto, há um período no qual a surpresa da ação evitará muitas perdas. Numa transposição importante, esta circunstância representa um fator decisivo, logo depois do primeiro golpe do ataque e antes que o inimigo tenha tempo de examinar nossas intenções e deslocar-se para tentar rechassar os nossos elementos. Em outras palavras, se estivéssemos organizados de modo a conseguir completa preponderância, aproveitando-nos da desorganização temporária do inimigo, nossa missão deveria ser executada de forma mais eficiente. Isto significa então que, de um modo geral, devemos aproveitar a vantagem do primeiro golpe para construir nossas pontes com a máxima rapidez, inclusive as pontes para viaturas.

G) PASSADEIRAS CONSTRUÍDAS ANTES DA HORA "H"

É digno de notar que as passarelas foram construídas antes da hora "H". Isto é quase excepcional e devido inteiramente às informações colhidas pelo serviço secreto, a par dos reconhecimentos de engenharia, de tal forma que pôde ser feito o lançamento das passarelas, sem dilação. Teve êxito, mas isto não pode ser tomado como uma generalidade.

H) SISTEMA DE COMUNICAÇÕES

Para ligar todos os locais de transposição, as linhas telefônicas foram estendidas para a frente, sendo a maior parte delas enteradas em quase toda a sua extensão, como medida de proteção contra o tiro da artilharia inimiga.

Afora isso, os aparelhos rádio SCR-300 (RAD-101) foram instalados em todos os locais de transposição e estabelecida uma

rêde em fonia entre os P.C. dos B.E. Comb., a E.D. e o Comando da Divisão. Estas previsões de meios de comunicações valorizaram grandemente a operação de transposição. Diante do fracasso dos meios, na transposição inicial do 120° R.I., estivemos em condições de modificar, de imediato, o dispositivo das viaturas anfíbias, determinando-lhes o transporte de alguns dos elementos de assalto. Ainda, quando se teve notícias de que a construção da passareira iria demorar, no subsector do 120° R.I., achávamo-nos em condições de alterar o deslocamento das tropas de infantaria, em ambos os subsectores, para qualquer uma das passareiras. Graças à essa rêde de comunicações, a E.D. e o Comando do Grupamento de Engenharia estavam a par, em qualquer momento, do que se passava em todo o setor da Divisão. Tal providência apresentava maiores vantagens do que se os elementos de comando, sem os meios de comunicações, permanecessem em um só local, em detrimento de outro.

C) A SURPRESA

Não pode haver dúvida que a surpresa foi obtida no setor da

30° D.I., sobrepujando tôda a expectativa. Tal impressão foi confirmada pela captura de um diário de guerra alemão. Dizia este, em síntese: "Consideramos o setor de Julich e a auto-estrada (justamente ao norte do Roer) absolutamente inviolável como local de transposição para o assalto. Aqui o inimigo obteve, justamente, uma das muito poucas surpresas táticas da guerra."

CONCLUSÕES

A transposição do Roer demonstrou que não pode haver regras absolutamente fixas, porque duas transposições de cursos d'água nunca são idênticas. Todavia, é claro que, em tais operações, deve haver uma coordenação de tôdas as armas e caracterizarem-se elas por uma agressividade judiciosa; o princípio da surpresa deve ser explorado ao máximo; de existir um bom planejamento, sem perder a flexibilidade indispensável e que, tudo isso, corresponde a exigir uma clara e marcante responsabilidade, pondo em relêvo a necessária técnica e habilidade tática.



O COMBATE SUPERSÔNICO

Por JAMES L.H. PECK. (Da revista *Ordnance*).
Publicado em "Ejército", de agosto de 1951.
Tradução do Major CESAR NEVES.

XISTEM já mais de cinco aviões norte-americanos que voam com velocidades maiores do que a do som. Três deles são aviões de combate de uso corrente, que se encontram atualmente em produção. Outros três aviões supersônicos, de desenho ainda mais novo, estão sendo objeto de ensaio e pelo menos um bombardeiro e vários aviões de combate que se acham também em serviço operam com velocidades que margeiam os limites da região transônica. Muito menos aperfeiçoadas se acham, sem dúvida, as armas com que os citados aparelhos se preparam para cumprir a sua missão na batalha.

Todos os progressos ou aperfeiçoamentos da máquina voadora são de escassa ou nenhuma utilidade para a arma aérea se não forem acompanhados simultaneamente de uma "superioridade de fogo" sobre o avião com que trave combate. Isto é exatamente o que está sucedendo: os progressos conseguidos na técnica aeronáutica tornam cada vez mais antiquados os armamentos e equipamentos necessários aos aviões para atender às necessidades do combate e, assim, trás como consequência que o armamento que poderíamos denominar clássico não possui a potência necessária para abater ou ao menos obter uma decisão sobre o inimigo, em um combate a tão grande velocidade como no em que se verão empenhados os pilotos dos novos aviões.

Certas experiências, muito interessantes, levadas a efeito na base

aérea de Eglin, revelaram que as bombas lançadas de aviões de retropropulsão de grande velocidade rodopiavam frequentemente tão logo abandonavam o aparelho lançador. Algumas vezes, as ditas bombas perdiam suas alhetas estabilizadoras ou sofriam explosão prematura. Em outras ocasiões, particularmente quando se tratava de bombas de 100 quilogramas ou outras mais pesadas, giravam caprichosamente ao longo de sua trajetória. Quaisquer destas causas de falta de estabilidade perturbavam a trajetória, tornando impossível a precisão do impacto.

A respeito das trajetórias seguidas pelos projéteis das metralhadoras de bordo, também deixam muito a desejar, durante o combate supersônico, uma vez que sua dispersão é excessiva, porque tanto a arma como o objetivo se deslocam de maneira excessivamente rápida.

A simples comparação de algumas das condições balísticas com que opera um caça corrente tal como o P-51 D "Mustang", em contraste com as de alguns dos aviões supersônicos atuais, tal como o F-86-A "Sabre", nos facilitará a compreensão dos problemas que terá de enfrentar um moderno piloto de caça. O armamento, nos dois casos, supomos ser a metralhadora de 12,7 mm, atirando munição perfurante.

A velocidade de cruzeiro do "Mustang" é de 480 a 560 quilômetros por hora e a ocasional, de guerra, de 720 quilômetros por hora, enquanto que a velocidade do "Sabre" é de 880 km/h, aproximando-se de 1.120 km/h, em caso

de necessidade. Os pilotos de ambos os aviões podem contar que dispõe de um alcance máximo eficaz de 360 m ou de um alcance ideal de 225 m, distância que é bastante precária, quando se trata de um avião que voa com velocidade transônica, porque percorre essa distância em pouco menos de um segundo.

Com efeito, abstração feita da atenção que tenha o piloto de prestar à direção do avião, existem diversos fatores que influem na precisão do tiro. Em primeiro lugar, atua a carga de projeção e a velocidade de que vai animado o avião. A estabilidade deste último é outro dos fatores atuantes que pode alterar a linha de pontaria. Como terceiro fator, pode-se considerar a resistência oferecida pelo ar ao movimento do projétil, a qual faz baixar de um terço a velocidade do mesmo, quando se trata do avião "Mustang", disparando sobre um alvo a 360 m de distância (enquanto que os disparos do "Sabre" encontram, sem dúvida, maior resistência, não obstante o voo a maiores altitudes; a menor densidade do ar produz menor atrito). A dispersão, finalmente, pode ser considerada como o fator mais importante de perturbação no combate a grandes velocidades, uma vez que, se esta é excessiva, ao disparar contra alvos terrestres, parados, ao fazê-lo contra alvos deslocando-se com grandes velocidades, os projéteis não poderão incidir suficientemente juntos sobre o alvo para alcançar um efeito eficaz sobre o mesmo. Isto quer dizer que as altas velocidades ocasionam escassos impactos sobre o alvo, ainda mesmo tratando-se do mais hábil atirador.

Outros múltiplos fatores entram também em linha de conta na mencionada perturbação do tiro sob velocidades elevadas. Entre eles, acha-se a ação da força da gravidade, atuando sobre a massa do projétil, que no caso do calibre de 12,7 mm o faz cair 1,20 m, durante o primeiro meio segundo. Com efeito, juntamente com outros, tais como os produzidos pela "derivação" e pelo "arrastamento", resul-

tantes do movimento giroscópico do projétil e de um movimento secundário de rotação, respectivamente, devem ser levados em conta na pontaria, mediante dispositivos corretores do aparelho de pontaria ou mira. Os pilotos estimam, porém, que nas velocidades supersônicas afetarão, sem dúvida, a precisão dos tiros efetuados.

No caso de que o tiro se efetue partindo da torre é em direção diferente da seguida pela rota do avião, então o projétil sofre o efeito conhecido pelo nome de "Reelevação Anemográfica". Quando a torre gira para atirar para a esquerda, o projétil gira por efeito da corrente de ar retrógrada, sofrendo uma reelevação positiva; se o giro da torre for para atirar para a direita, o projétil sofre uma reelevação negativa, ou seja para baixo. Quanto ao mais, se o tiro se fizer para cima, o projétil sofrerá um desvio para a esquerda, enquanto que se disparar para baixo, o desvio será para a direita. Como já dissemos, o aparelho de pontaria ou mira das armas do avião corrigem a maioria dos fatores básicos que atuam nas velocidades de cruzeiro normais, porém não os originados nas velocidades transônicas.

LANÇAMENTO DE BOMBAS

O visor de bombardeio é utilizado para dirigir o lançamento do avião e calcula a trajetória descrita por certo tipo de bombas. O trajeto da bomba, desde o ponto em que se efetua o seu lançamento até o ponto de impacto, denomina-se alcance da bomba. Um bombardeiro B-29, voando com uma velocidade de 400 km/h e a uma altura de 3.600 m, tem um alcance de uns 2,9 km com a bomba de 250. Um bombardeiro B-45C, voando à mesma altitude e com uma velocidade de 770 km/h, tem um alcance de 5,6 km. Sem dúvida, com os novos bombardeiros, é de se esperar que possam operar em altitudes três vezes maiores, o que dará lugar a alcances muito maiores.

Devido a esta circunstância, os pilotos de aviação reclamam cada

vez com maior urgência a necessidade de dispor de bombas que possam ser lançadas com segurança de predição para atingir o alvo. Os técnicos balísticos, por sua parte, estão de acordo em considerar que a conduta caprichosa e impossível das bombas lançadas nas citadas circunstâncias obedece ao efeito da compressibilidade do ar circundante, desenhando, de acordo com isto, novas bombas aerodinâmicas sobre cuja superfície o ar fluirá muito mais suavemente nas grandes velocidades. Bombas aerodinâmicas de ensaio, de uns 1.000 kg de peso, foram lançadas, no campo experimental de "Eglin", de aviões que voavam com uma velocidade de 800 km/h, observando-se que, embora não rodopiassem, oscilavam durante a primeira parte da sua trajetória, diminuindo súbita e consideravelmente a sua velocidade, depois de haver abandonado o dispositivo lançador.

Na procura de uma bomba mais rápida e que siga uma trajetória normal, as bombas de ensaio foram equipadas com pequenos foguetes propulsores, os quais, pôsto que tornassem a trajetória aceitável, não permitiam, não obstante, obter boa precisão sobre o alvo, de vez que a inevitável desigualdade nas quantidades de pólvora dos foguetes e as variações do tempo de ignição da mesma davam origem a diferenças na queda de cada bomba.

Enquanto isto, os novos visores de pontaria estão sendo feitos à base de equipamentos de radar, com dispositivos de cálculo automático da predição, o que permite obter dados precisos sobre o alcance para o lançamento de bombas.

ARMAMENTO DOS AVIÕES

Entre os progressos obtidos no armamento dos aviões de caça, encontra-se o novo canhão automático de 20 mm, o qual apresenta algumas inovações interessantes, tais como as que se referem ao comprimento e revestimento exterior do tubo, os novos mecanismos de alimentação e ejeção, e a melhor lu-

brificação. Este canhão tem um alcance máximo eficaz de 660 metros.

há metralhadora de 15,24 mm, que esteve em estágio de aperfeiçoamento desde a terminação da Segunda Guerra Mundial, com uma cadência de tiro muito menor do que a de 12,70 mm, porém com uma velocidade inicial de 1.000 m/s, o que lhe proporciona maior alcance e uma trajetória mais rásante. Também considera-se como armamento, tanto para os aviões de caça como para os de missões táticas, um canhão de 75 mm de características muito melhoradas.

Quanto aos foguetes, transformaram-se numa eficiente arma de combate aéreo. Embora os foguetes estabilizados por alhétas, tais como o H.V.R. "São Moisés", se encontrem já bastante adiantados, ao escrever estas linhas, poderá ser, contudo, mais apropriado para os caças o tipo pequeno de foguete com estabilização giroscópica. Também se encontra muito adiantado o estudo de um lança-foguetes com alimentação em cinta, se bem que as considerações de espaço constituem, neste caso, um verdadeiro problema, quando se trata de adaptá-lo à prôa afilada do avião de propulsão a jato, o F-90, ou à prôa com tomadas de ar, como a do F-91.

Atualmente fala-se muito de um novo canhão que dispara projéteis de carga ôca, assim como de um outro que lança uma espécie de jato de metal fundido sob elevadíssimas velocidades, de maneira semelhante à saída da pasta de um tubo de dentifrício, quando se o aperta súbita e intensamente. A resposta ao combate supersônico poderia ser muito bem por meio de armas tão formidáveis como as que acabamos de mencionar que garantissem a destruição do alvo com o simples impacto.

O tão falado canhão de "super velocidade inicial" encontra-se, todavia, na fase de estudos de laboratório. Sem dúvida, parece que faz grandes progressos o aperfeiçoamento de um canhão de 40 mm de alma cônica, com um calibre final de 20 mm. O modelo de projétil, disparado por esta arma, é de

ação maciço, fabricado com alta precisão, e que é lançado com uma velocidade inicial de 1.850 m/s.

APREENSÃO DO OBJETIVO

Como já mencionamos no decurso desta exposição, uma das considerações primárias, tanto para o piloto do avião de caça, como para o de bombardeio, é a que se refere à apreensão do alvo.

O bombardeiro, especialmente necessita das duas espécies de dispositivos óticos e eletrônico (radar) para visar o seu objetivo de altas altitudes.

Quando se opera sob tetos baixos (voo rasante), haverá sempre a possibilidade de deslizar-se sobre o alvo, antes de ser reconhecido pelo mesmo.

Quando se trata de pilotos de caça, estes terão, todavia, maiores dificuldades, já que é conhecido o fato de que a alguns dos mais experimentados azes da Segunda Guerra Mundial lhes era difícil observar os aviões em elevadas velocidades, e ainda no caso de poder fazê-lo, era pouco menos que impossível a identificação, ao ter de apontá-los com suas armas.

É verdade que, já na Segunda Guerra Mundial, utilizava-se o radar para identificar e apontar os canhões aéreos contra o inimigo. O equipamento I.F.F. (identificação de amigo ou inimigo) não era, sem dúvida, infalível, pois que necessita ainda de muitos aperfeiçoamentos para torná-lo suficientemente simples e eficiente nas velocidades de combate atuais e ainda mais nas que possam surgir para o futuro.

O que o piloto precisa é de uma combinação do radar I.F.F., um calculador e um dispositivo de pontaria que atue tão rapidamente sobre o mecanismo de disparo que permita abrir fogo antes mesmo que o piloto possa divisar o objetivo.

Sem dúvida, uma vez reconhecido o objetivo, qual deverá ser a tática empregada para atacá-lo? Quando a tática empregada é a "curva de perseguição", a obriga-

tória diminuição de velocidade do caça durante suas viradas, poderiam colocá-lo à mercê do fogo das armas da torre do avião de bombardeio atacado, uma vez que existem leis precisas de balística que governam a correta utilização da mencionada curva.

O piloto de caça poderá realizar a sua missão mediante um ataque em voo transversal ou cruzado, durante o qual se aproxima em linha reta desde uma determinada posição, disparando com uma certa predição sobre o alvo, com a esperança de que este último se introduza na direção do fogo disparado.

Porém nas grandes velocidades empregadas, a predição a utilizar será extraordinariamente alta, a mesma que a velocidade com que se aproxima do inimigo, com o subsequente perigo de colisão ou de erro.

Existe finalmente outro meio: o ataque da cauda do alvo de uma posição mais alta, mais baixa ou do mesmo nível. Neste caso, além de expôr-se aos tiros da defesa, se o avião atacado é um bombardeiro, existe o perigo de cair dentro do torvelinho da corrente de ar que este deixa atrás de si. Não faz ainda muito tempo que dois aviões dos tipos F-80 e F-84 se desintegraram completamente por esta causa, ao se exporem aos efeitos do turbilhão (rodamoinho) de ar da esteira deixada por um B-29. Outro piloto de um F-84 pôde utilizar o seu pára-quedas e salvar-se, depois de perder o seu avião uma asa, ao introduzir-se em uma tal esteira.

Vemos, pois, que enquanto se remediarem todas as dificuldades surgidas pelas grandes velocidades de combate, os pilotos dos novos aviões de caça supersônicos deverão diminuir a velocidade de voo, se pretendem realizar os seus tiros e lançamentos com aceitável eficácia. Isto é, terão que sacrificar, no momento, a vantagem aparente que os projetis dos aviões haviam alcançado e cujas esperanças parecem haver se transferido para um futuro mais ou menos distante.

AS INFORMAÇÕES NAS UNIDADES DE INFANTARIA

Capitaine VUILLERMET

Tradução do Major WALDIR DOS SANTOS
LIMA

Em seu artigo "Propos sur l'Infanterie d'aujourd'hui", publicado no número 147 da "Revue Militaire d'Information", de 25 de janeiro de 1950, o general de divisão CURNIER, inspetor de Infantaria, definiu as características gerais das missões que, em futuro próximo, poderão cair sobre a Infantaria.

A manobra da Infantaria será caracterizada pela passagem rápida e discreta de um dispositivo flexível para outro poderoso, surpreendendo tanto o inimigo forte como o fraco; ou, inversamente, por uma mudança do dispositivo inicial para evitar a ação de um inimigo que se concentra para agir em força.

O chefe tem o dever de informar-se sobre tudo o que se passa na porção do terreno em que deverá manobrar. Esta zona, todas as vezes que as unidades não forem se empenhar em ações potentes, será sempre muito extensa.

Para conservar a sua liberdade de ação, para montar manobras e contra-manobras, para escolher entre potência e flexibilidade, para impedir que se deixe dominar material e moralmente por um adversário ora fugidivo, ora brutal, é mister realizar o contacto permanente com o inimigo. Os meios atuais são, a rigor, suficientes para a procura de informes sobre a frente, mas não correspondem às condições de procura, em extensão.

No escalão teatro de operações e no exército, a aviação e os serviços especiais estão aptos efetivamente à procura, em extensão, contra um inimigo modernamente equipado e em terreno médio. O mesmo não se dá nos escalões inferiores: Di-

visão, grupamento tático, batalhão de Infantaria.

O Regimento de Reconhecimento informa sobre os eixos e somente na medida em que encontra oposição à sua ação e pode recolher informes de habitantes ou da observação. Os segredos dos bosques, da noite, as ações discretas dos guerrilheiros ou dos "comandos" escapam à sua atividade. É suficiente ao inimigo abandonar as estradas e cobrir-se à aproximação dos blindados de reconhecimento.

O batalhão terá, por únicos recursos, os postos de observação e as patrulhas. Um batalhão será forte sobre 1 a 1,3 km². Esgotando seus 200 voltadores em patrulhas contínuas, ele dominará de 4 a 10 km², mas de que disporá para ser informado sobre uma zona de ação de 50 a 100 km²? Como poderá o seu comandante obter informes em tempo útil à manobra de toda a sua tropa? Ser informado sobre 100 km², preceder o inimigo de uma hora, tais são as duas condições que possibilitam ao batalhão conservar a iniciativa e manobrar.

Os meios de informações atuais sendo insuficientes, convém calcular os necessários, especificando quais deverão ser as suas características e suas missões.

CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES DE INFORMAÇÕES

Para completar a ação das unidades orgânicas do presente, as unidades de informações a instituir deverão ser discretas, porquanto terão de informar sobre um inimigo desdobrado em superfície, utilizando as cobertas e a noite.

Fluidas, pois que terão de infiltrar-se pelas retaguardas e pelos intervalos, a fim de observarem o tráfego nas linhas de comunicação, os movimentos de concentração ou de dispersão. Deverão estar em condições de se dispersarem em grupos de 2 ou 3 homens ou, mesmo, por indivíduos isolados.

Móveis, ligeiras e de grande penetração, para chegarem ao contacto efetivo do inimigo (contacto de observação, unicamente) e informarem sem delonga o chefe.

Capazes na procura do informe relativamente distante, segundo todos os métodos discretos (informe preciso e completo), e na sua transmissão por todos os meios. Resolutas, aptas à vida dos guerrilheiros, hábeis em atos de sabotagem e em ardis. É interessante acentuar que estas unidades deverão possuir bons quadros e que, inversamente, poderão constituir magníficas escolas de quadros.

MISSÕES DAS UNIDADES ESPECIAIS DE INFORMAÇÕES

A estas unidades, o chefe pedirá os informes necessários:

- à sua liberdade de ação
- à sua manobra.

Elas deverão completar a ação dos outros órgãos de busca de informes (notadamente patrulhas de contacto), delimitando os pontos efetivamente ocupados pelo inimigo e revelando os seus preparativos;

— controlar os espaços vazios nos dispositivos ou os eixos de circulação para conduzir as manobras, a infiltração de emboscadas, os golpes de mão e vasculhar o terreno nos deslocamentos em zonas de insegurança.

Poderão, também, assegurar as ligações entre unidades isoladas ou infiltradas no interior do dispositivo inimigo.

Serão chamadas eventualmente para:

- guiar tropas de guerrilha sobre as linhas de comunicação do inimigo;
- tomar contacto com os elementos da 5ª coluna amiga;

— ferir o moral do adversário no quadro dos chamados planos de "decepção" ou de contra-informações;

— dificultar a ação dos órgãos inimigos que estiverem à procura de informes.

ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÕES

Tendo examinado as características e os papéis das unidades de informações, proporemos um tipo de organização possível a estas unidades.

NO BATALHÃO

Independente do oficial de informações integrante do estado-maior do Btl.:

- dois oficiais;
- uma equipe de comando;
- uma equipe de transmissões;
- quatro grupos compostos, cada um, de um chefe de grupo, duas equipes de um graduado e dois homens. Cada equipe seria dotada de postos de rádios portáteis muito leves e com alcance de 15 a 20 km. A seção disporia de dois jeeps, duas motos, dois caminhões para pessoal e um para material e P.C.

O material de uma tal seção deveria compreender uma grande variedade de equipamentos ligeiros, armas portáteis, petrechos para sabotagem, trajes e bicicletas civis, aparelhos de foto, meios de transmissão e de sinalização. Cães especialmente treinados integrariam estas equipes.

As companhias que tivessem missões particulares ficariam com um grupo à disposição.

NO REGIMENTO DE INFANTARIA

Uma ou duas seções do tipo indicado para o Btl., coordenando suas ações com a das seções de reconhecimento e informações dos batalhões, permitiriam organizar a busca do informe na zona de ação do grupamento tático.

NA DIVISÃO DE INFANTARIA

A ação do Regimento de Reconhecimento, apto somente à busca de informes sobre os eixos e à dos tradicionais órgãos de informações, conviria acrescentar a vigilância geral dos campos de batalha por aviões ligeiros e helicópteros, independentes dos aviões de artilharia e a procura de informes em extensão pelas unidades de reconhecimento e informações:

- Companhia divisionária de reconhecimento e informações, a três seções
- ou
- esquadrão especial de reconhecimento do Regimento de Reconhecimento divisionário.

INSTRUÇÃO DAS UNIDADES ESPECIAIS DE INFORMAÇÕES

As missões e o modo de ação dessas equipes e agentes de informações fazem antever as dificuldades de seleção e de formação desses combatentes altamente especializados, destinados a servirem como antenas invisíveis e ultra sensíveis do chefe em toda a extensão de uma vasta zona de ação.

Esta instrução não saberia se improvisar como a dos franco-atiradores ou a dos agentes de ligação e de informações dos *maquis*. Ela é tão delicada como a do escla-recedor, a do patrulhador, a do comandante de grupo de combate.

Ela requer uma verdadeira cultura militar e o desenvolvimento de todos os sentidos do ser humano.

Em compensação, o pequeno comandante de infantaria que passar por tal escola não temerá a noite, o isolamento ou a insegurança. Ardís de guerrilheiros ou golpes de fogo não bastarão para comprimir os homens em dispositivos amontoados e paralizados. Ele não sofrerá facilmente a superioridade de um adversário manobreiro.

* *

Se ainda é preciso provar que a criação de unidades especiais de reconhecimento e informações corresponde à uma necessidade, é suficiente apelar-se para o testemunho de todos os que, em operações, se encontraram isolados e responsáveis por uma grande zona de ação. Seu reflexo sempre os obrigou a improvisar a procura de uniformes o mais longe possível. Em muitas unidades, aliás, experiências foram realizadas, seja no decorrer de manobras, seja durante a campanha da Indo-China. Por isto, parece chegado o momento de fazer-se a síntese da experiência adquirida, depois de constituir organicamente e de instruir estas unidades especiais de reconhecimento e informações que permitirão à Infantaria esclarecer zonas extensas, mas em condições de comprimir seu dispositivo em vista de ações em força.



PODER AÉREO

Extraído, composto e traduzido da Revista Time,
pelo Cap. LUIZ VÍCTOR D'ARINOS SILVA



A GUERRA na Coréa traz à lembrança algumas das perguntas já formuladas a respeito do poder aéreo. Muitos norte-americanos ficaram surpresos de como os comunistas Coreanos eram capazes de vencer tanto e tão rapidamente, em face da esmagadora superioridade aérea dos EE.UU.

Na Coréa, os Estados Unidos não puderam usar, por diversas razões, o seu poderio aéreo em plena eficiência. Entre outras citaremos: 1) mau tempo para voar; 2) falta inicial de campos de pouso na Coréa do Sul; 3) número insuficiente de aparelhos Mustang F-51, muitos dos quais haviam sido encausulados pela Força Aérea; 4) restrições políticas que limitaram os ataques estratégicos contra as fontes de suprimentos e linhas de comunicações Vermelhas, próximas à fronteira da Mandchúria.

Como o outono traz melhor tempo para a península da Coréa e o progresso da aeronáutica nos EE.UU. continua, uma das maiores lições da 2ª Guerra Mundial volta-se para os americanos: "enquanto é discutido sobre se a força aérea pode ou não ganhar uma determinada batalha, é indubitável que nenhuma guerra jamais será ganha sem ela".

Entre os aviões de combate mostrados a seguir, estão alguns dos modelos encontrados em ação na guerra na Coréa, até o momento atual.

Para um melhor estudo comparativo serão eles apresentados separadamente, por função a desempenhar, ou seja, Caças e Bombardeiros, enquadrando-se-os nas res-

pectivas Forças Aéreas a que pertencem.

Passemos assim a ver:

OS MODERNOS AVIÕES DE COMBATE

1. Dos Estados Unidos da América do Norte:

1 — Aviões de caça:

Entre os principais aviões de caça norte-americanos, destacaremos:

O F-4-U. (Ver fig. n. 1). O Corsário Chance Vought, de asas de gaivota, é o caça que foi apelidado de "A morte sibilante", pelos japoneses, na 2ª Guerra Mundial. Com base em porta-aviões e com motor da fábrica Pratt & Whitney, ele pode fazer mais de 725 km/h, carregando foguetes ou 907 quilos de bombas. É um aparelho usado pelas Forças Navais.

O F-80. (Ver fig. n. 2). A "Estréla Atiradora", da fábrica Lockheed, é o primeiro caça a jato americano a ver o combate.

Pode fazer mais de 970 km/h e o seu teto é acima de 13.700 m. Os tanques de carburante, nas extremidades das asas, aumentaram o seu raio de ação, originalmente muito pequeno (800 km), tendo em vista a luta na Coréa. É empregado pela Força Aérea.

O F-82. (Ver fig. n. 3). Este aparelho, conhecido como "Os gêmeos Mustang", consiste de duas fuselagens Mustang unidas; o piloto tem assento na fuselagem da esquerda e o co-piloto, operador de radar, o tem na da direita. Pode carregar 1.800 quilos de bombas fazendo mais de 750 km/h, bem como escoltar um B-29 até o seu

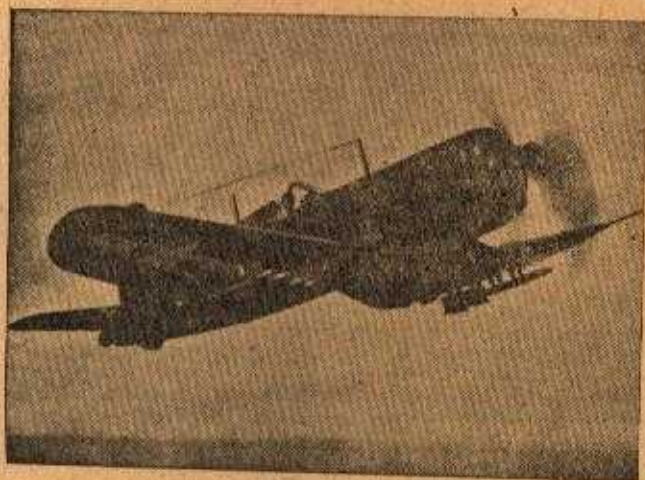


Fig. 1

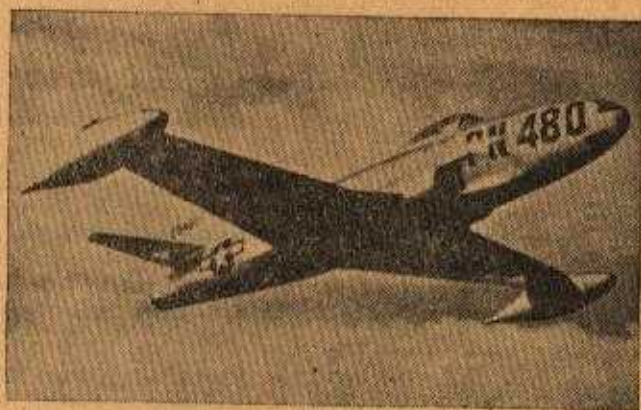


Fig. 2

raio de ação máximo. Usado pela Força Aérea.

II — Aviãos de bombardeio :

Com respeito a esta classe de aviões, pareceu-nos interessante mostrar alguma coisa dos famosos B-29 e B-47 norte-americanos.

O B-29 da Força Aérea. (Ver figura n. 4). A superfortaleza Boeing, que se constituiu no bom-

bardeiro pesado n. 1, da 2ª Guerra Mundial, é agora oficialmente classificado como "médio".

Os B-29 fizeram a maioria dos ataques estratégicos, na Guerra na Coreia, realizando ainda diversas operações táticas sobre as linhas de batalha. Estes aparelhos são acionados por quatro motores Wright, podendo fazer mais de 560 km/h. O seu raio de ação de combate é



Fig. 3



Fig. 4

superior a 5.800 km e tem capacidade para 10 toneladas de carga de bombas.

Foi substituído, na categoria de bombardeiros pesados, pelo gigantesco B-36.

O B-47. O bombardeiro estratosférico a jato, da fábrica Boeing, serve-nos para exemplificar que, na construção de um aparelho dessa natureza e no treinamento do pessoal para usá-lo, gasta-se simplesmente o dobro do tempo em que um jovem faz o seu curso ginásial normal.

Passemos a ver, de um modo muito superficial, os problemas quase insuperáveis, enfrentados pela Boeing, para construir o "estrato-jato" B-47.

Para começar, no final de 1943 não havia numerário disponível para empregar em bombardeiros a jato, justamente quando os nazistas estavam à frente dos EE.UU., tanto no campo da propulsão a jato, como no dos foguetes.

De fato, não havia, como ainda não há, motores a jato norte-americanos. Aquele obstáculo finan-

ceiro foi vencido, ao ser obtida uma ordem do Governo para construir um novo avião de foto-reconhecimento. Os contratos, cuidadosamente, estipulavam que o avião poderia ser convertido, com presteza, em bombardeiro. Não tardou muito a que todos esquecessem o foto-reconhecedor e comesçassem a pensar num bombardeiro a turbo-jato. Além disso, pouco depois de 1943, as Forças Armadas empalmavam algum dinheiro do Governo Americano para resolver o que foi chamado de "necessidade de bombardeiros". Isto significava que poderiam ser pagos salários e construídos "jato-modelos" e túneis de "prova de vento".

Apresentando progressos e melhoramentos quase que mensalmente, a Boeing, em setembro de 1945, havia construído e provado um modelo de jato bombardeiro parecido com uma baleia. Ver figura n. 5).

Sucederam-se, então, várias modificações, quer nos túneis de prova, quer em um modelo feito de aço e madeira de balsas que foi sendo alterado, reconstruído, modificado em suas asas que foram inclinadas para trás e, finalmente, testado com todo o rigor. A esse tempo, engenheiros da G.E. planejavam e construíam os motores a jato que movimentariam os B-47.

De dezembro de 1947, quando o primeiro B-47 foi entregue à Força Aérea, a fevereiro de 1949, peritos e pilotos de provas esmiuçaram, em exames, o novo avião. (Ver figura n. 6).

Por fim, estava ele equipado com seis motores a jato General Electric, alojados sob suas asas; dispunha de equipamento de partida Jato, o qual foi mais tarde substituído por outro do tipo Rato, ou seja, de partida a foguete.

Hoje, tem a Força Aérea dos EE.UU., no B-47, um bombardeiro médio de velocidade acima de 970 km/h, com capacidade para mais de dez toneladas de bombas e um raio de ação notável, porém... secreto.

A ativação do 1º Grupo de B-47 enfrenta, no momento atual, os pro-

blemas da construção de aparelhos em número suficiente e da formação e treinamento de pilotos e mecânicos para, respectivamente, fazê-los voar e mantê-los voando.

Irônicamente, o B-47 terá vida útil menor do que o tempo gasto para a sua concepção e construção, pois os aeronautas estimam, hoje, a vida útil de um avião militar em apenas seis anos.



Setembro — 1945



Novembro — 1945



Dezembro — 1945



Março — 1947

Fig. 5

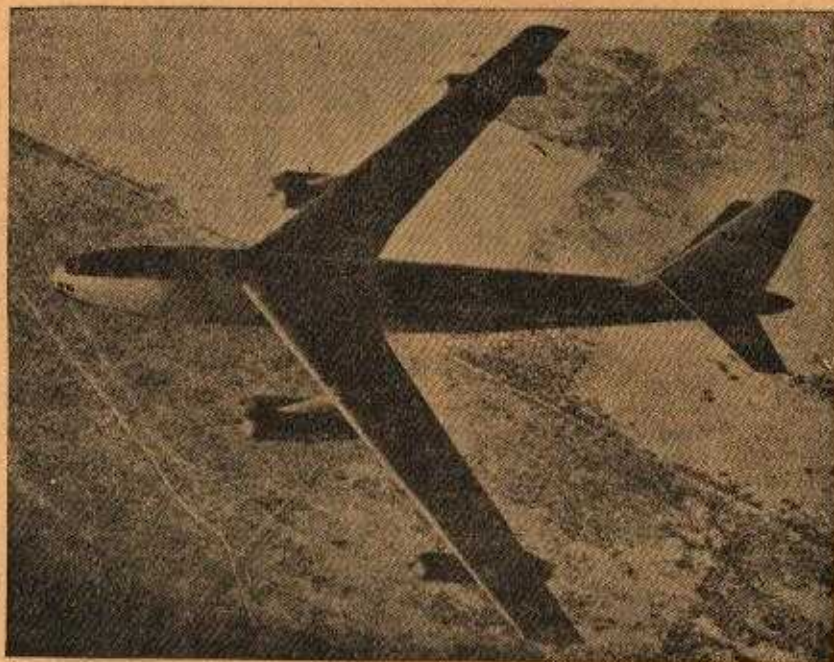


Fig. 6 — Fevereiro de 1949

2. Da Rússia :

De muitos dos aparelhos soviéticos não são ainda conhecidos dados merecedores de crédito para um estudo comparativo como o que nos interessa. Sobre esses, pequena notícia será fornecida, a título de curiosidade, simplesmente. Outros há, porém, sobre os quais já se tem maiores detalhes técnicos. Assim sendo, apresentamos :

1 — Aviões de caça :

O MIG-15. (Ver fig. n. 7). (Projeto de Artem I. Mikoyan). Construído após a 2ª Guerra, foi o primeiro "jato" russo a ser produzido em massa. Trata-se de um caça mono-jato que alcança a velocidade de 1.090 km/h ; por outro lado, ascende de 2.100 a 2.400 metros por minuto. Seu teto máximo é da ordem de 13.000 metros e seu ralo de ação é ainda desconhecido. Está armado com três canhões : um

de 32 mm e dois de 23 mm. É o caça russo n. 1 da atualidade.

O YAK-9. (Ver fig. n. 8). (Projeto de Alexander S. Yakovlev). A série dos caças YAK, foi taxada pelos pilotos franceses como sendo os melhores interceptores de curto alcance usados na 2ª Guerra Mundial. Este, o YAK-9, é um mono-motor, parcialmente feito de madeira compensada e constitui a espinha dorsal da aviação Norte-Coreana. Desenvolvendo velocidade acima de 710 km/h, é um bom avião de apoio, porém, não pode competir com os Mustang F-51 norte-americanos.

O AYK-25. (Ver fig. n. 9). É o último interceptor Vermelho, no qual ainda trabalha Yakovlev, juntamente com o moderno foguete YAK-21. Trata-se de um avião a jato de asas em V, inclinadas para trás, que foi projetado como sucessor dos MIG-15 e LA-17. Não



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9

há detalhes de sua capacidade de ação.

Além dos citados, encontra-se o YAK-15, movido a foguete, ainda na fase de pesquisas e experimentações, do qual sabe-se apenas que sua velocidade alcança a casa dos 1.400 km/h.

II — Aviões de bombardeio :

O IL-26. (Ver fig. n. 10). (Projeto de Sergei V. Ilushin). Bombardeiro leve, ou médio, bi-motor a jato, de três ou quatro lugares, desenvolve cerca de 970 km/h. Seu raio de ação é da ordem de 3.200 km, tem capacidade para transportar um torpedo, segundo versão da Marinha Vermelha, já



Fig. 10

que não se conhece a sua carga de bombas. Seu armamento: dois canhões de 37 mm no "nariz" e metralhadoras geminadas, de 12,7 mm, nas torres laterais, do alto e da cauda. Foi projetado para substituir o velho "Stormovik".

O TU-4. (Projeto de Andrei N. Tupolev). É uma cópia absoluta do B-29 norte-americano. Desenvolvendo cerca de 650 km/h, tem um raio de ação de 6.500 a 8.000 km e carrega 4,5 toneladas de bombas. Está armado de canhões de 10 e 20 mm em quatro torres. Tupolev construiu também uma versão, de nariz alongado, do B-29, a qual foi confundida com o B-36 no "show" realizado no Dia da Aviação.

O TU-75. Este projeto de Tupolev é a resposta russa ao B-36. Possuindo as asas em V, é acionado por seis imensos motores de turbo-propulsão. Sua velocidade é de 970 km/h e seu raio de ação de 16.000 km, em tecto de 14.000 a 15.000 metros. Foi projetado para voar em fins de 1951 ou início de 1952.

3. Da Inglaterra:

A Sociedade Britânica de Construtores Aéreos, na sua 12ª reunião anual, na estação experimental da R.A.F., a sudoeste de Londres, apresentou, perante u'a multidão nervosa como fans de corridas, o mais espetacular "show" de aviação já realizado na Inglaterra. Tinham

eles, sem dúvida, o que mostrar e é o que veremos a seguir.

O Hawker P-1067. (Ver fig. número 11). Foi uma grande atração este caça-interceptor. Possui a forma de um charuto, tem as asas inclinadas para trás e é acionado por um turbo-jato Rolls-Royce. Tem o conceito de ser o mais veloz caça do mundo. Com o objetivo de mostrar de que era capaz o P-1067, o principal piloto de provas da fábrica Hawker, Neville Duke, abriu o afogador e rugiu seu aparelho a pequena altura da pista, superando por 96 km/h o recorde mundial oficial em poder do F-86 norte-americano (1.072 km/h). O ruído de sua passagem, qual o estalar de um gigantesco chicote, pareceu uma explosão aos espectadores e der-



Fig. 11

rubou um microfone das mãos de um locutor.

O *Transoceânico 508*. (Ver figura n. 12), um caça bi-motor a jato, deu a impressão de ser tão veloz quanto o P-1067. Desenhado pelo autor do famoso caça Spitfire da 2ª Guerra Mundial, possui asas muito finas, normais ao corpo e cauda de borboleta com duas seções, fazendo 45° com a vertical, que funcionam na elevação ou na direção do aparelho.

A *estrela do espetáculo*. (Ver fig. n. 13). Indiscutivelmente, a estrela do show foi o Vickers Valiant, um quadrimotor a jato, bombardeiro de asas em V, chamado, pelos aeronautas britânicos, de "a aeronave do ano". Tem maior velocidade do que o Canberra, que detem o recorde de velocidade sobre o Atlântico, superando-o ainda

em raio de ação, altitude e capacidade de carga. Está sendo produzido em massa para a Força Aérea dos EE.UU., por Glenn L. Martin & Co., em Baltimore. Poderoso e de linhas modernas, o Vickers Valiant parece um caça supercrescido com seus quatro "jatos" tão completamente enterrados nas raízes das asas que dá a impressão de não ter motores. Um oficial americano assim se expressou: "O amaldiçoado parece voar a 1.000 km/h, mesmo quando se encontra sentado na pista de pouso".

Aviões do futuro. O P-1067, bem como o transoceânico 508 e o Valiant, já atingiram a fase de produção. Há ainda outros destacados: o Short SA-4, jato-bombardeiro quadrimotor, o Vickers Swift, gigantesco transporte de carga, afóra aviões torpedos turbo-pro-



Fig. 12



Fig. 13

pulsados, transportes e helicópteros. Foram também exibidos desenhos mais novos, ainda em desenvolvimento.

Durante a demonstração, dois pequenos "jatos" de asas em delta: o Avro 707-B e o Boulton Paul P-111 passaram sibilando pelos espectadores exibindo espantosa mobilidade. Eles se assemelhavam às gaivotas de papel e voavam a tal velocidade que precisavam de freios de pára-quedas. Muitos peritos britânicos se referiram a que aeroplanos como esses dominarão o futuro. (Ver fig. n. 14).

O Ministro de Suprimentos da Grã-Bretanha, que verifica todos os contratos de Aeronáutica, diz: "Os asas em delta são, possivelmente, o mais importante fator moderno em aeronáutica."

Por tudo isso, o show em Farnborough fez com que os britânicos se sentissem satisfeitos e orgulho-

sos. Sempre fortes em motores a jato (por exemplo o Parque Rolls-Royce), a Grã-Bretanha provou que seus projetistas estão agora produzindo aeronaves militares iguais, ou superiores, a quaisquer outras no mundo e, aqui, citamos um exemplo posterior ao do espetáculo acima referido: o DH-110, última maravilha do ar, um extraordinário jato-propulsado que está sendo trabalhado e já exibido nesta transição 1951-1952.



Fig. 14





SERVIÇO ESPECIAL

COOPERAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO

Cap. SALLI SZAJNFERBER, Instrutor da
E.E.F.E.

Os regulamentos militares afirmam que o valor de um Exército é medido pelos seus valores físico, moral e técnico; aliás, não há dúvida que a existência desses quesitos harmonicamente bem desenvolvidos, em cada oficial ou praça, garantirá a indispensável eficiência que o Exército deve ter.

Os três dotes devem estar sempre presentes, e harmonicamente desenvolvidos, dissemos, mas, se quizessemos estabelecer uma ordem de precedência entre estes três valores, qual seria o 1º?

Consultando a história das guerras, principalmente as deste século, podemos assinalar: o moral.

É justamente na convicção de que o Moral é o valor primordial no combatente, que na Guerra de 14 e principalmente na última guerra mundial, muitas táticas e procedimentos tiveram a sua origem.

Assim é que vimos na guerra passada os alemães procurarem desmoralizar a tropa aliada, lançando contra estas as mais diferentes notícias, as mais fartas propagandas. Há ainda o caso da Rádio Auri-verde, estação alemã que diariamente irradiava programas em português com o objetivo de abalar o moral da F.E.B.

E os aliados, que fizeram, então, para anular estes efeitos depressivos da propaganda inimiga e ao mesmo tempo para elevar cada vez mais o moral de suas tropas, para arrasar o inimigo, como aliás o fez em 1945? Repito: que fizeram os aliados? Criaram o Serviço Especial, que é o serviço que reúne sob

sua tutela todos os meios materiais e psicológicos para manter sadio o corpo e a mente do soldado, para manter elevado o Moral do Exército.

Em conclusão — hodiernamente há, por parte dos Altos Comandos, a mais viva preocupação de manter os homens no maior bem-estar possível, não apenas sob o ponto de vista material, como também sob o ponto de vista espiritual; este último aspecto, dadas as características científicas e industriais das guerras atuais, é muito importante, pois as armas monstruosas esmagam o homem, alucinam-no nascendo daí grande número de psicoses de guerra.

As ações do S.E., pela sua importância, constituem pontos de honra do Comando, que tem, no chamado Oficial do S.E. e no Capelão, eficientes colaboradores.

O S.E. não é uma instrução; ele prevê atividades para as horas de lazer da tropa, substituindo por programas bem equilibrados de recreação e desportos o tédio e a ociosidade das horas de folga; consegue o soerguimento do moral, atitude mental colaboradora e sadia para o trabalho, maior humor, maior alegria, eliminando, assim, grande coeficiente dos vícios, das alterações, das punições e das doenças venéreas.

Esses resultados, todos convirão comigo, são desejados em qualquer setor, arma ou serviço, tanto na paz como na guerra, tanto na instrução como no combate, tanto na retaguarda como nas linhas de

frente. E um exemplo disto é o seguinte caso da F. E. B., do III/6° R.I. (Batalhão Silvino):

"Depois dos duríssimos combates de Montese, saiu de linha, a 18 de abril de 1945 o batalhão, consideravelmente atingido em seus efetivos (mais de 50 %), pois as baixas eram de cerca de 500 (120 feridos, baixados ao hospital, 13 mortos, 2 desaparecidos, mais de 150 homens sofrendo ainda os efeitos psicóticos do intenso bombardeio). Saiu de linha o batalhão, indo para a pequena localidade de Vária de Sotto, que ainda estava ao alcance da Artilharia de Campanha inimiga; aí, logo se fez sentir a ação do Serviço Especial orgânico do batalhão, que começou a fazer a recuperação física e principalmente mental dos elementos evacuados. Esta recuperação consistiu em jogos, melhora de alimentação e repouso, palestras e diversões, concludo, neste particular, com a colaboração do Serviço Especial da Divisão, que enviou para lá o seu "show" volante. Esses trabalhos do S.E. permitiram que, a 22, isto é, 4 dias depois, o batalhão se engajasse outra vez em nova e heróica missão de combate — foi esta uma espetacular vitória do Serviço Especial".

Vamos passar então ao estudo do S.E., baseando-nos no manual respectivo que, em boa hora, resolveu o nosso Estado-Maior mandar confeccionar pela E.E.F.E.

Em cada unidade, o S.E. tem, perante o Comandante, um responsável, que é o Oficial do Serviço Especial; considerando que, além do bem-estar geral, o S.E. se encarrega de recreação e desportos, casou-se muito bem, aqui entre nós, o papel do Oficial do Serviço Especial como o do Oficial de Educação Física.

A ação do S.E. se materializa por meio de uma série grande de atividades. A seguir, apresentamos várias delas, lembrando que quaisquer outras, mesmo não previstas, podem ser postas em prática, desde que concorram para fortalecimento da "fibra" do soldado.

Auxiliado por elementos especializados, que colherá no seio da tropa, o Oficial do Serviço Especial, desde que tenha iniciativa, certo senso de organização e entusiasmo, desempenhará muito bem as suas funções — não é preciso ser um artista ou um empresário teatral para ser um ótimo Oficial do Serviço Especial.

Além desse pessoal especializado, o Of. S.E. dispõe de certo material recreativo e para desportos (bolas, rádios, vitrolas, livros, revistas, instrumentos musicais, equipamentos para trabalhos manuais, projetores cinematográficos, jogos de salão, etc.) para dar às suas iniciativas um pouco mais de vida.

Passemos, pois, em revista, as atividades do Serviço Especial.

I — TRABALHOS MANUAIS

Dá-nos sempre satisfação o fato de, por nossas próprias mãos, produzirmos um objeto qualquer; partindo desta premissa, resolveu o S.E. programar, entre as suas atividades, os trabalhos manuais. Além da satisfação, o fato destes produtos prestarem-se muito bem a presentes, que o convocado por certo oferecerá aos seus entes queridos, faz desta atividade um campo de atração que elimina a ociosidade e o tédio das horas de lazer.



Fig. 1 — O desenho é também uma atividade dos trabalhos manuais

Dada a grande variedade de gostos que, por certo, os soldados apresentarão, o ideal seria que se dispusesse de uma grande oficina,

farta e variada, tendo cada ramo de trabalho à testa um especialista no assunto.

As atividades que apresentamos aqui não são de mui difícil estabelecimento:

- Trabalho de couros, de madeira;
- Escultura em madeira;
- Modelagem em barro;
- Encadernação;
- Desenho e cartazes;
- Fotografia (revelação, etc.)

Os frutos desses trabalhos podem reverter em benefício do próprio criador, como já dissemos, de outros soldados, de outras atividades do S.E., de instalações da própria Unidade, ou até podem reverter em favor das economias administrativas, pois há casos em que se põe à venda os objetos manufaturados.

Como incentivo desta atividade, além da intrínseca satisfação que produz, podemos acrescentar: — organização de exposições com prêmios e certas demonstrações por hábeis especialistas (mesmo civis).

II — DIVERSÕES

O brasileiro, via de regra, tem senso humorístico e isto eleva o moral, pois a pilhéria, a brincadeira, a alegria, substituem a apatia, a nostalgia, a tristeza.

Esta habilidade para rir, esta alegria deve ser mantida sempre — daí o papel importante a desempenhar pelas diversões.

Aqui podemos distinguir:

1 — "Show" de soldados.

São funções apreciadíssimas pela tropa e, via de regra, são mais aplaudidas que muitos espetáculos de profissionais.

Nesses "shows", podemos distinguir os seguintes tipos:

a) "Show" de variedades — consta da apresentação sucessiva de especialidades, tais como cantores, cômicos, sapateadores, acrobatas, mágicos, solistas instrumentais, etc.

Na F.E.B., havia um "show" deste tipo que fazia o circuito das diferentes unidades (era o "show" do S.E. da Divisão, do qual já falamos).

b) "Show" com participação da assistência — os atores são recrutados na hora dentre os espectadores; o "show" abrangerá perguntas, charadas, cantos, disputa de comer maçã mais depressa que o adversário, concurso de cômicos, etc.

c) Espetáculos normais — exigem certa preparação e treinamento mais ou menos de vulto;



Fig. 2 — Companhias civis de espetáculos e mesmo espetáculo de radialistas, são atividades de gala no programa de Diversões dos Soldados

abrangerão representações de pequenas peças teatrais, pequenas comédias ou revistas musicadas; tôdas as personagens, inclusive co-ristas, se houver, serão vividas pelos soldados.

2 — Companhias civis de espetáculos ou diversões.

Há casos em que o S.E. contrata companhias civis de espetáculos para diversão da tropa; as funções, ou são nas Unidades ou nos locais próprios da Companhia; um exemplo que muitos estão lembrados é o do Palácio do Gêlo, que deu algumas funções especialmente para as classes armadas; outro exemplo: entrada para o Parque de Diversões na Quinta da Boa Vista, por ocasião de Caxias, em 1950.

3 — Cinema.

Está de tal forma difundido e apreciado que será um ponto forte do S.E. Entre nós, já está se generalizando, tanto que na Vila Militar o movimento é grande, possuindo vários quartéis os seus cinemas, sendo de ressaltar o do 2º R.I., onde até as famílias se dá oportunidades. Ali se passam filmes da M.G. e também alugados em casas comerciais, o que sai muito barato porque em cada aluguel várias unidades se beneficiam do filme.

III — BIBLIOTECAS

Os livros e revistas, pela infinita variedade de assunto que podem abordar, oferecerão interesse para todo e qualquer elemento sob bandeira. Os livros distraem a mente, cultivam a inteligência, aprimoram os conhecimentos — são grandes amigos dos homens.

Os livros devem versar sobre os mais variados assuntos; os obscenos e subversivos não devem figurar na biblioteca; revistas, jornais deve haver. Aliás, a biblioteca pode patrocinar a publicação do jornal da Unidade. A biblio-



Fig. 3 — O cinema é muito bem aceito e está bem difundido entre nós.



Fig. 4 — Uma sala de aula pode facilmente fazer as vezes duma biblioteca.

teca, se possível, terá instalações para leitura.

Como chamariz da biblioteca, nela se promoverá debates sobre assuntos momentosos, indicando-se, a seguir, os livros onde maiores detalhes podem ser encontrados; e, além desses debates: concertos musicais na biblioteca, usando-se discos, comumente.

IV — MÚSICA

A música levanta e mantém o moral; uma boa marcha entusiasma a tropa; música suave, após um dia de combate ou de marcha, repousa corpos e espíritos.

Na vida da tropa há um sem número de ocasiões onde se faz mister a presença da música; acompanhamentos a cantores nos "shows", concertos, danças, desportos, espetáculos normais e outros divertimentos.

Mesmo os soldados que não se interessam por tocar um instrumento musical, gostarão de ouvir as suas músicas prediletas — daí a necessidade de cada subunidade possuir seu rádio, sua vitrola, seu conjunto musical, seu cantor.

Neste setor, o Of. S.E. terá muita ajuda nas bandas de música da Unidade, não só na parte material como, principalmente, na parte do pessoal.

Eis as atividades compreendidas nesta especialidade:

a) competição de grupos instrumentais — como feito em 1949, na 1ª R.M.;

b) competição de criações musicais;

c) competições de paródias;

d) "Show" musical, com participação da assistência — havendo vários instrumentos no palco, convidam-se espectadores para experimentar (melo ótimo para descobrir valores);

e) testes orais sobre música — aqui se faz perguntas sobre músicas, cantores, canções, compositores, etc., misturando músicas clássicas, populares, caipiras, nacionais, estrangeiras, etc., conferindo-se prêmios aos que acertarem;

f) organização de grupos corais, como fizeram na Escola Militar, em 1943; ficou tão bom que até foi irradiado para o estrangeiro;

g) concertos — estes só depois de selecionados e treinados os melhores músicos da unidade ou guarda.

V — DESPORTOS

Dos desportos, já conhecemos as grandes vantagens que proporcionam, não só como educação, como também sob o ponto de vista da distração.

Dentro do S.E., o papel ocupado pelos desportos é de grande extensão, ocupando grande percentagem de suas atividades totais.

Estas ações, pelas grandes assistências que arrastam, empolgam a tropa. Para garantir grande número de atletas e de espectadores, nestas atividades, deve o Of. S.E. lembrar-se dos seguintes pontos:

— fazer grande publicidade — avisos e cartazes (aplicação dos trabalhos manuais) em todos os pontos onde possam ser lidos (não esquecer da porta do W.C.);

— atrair os principiantes — explicar que a finalidade é a distração e não formação de "scratches" internacionais;

— introduzir jogos pouco conhecidos — aqui, de saída, há mais



Fig. 5 — Os desportos são fonte inesgotável de energia física e moral, proporcionando, ao mesmo tempo, a melhor das recreações

uniformidade de técnica entre os homens, o que encoraja os mais errados e os tímidos;

— criar estímulos — prêmios, recompensas, elogios, etc.

Para não alongar demais o nosso artigo, vamos agora apenas enumerar os diferentes tipos desta atividade:

a) reuniões de atletismo e D.C.;

b) reuniões de campo — o seu característico é a simplicidade e a insignificância de material que requerem; exemplos de provas que constituem esta reunião: — quebra-canelas, estafetas, corrida de sacos, etc.;

c) reuniões militares de campo — simples como a anterior, só que se introduz provas essencialmente militares: — lançamentos de granada, percurso em pista de aplicações militares, transmissão de ordens, desmontagem de armas, armação de barracas, movimentos de ordem unida, etc.;

d) reunião de "cross-country";

e) reunião de natação;

f) reuniões de preparo físico, com o objetivo de apurar a subunidade em melhores condições físicas — em geral as provas empregadas são as nossas conhecidas do 2º exame físico da tropa.

Como já dissemos no início, por iniciativa do Of. S.E., muitas atividades podem ser criadas, segundo as circunstâncias particulares;

assim, aqui no Rio, há unidades que programam para os homens de procedência longínqua, passeios aos recantos da cidade, tais como: — Pão de açúcar, Jardim Zoológico, Corcovado, etc.

Ainda mais: — as chamadas Festas de Confraternização que a 1ª R.M. tem levado a efeito, em várias unidades, é uma atividade de iniciativa própria do S.E. da Região, estabelecendo, por meio de competições, demonstrações, almoços e "shows", mais amizade entre os oficiais e praças das unidades.

Há também a assinalar o trabalho dos Capelães, que, como o S.E., recebem diretrizes diretamente da 1ª Seção do Estado-Maior.

Um outro exemplo da ação do S.E., agora focalizando os Estados Unidos, é o caso dos astros e estrelas da tela, do palco e do rádio, percorrendo as unidades, os acampamentos, os teatros de operações, apresentando-se perante os soldados, cantando, dançando, divertindo e até vendendo beijos.

E, aqui entre nós, será que isto é possível?

Sim, é possível e muitas unidades já têm conseguido a apresentação de artistas em seus "shows".

Também, aqui no S.E., como em qualquer outra empresa, o adágio é verídico: — "Querer é poder".

CIEBITALIA

COMERCIAL IMPORTADORA EXPORTADORA BRASIL ITALIA LTDA.

Fornecedores de gêneros de primeira qualidade para
o Reembolsável da E.L.E.

MATRIZ

Rua Juan Pablo Duarte, 15
ex-Marrecas
Telefone 22-4624
RIO DE JANEIRO

FILIAL

Escritório: Rua Anhaia, 309
Telefone 51-2382
Depósito: R. Tenente Pena, 262
SAO PAULO



CURSO DE INICIAÇÃO AO SERVIÇO SOCIAL

Professor AMARAL FONTOURA

2ª AULA

EVOLUÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL ATRAVÉS DOS TEMPOS

1) O SERVIÇO SOCIAL NA ANTIGUIDADE

Dissemos em nossa primeira aula que o Serviço Social é uma resultante natural da desorganização e da crise do mundo moderno.

Quanto mais a sociedade está em crise, tanto mais surge entre os homens a necessidade de concertar providências para o seu soerguimento. Aliás isso é muito lógico: os remédios somente aparecem para curar moléstias pre-existentes.

Se, no entanto, o Serviço Social é muito moderno, podemos dizer, em outro sentido, que ele é muito antigo, que é tão velho quanto a própria humanidade. Com efeito, sempre houve no mundo homens em dificuldade (*men in trouble*, como dizem os americanos), sempre houve sofredores, e igualmente houve pessoas dispostas a auxiliá-los.

Os homens, desde o início do mundo, tiveram o hábito de se devorarem entre si; mas nos intervalos entre as carnificinas, ou mesmo durante elas, também se auxiliaram entre si.

Eis porque costumamos dizer que o Serviço Social é a mais antiga e a mais nova das atividades humanas.

Já no Velho Testamento, no livro do Deuteronômio, se traçam regras para o socorro aos pobres. Os judeus estabeleceram a "esmola do prato" (não negar um prato de comida a um mendigo); a "esmola da bolsa" (esmola semanal aos mendigos); criaram a "dízima" (os chefes deveriam distribuir entre as viúvas e os órfãos a décima parte de seus proventos), e, finalmente a idéia do "ângulo do campo" (parte do terreno que o proprietário deveria cultivar e

cuja produção deveria distribuir entre os pobres; essa área não deveria ser inferior a um sexagésimo da área total que o agricultor possuísse).

Os homens e as mulheres desprovidos de recursos tinham o direito de comparecer aos moinhos e recolher os restos, depois de terminada a moagem do trigo. Podiam também penetrar nas plantações e nos vinhedos e ali alimentar-se ou carregar o punhado de comida que coubesse em suas mãos. Enfim, as dívidas se extinguíam automaticamente, de 7 em 7 anos, por ocasião do ano sabático dos judeus, e por ocasião do ano jubilar, que ocorre de 50 a 50 anos.

Na Grécia, 3 séculos antes de Cristo, Platão e Aristóteles pregam a necessidade de assistir ao próximo, de se fazer *filantropia*, como eles diziam. Aristóteles diz: "é mais fácil ensinar um aleijado a desempenhar uma tarefa qualquer útil do que ter de sustentá-lo como indigente".

Em Roma já havia um rudimento de assistência, consubstanciado na fórmula que os governantes proclamaram, e que chegou até nós: *panem et circenses* (ao povo devemos dar, para acalmá-lo, pão e circo).

2) O SERVIÇO SOCIAL E O CRISTIANISMO

Dissemos, em nossa primeira aula, que o Cristianismo realizou a maior revolução do mundo: revolução espiritualizadora, revolução de amor. Se a doutrina cristã pode ser sintetizada numa frase do Mestre, essa é "Ama teu próximo como a ti mesmo". Não está aí todo um programa de Serviço Social? Eis porque muitos consideram a Cristo como "o Assistente Social n. 1".

Cristo eleva a Caridade à altura da mais nobre e excelsa virtude do homem. Nesse sentido cristão, que é o seu verdadeiro sentido, Caridade é amor, é "o amor dos homens pelo amor de Deus". É o amor dos homens como caminho para chegar a Deus.

Mais tarde (como veremos depois) a palavra caridade foi de-

turpada e amesquinhada. Os homens, em vez de fazerem caridade para servirem a Deus, passaram a fazê-la para mostrar aos vizinhos para ficarem bem vistos, para terem "prestígio social", ou simplesmente para se livrarem de pedidos importunos.

No ano de 270, referindo-se à velha tradição da caridade cristã, diz São Dionísio, dirigindo-se ao seu rebanho de fiéis: "é um costume antigo o que tendes, de prestar auxílio a todos os vossos irmãos. O hábito destes benefícios remonta aos tempos de vossas paisagens".

No século IV, São Basílio fundou na Itália as "Basílias de Cesareia", hospitais para indigentes e abrigos para trabalhadores, incluindo pendências para médicos e enfermeiros. No século VIII, o Papa Dathius, de Milão, estabeleceu o primeiro refúgio do mundo para órfãos e crianças abandonadas.

Na idade Média, surgem grandes Ordens Religiosas, todas destinadas a praticar o bem, a correr os pobres e ajudar os necessitados, bem como a educar a juventude. São Camilo de Lellis, fundador da Ordem especialme- a tratar dos enfermos pobres de São Lázaro se dedica inteiramente com seus religiosos, a tratar os leprosos. Grandiosa obra universal criou São Francisco de Assis a Ordem dos Franciscanos, que inscrevia entre os seus princípios a pobreza e a abolição da propriedade particular entre seus membros. São Francisco de Assis, chamado "o pobrezinho de Assis", chegou até nossos dias a expressar a "pobreza franciscana".

Em 1810, na França, São Francisco de Sales funda a Ordem das Visitandinas, destinada a visitar doentes pobres em suas próprias casas. São Vicente de Paulo dá um grande impulso à visitação e cria em 1633, as "Filles de la Charité", que se espalham por todo mundo no socorro aos doentes (chamadas no Brasil, "Irmãs de Caridade"). Em 1833, Frederico Ozanam cria em Paris, as "Conferências de São Vicente de Paulo" destinadas, ta-

bém, a socorrer os pobres em suas próprias casas: seus membros, os "vicentinos", assumem o compromisso de levar recursos aos lares necessitados. Os vicentinos são, pois, os mais próximos precursores do Serviço Social de nossos dias.

3) MOVIMENTOS PRECURSORES DO SERVIÇO SOCIAL

Mas ao lado do movimento cristão e católico, outras iniciativas foram surgindo, em favor dos necessitados e desajustados.

Ainda em plena Idade Média surgiram os primeiros hospitais do mundo, que não eram, como hoje, casas destinadas a abrigar doentes pobres, mas sim um estranho casarão, onde se misturavam doentes, crianças abandonadas, loucos e viajantes sem ter onde pousar. Alguns desses hospitais tomavam o nome de "Casa de Caridade", ou de "Santa Casa", como até hoje são tão conhecidos em nosso Brasil.

Na Inglaterra, no início do século XIX, um pastor protestante chamado Thomas Chalmers, retorna a idéia dos antigos cristãos, de dividir a paróquia em grupos de famílias, e designar um assistente para cuidar das necessidades de cada grupo. Chalmers proibia as esmolas e apelava para o sentido de reabilitação do próprio assistido, isto é, fazia com que o indivíduo colaborasse na sua própria recuperação. O sistema de Chalmers deu ótimo resultado e logo se criaram inúmeras "Sociedades de Organização de Caridade" (Charity Organization Society), abreviadamente conhecidas como C. O. S.

Ainda no século XIX as C. O. S. surgiram nos Estados Unidos, com grande ênfase. Logo se organizaram, consoante o espírito de cooperativismo norte-americano. Conferências da C. O. S. e, em seguida, "Conselhos de Obras" que reuniam os dirigentes das várias organizações assistenciais, para um trabalho de conjunto. A primeira Conferência data de 1874. Na Conferência de 1898, foi fundada a "Summer School of Philanthropic

Workers", destinada a formar os trabalhadores especializados para as C. O. S. Na Conferência de 1899, Mary Richmond, um dos vultos máximos do Serviço Social no mundo, propôs que o curso se transformasse numa escola permanente, e assim surgiu a "The New York School of Social Work", primeira escola de Serviço Social no universo.

Por outro lado, na Inglaterra, em 1830, um pastor protestante chamado Barnett começou a lutar pela organização de casas de reunião sadia e recreação, para os habitantes dos bairros pobres.

Sómente 50 anos mais tarde conseguiu Barnett ver realizado o seu ideal, com o auxílio de dois estudantes da Universidade de Oxford, Denison e Toynbee, recebendo a casa de reunião o nome do último: "Toynbee Hall". Sua finalidade era proporcionar toda espécie de auxílio moral aos atrasados habitantes do bairro de East End, o mais miserável dos bairros londrinos. No "Toynbee Hall" os vizinhos se reuniam para receber ensinamentos diversos, frequentar cursos avulsos, ouvir a leitura de livros, ou simplesmente conversar, tudo num ambiente sadio.

O exemplo inglês é levado para os Estados Unidos e aí se funda, em 1889, em Chicago, a "Hull House" devido à iniciativa de uma dinâmica mulher: Jane Addams. Durante 40 anos consecutivos Jane Addams esteve à frente da "Hull House", aí criando cursos, teatro, cinema, concertos musicais, biblioteca, restaurante, clubes infantis, creche, sala de banhos, agência de correios...

Hoje raras são as cidades americanas que não possuem vários estabelecimentos desse tipo, chamados inicialmente "Settlements", e atualmente Centros Sociais. A instituição se amplia, se multiplica e se especializa: surgem as associações especiais para a juventude, tais como YMCA e a YWCA (Associação Cristã de Moços e Associação Cristã Feminina), a Juventude Católica, os Clubes dos

4-H, etc. No Brasil começam a surgir agora os primeiros Centros sociais.

4) O SERVIÇO SOCIAL NO MUNDO ATUAL

Vimos que em 1899 se fundou a primeira Escola de Serviço Social do mundo — a "New York School of Social Work", atualmente agregada à "Columbia University". Rápidamente se foi multiplicando, daí em diante, o movimento de Serviço Social. Em 1910 já havia Escolas desse gênero em Chicago, Boston, Missouri e Filadélfia. Em 1902 surge a primeira escola inglesa, em 1908 a primeira na Alemanha e 1911 a primeira na França.

No ano de 1928, reúne-se em Paris a "1ª Conferência Internacional de Serviço Social", a ela comparecendo nada menos de 42 países. Aí foi definitivamente adotado o termo "Serviço Social", ficando prescritas as denominações anteriores, de caridade, filantropia, assistência, etc.

Na atualidade existem mais de 200 escolas de Serviço Social em todo o mundo, sendo 42 nos Estados Unidos e 15 no Brasil. A "American Association of Schools of Social Work" engloba as 42 escolas citadas e possui mais de ... 80.000 membros.

5) O SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL

A história do Serviço Social em nosso país começa precisamente

em 1932, com a vinda de Made-maiselle De Loneux, assistente social belga, a São Paulo, a convite da Associação das Senhoras católicas daquele Estado. Após as conferências de De Loneux foi criado o "Centro de Estudos e Ação Social"; diretoras do Centro, as senhoritas Albertina Ramos e Maria Kiehl foram à Bélgica estudar e, na volta fundaram a 1ª Escola de Serviço Social no Brasil, em São Paulo, no ano de 1936. No ano seguinte, no Rio de Janeiro, um grupo de católicos, tendo à frente Alceu Amoroso Lima e Stela de Faro, funda o "Instituto Social", 1ª Escola S. S. nesta capital, convidando para vir organizá-la, outra assistente social belga: Mlle. Marsaud.

Atualmente há 6 escolas de S. S. no Rio, 2 em São Paulo e outras, desde Manaus até Porto Alegre. O Serviço Social está grandemente desenvolvido em certos setores, sendo de salientar, em primeiro lugar, a notável organização do SESI (Serviço Social da Indústria), e, em seguida, a da Legião Brasileira de Assistência, do SESC (Serviço Social do Comércio), do Instituto dos Comerciantes, da Fundação Leão XIII, etc. Em São Paulo, além do benemérito SESI, há o S. S. da Associação das Senhoras Católicas e o do SENAI. A Marinha Nacional iniciou o S. S. com a AMSA (Assistência Médico-Social da Armada).

(Continua)

CASA CHAFI

MEIAS — CAMISAS FINAS — GRAVATAS — LENÇOS
PERFUMARIAS, ETC.

RUA SÃO PAULO, 338 — BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS

O CONCEITO DE SEGURANÇA E O PROBLEMA COMUNISTA

Conferência realizada pelo Cel. JOÃO PUNARO BLEY, Comandante do Regimento-Escola de Artilharia, no Círculo Militar da Vila, em setembro de 1951.

1ª PARTE

O CONCEITO DE SEGURANÇA NO TEMPO E NO ESPAÇO

A humanidade, em sua evolução, vem modificando continuamente, no tempo e no espaço, o sentido do que convencionou chamar segurança.

Nas origens, os homens, sem cessar urgidos pela fome, foram forçados a disputar, entre si, os produtos animais e vegetais espontaneamente oferecidos pela natureza. A segurança residia, então, na posse de territórios abundantes de caça, pesca e frutos silvestres.

Mais tarde, quando circunstâncias favoráveis consentiram os primeiros ensaios da agricultura e do pastoreio, a defesa desse pequeno patrimônio de reservas alimentares tornou-se dever de cada um dos componentes da tribo ou clan.

Com a existência de recursos de água, seguros e permanentes, de pastagens, de materiais de construção, com a alimentação finalmente assegurada, pelo desenvolvimento da indústria agrícola e pastoril, surgiram, então, as primeiras aglomerações humanas.

Mas, esses pequenos agrupamentos iniciais cresceram em cidades e, com elas, iniciou a humanidade a fase da segurança circunscrita aos muros das suas fortificações. Os homens, como salientou o historiador do Povo Bíblico, "pagaram em liberdade e pagaram em trabalho árduo, a segurança, o abrigo, e a alimentação regular".

Na antiguidade clássica, Atenas, Sparta e Tebas, rivais entre si, alteraram ligeiramente aquele con-

ceito. Foi a época da segurança das chamadas cidades-estados.

Naqueles tempos recuados, a segurança coletiva dos povos do Peloponeso só foi possível, mesmo assim com caráter efêmero, em face do perigo comum das invasões persas.

"A Grécia soube organizar perfeitamente a cidade, quer sob o ponto de vista da monarquia, quer sob a república aristocrática ou democrática; mas não chegou a realizar a unidade política do país em um estado forte, dotado de todos os seus complexos mecanismos administrativos."

Só quando Roma se converteu em grande metrópole política e mercantil do mundo, quando unificou pelas armas os povos conhecidos de então e impôs-lhes um quadro completo de instituições políticas de um estado verdadeiramente unificado e centralizado, é que a segurança passou a ter um sentido verdadeiramente nacional.

Pela primeira vez, o mundo teve uma espécie de nação governando a si mesma, alguma coisa maior do que uma simples cidade-estado, buscando dirigir, apenas, os seus destinos.

Pela primeira vez, uma larga região ficou sob o império de um só conceito de lei.

As guerras púnicas foram guerras de povos como não fôra nenhuma outra guerra até aí registrada.

Indubitavelmente, as linhas gerais do mundo de hoje, suas idéias principais, como suas oposições dominantes estão alicerçadas nas construções jurídicas daquela época.

O estado militar conhecido pelo nome de Roma, que protegeu, conservou e salvou a civilização an-

tiga, durou, ao todo, 4 séculos e sob os seus escombros surgiu o feudalismo.

E, então, a humanidade se fez contemporânea de épocas anteriores.

A segurança voltou a residir nos fossos, nas torres, nas muralhas dos seus castelos e pequenos burgos, defesa segura contra o espírito turbulento do tempo, com suas intermináveis guerras privadas.

Voltou, porém, a reincorporá-la ao seu patrimônio, outra vez sob a forma nacional, com o advento das nações modernas, quando os elementos incoerentes da sociedade medieval, a nobreza, o clero e as comunas fundiram-se para dar lugar a estados, com uma consciência geográfica definida.

A segurança passou a ser procurada nas fronteiras naturais, nas afinidades dos povos da mesma língua, raça ou religião.

Foi invicando o princípio da unidade religiosa da Península, que o Cardeal Ximenes unificou o seu país, a Espanha, à custa dos despojos da brilhante civilização mourisca.

Richelieu, na França, referindo-se à Flandres, presa à espera de melhores oportunidades, dizia: "Eu não compreendo como gente que fale francês não seja francesa".

E Mazarino, seu discípulo e sucessor, para negociar gloriosamente os tratados dos Pirineus e de Westphalia, que deram à França a Alsácia, os Três Bispos (Metz, Toul e Verdun), Calais e algumas praças fortes das Flandres, retomou uma das divisas do seu chefe: "Onde tiver ido a Gália, até lá deve, também, ir a França".

Foi à sombra desse último tratado, monumento mais importante da antiga diplomacia francesa, que a Europa caminhou até à Revolução Francesa, quando nova hora soou no velho relógio do tempo.

A convenção de 1793, tocando rebatido em toda a superfície da república e mandando inscrever nas bandeiras dos seus improvisados exércitos — "o povo francês, de pé, contra os tiranos" — inaugurou

a era da segurança ideológica, numa tentativa de unificação da Europa legitimista de então, sob a égide dos seus imortais princípios: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Vencido e exilado o Corso Genial, a onda reacionária nascida da Santa Aliança apossou-se daquele conceito, mas para aplicá-lo a seu modo. Seus signatários obrigaram-se a auxiliar-se mutuamente contra as rebeliões dos seus súditos.

Seu conservantismo estático não poderia durar muito tempo, como não durou.

E a Europa, derrubadas as monarquias absolutas, preferiu a política realista de Cavour e de Bismarck e adotou o princípio das nacionalidades.

A segurança passou a ser procurada na aliança entre potências, no equilíbrio de forças.

A Tríplice Aliança e, mais tarde, a Entente Cordiale dividiram o Continente Europeu em dois acampamentos militares e conduziram a humanidade à primeira guerra mundial.

A paz negociada, a paz de Versaillles, mais preocupada com os problemas de força e nacionalismo que de harmonia e ordem futuras, foi, em verdade, uma breve suspensão de hostilidades. A Sociedade das Nações, sonho de paz e de justiça entre os povos, falhou aos seus desígnios, privada que ficou de uma força internacional capaz de operar sob suas ordens imediatas, no cumprimento de suas decisões.

E a Alemanha Nazista, sustentando pelas armas o princípio de segurança condicionado ao crescimento da raça: — "povos do mesmo sangue devem pertencer ao mesmo Estado", levou a humanidade à segunda guerra mundial.

Vencidas as nações do Eixo, que sentido o mundo democrático procura dar à palavra segurança?

Segurança continental, nos moldes preconizados pelos países americanos, em suas múltiplas reuniões?

Segurança escudada nos dispositivos da Carta da Organização das Nações Unidas?

Segurança pelo controle de matérias-primas ditas estratégicas, tal como se está fazendo com os elementos da bomba atômica?

Segurança ideológica, isto é, uma frente única contra a "liquidação asiática", incarnada no credo vermelho de Moscou, sanguinário, apátrida e anti-cristão?

A originalidade, na terra, não é tão grande como parece e não há obra ou concepção humana sem preparação ou antecedentes.

O mundo democrático, atormentado pela incerteza do amanhã, solapado por hordas inquietas e sedentas de domínio, as quais, acampadas às suas portas, visam ao aniquilamento absoluto de todas as conquistas da civilização ocidental, novamente procura a sua segurança no conceito ideológico, isto é, democracia versus comunismo.

Mais agravado que ao tempo de Metternich, pela multiplicidade de meios e processos de propaganda, como os de transporte; pela preparação meticulosa do golpe de estado, considerado pelos comunistas como um problema técnico, visando à destruição de todos os valores, de todos os princípios, tendo em vista a instituição do despotismo absoluto, o conceito de segurança ideológica, comporta modernamente dois aspectos: o internacional e o nacional, a frente externa e a frente interna.

O primeiro, isto é, os ajustes ou acordos entre nações para enfrentarem o perigo comunista, escapa à nossa competência e, por isso mesmo, ao nosso estudo, embora nos seja lícito acompanhar o desenvolvimento da atual situação internacional.

Já não acontece o mesmo com a frente interna, a nacional, isto é, a mobilização da opinião pública, como medidas de repressão, mesmo à mão armada, contra os "inimigos de portas a dentro, os que nos afrontam e nos atacam dentro da nossa própria casa", interessados na destruição do edifício político-social construído pe-

los nossos maiores, legado por demais precioso e que temos o dever de preservar e transmitir intacto às gerações vindouras.

Sob esse aspecto, o Exército, elemento de repressão por excelência, "arcando com responsabilidades graves e pesadas, como sejam as de colocar-se, a qualquer momento, contra as forças desintegradoras da nacionalidade, corporação que representa a segurança severa e enérgica da unidade da Pátria e a defesa da sua integridade; principal fiador da ordem e segurança geral, entidade educadora em contacto directo com as populações, às quais dá exemplo e estímulo de amor à Pátria e respeito às instituições", integrado na disciplina e no respeito hierárquico: afastado de competições políticas, de grupos ou frações, o Exército, repito, tem o direito e o dever de esclarecer-se e esclarecer, para melhor cumprir a sua missão tradicional.

E como esclarecer não é alamar, não é fazer demagogia, lançar confusão ou atemorizar quem quer que seja e esclarecer-se é procurar conhecer as componentes de uma situação que poderemos vir a enfrentar, como já aconteceu no passado, julgamos poder prestar algum serviço aos prezados camaradas, notadamente os mais jovens, estudando a conquista do poder por Lenine, convencidos como estamos, de que os meios podem ter variado, mas a técnica seguida pelos comunistas de hoje continua a mesma do seu velho mestre, como mais adiante veremos.

Além disso, escudamo-nos na sábia advertência de Jomini: "Conhecer o sistema do homem que se deve combater, é já metade da vitória".

2ª PARTE

A CONQUISTA DO PODER POR LENINE — PRESTES, SIMPLES ECO DAS SUAS IDEIAS

A) A fase clandestina do partido.

É fora da sua pátria que Lenine, desde 1907, prepara a Rússia para o advento do regime comunista.

Daquele ano, até 1917, aplica o seu tempo em trabalhos teóricos destinados à formação doutrinária e prática dos seus discípulos, na direção longínqua de emissários, organizadores, agitadores e propagandistas, como na orientação do seu jornal, o "Pravda" de vida, as mais das vezes, clandestinas.

De longa data, compreendeu que para a ação a empreender, de nada adiantaria um partido de oposição do tipo liberal-democrático, como pretendiam os intelectuais da social democracia russa.

Seu partido deveria ser de tipo diferente: — uma organização centralizada, burocratizada e apoiada por adeptos assalariados.

Num dos seus livros — "Que Fazer" — resume as suas idéias em dois itens:

1º) Edificar uma teoria revolucionária científica: — o marxismo integral.

2º) Criar e desenvolver uma organização, de "revolucionários profissionais", extremamente centralizada, disciplinada e mantida pelo cofre do partido.

Assim, dos revolucionários modernos, é ele o primeiro a conceber um partido do tipo totalitário.

De início, a sua autoridade se estende a algumas dezenas de homens, seguros, o que lhe basta.

Exige uma divisão em equipes de propaganda, cada uma trabalhando em meio diferente: uzinas, quartéis, sindicatos, quarteirões, organizações culturais, etc.

Pouco a pouco, consegue que cada membro do partido se dedique a uma tarefa específica.

Do redator de pequenos jornais clandestinos até os seus distribuidores, do conferencista ao homem do grupo de combate, todos, embora unidos pelo mesmo ideal, deveriam agir separadamente.

Para ele, toda a vida política nada mais era do que uma cadeia sem fim, composta de um número indefinido de anéis e explicava — "Toda arte do homem político consiste, precisamente, em encontrar e segurar solidamente o

anel mais importante, num momento dado, aquele que lhe permita arrastar a cadeia inteira. Por isso, é de capital importância que o revolucionário saiba quando uma situação política se transforma, para a ela adaptar a sua propaganda, a sua palavra de ordem ou a sua atividade".

O caráter ilegal da sua propaganda, organizada através de folhas minúsculas, editadas em prensas precárias escondidas em porões; de jornais editados no estrangeiro e introduzidos na Rússia em malas de fundo falso; conversações — conferências realizadas em lugares afastados; livros passados de mão em mão, tudo isto, implicava numa coordenação extremamente minuciosa de esforços.

Quando por exemplo, uma célula era destruída pela polícia, impuza-se que um companheiro provado, um técnico em ação clandestina, viesse, às vezes de longe, reorganizá-la e retomar, pacientemente, os fios da eterna conspiração.

Esse homem, segundo Lenine, não poderia ser um amador, um indivíduo que dedicasse apenas as suas horas de folga à causa da revolução.

Tinha que ser um técnico, um companheiro disposto a dedicar toda a sua vida, todo o seu tempo, à causa que abraçara, sem preocupações de ordem material.

Daí a sua idéia fixa — formar "revolucionários profissionais", endurecidos pela experiência e pela ação.

Por intermédio deles e mais remotamente pelo conjunto dos militantes, é que a doutrina e a política da comissão central do partido deveria alcançar as massas operárias e, mais tarde, aproveitadas na construção do estado proletário.

Para mantê-los, não recuava diante de nenhum meio "financeiro". Preconizava o assalto à mão armada dos dinheiros públicos, extorsões, doações, tudo que concorresse para reforçar a caixa do partido. Os homens es-

pecializadas em tais misteres, os "boevik" ou "ex", da palavra expropriação, eram organizados em grupos de 4, 6, 8, 10 ou 12 homens e das suas atividades a história recolheu, entre outras cousas, as seguintes :

Só num mês foram executados 362 assaltos. O mais espetacular foi o realizado em Tiflis, capitaneado por Stalin, então chefe do departamento de expropriações junto à Comissão Central do Cáucaso. À custa de apenas algumas bombas, o grupo de Stalin, em plena luz do dia "expropriou" 341.000 rublos ouro, que estavam sendo conduzidos em viaturas blindadas do Estado.

Em 4 meses, 2.118 funcionários do Czar foram mortos ou feridos.

Estes três fatos dão uma idéia do preparo e da audácia dos componentes de tais grupos.

Vejamos, agora, os seus pontos de vista quanto à propaganda.

Minucioso em tudo, começa a distinguir a propaganda da agitação.

Cousas que o vulgo comumente confunde.

A propaganda, segundo a sua definição, consiste em "dar muitas idéias à pouca gente".

A agitação, ao contrário, se resume em "dar uma só idéia a muita gente.

E exemplifica numa nota breve : "Como falar do desemprego".

Para os pequenos círculos de militantes, explicar, em conferências, palestras, ou livros, a causa e o mecanismo desse fenómeno económico, analisando o sistema capitalista e suas crises : "Propaganda.

Para a massa operária, denunciar a falta de trabalho como vinda dos patrões ; multiplicar, por descrições exageradas, os males que ela traz : miséria nos lares operários, fome e frio para seus filhos, etc. ; agitação.

Nesta ordem de idéias, divide as suas atividades de doutrinador do seguinte modo :

Estudo dos problemas filosóficos, económicos e políticos, à luz da sua concepção, por meio de

obras de fôlego, para uso das elites do partido.

Pequenas obras, artigos curtos, sobre temas elementares, para uso do proletariado médio.

Funda, então, sob a sua imediata direção, uma escola para os futuros agitadores, propagandistas e homens dos grupos de expropriações.

Com os primeiros — agitadores — estuda detalhadamente como conduzir a agitação. Reprodz os conselhos práticos de Cluserat, o general da Comuna de Paris, sobre o modo de levantar barricadas nas ruas, interceptar forças de repressão, etc.

Com os segundos — propagandistas — como numa usina, fábrica, vila, quarteirão operário, associação qualquer, julgar do estado psicológico da massa, para, no momento oportuno, lançar a palavra de ordem : — extensão de influência, adeções, greves, etc.

Com os terceiros — os "ex" — os últimos aperfeiçoamentos introduzidos no armamento portátil das organizações armadas, chegando mesmo a encomendar a um dos seus, o engenheiro Krassine, o estudo e fabricação de um tipo de arma própria para as ações desse grupo.

Organiza, enfim, para uso do partido, sob o título — "Como conduzir uma insurreição", um verdadeiro breviário de técnica revolucionária, cujo resumo é o seguinte :

1º) obter uma grande superioridade de forças no ponto decisivo, no momento decisivo, sem o que o adversário, superior pela preparação e organização, aniquilará a insurreição ;

2º) procurar surpreender o inimigo, escolhendo o momento em que suas forças estejam dispersas ;

3º) combinar o movimento das forças insurreccionais de modo a ocupar, simultaneamente e a qualquer preço, pontos vitais, tais como : centrais elétricas, telefônicas e telegráficas ; estações, pontes, entrocamentos ferroviários e rodoviários importantes ; sedes de

repartições públicas, quartéis, etc., constituindo, para isto, com a elite dos operários, soldados e marinheiros, destacamentos próprios para golpes de mão;

4°) uma vez ocupados aqueles pontos, fazer-se matar até o último homem, antes de entregá-los;

5°) obter, cada dia, cada hora mesmo, um sucesso qualquer, embora de pouca importância, a fim de conservar a supremacia moral;

6°) tendo em vista que a defensiva é a morte de qualquer insurreição, agir com o máximo de decisão e absolutamente, a qualquer preço, ofensivamente.

Com este modo de agir, acusado por revolucionários de outras escolas de ter estabelecido no seu partido a "Ditadura Quádrupla", isto é: a ditadura do proletariado sobre o país, do partido sobre o proletariado, da comissão central sobre o partido e dele sobre a comissão central, consegue manter os seus homens em ação permanente até abril de 1917, quando cessa a vida clandestina do partido.

B) A fase legal do Partido.

Da Suíça, onde fixou residência, desde agosto de 1914, acompanha o desenrolar da guerra. Imediatamente substitui o velho e desmoralizado "slogan" das campanhas anteriores — "Constituinte" — pelo de "Liberdade, Pão e Paz".

Traça, então, a seguinte linha de conduta: "Como no passado, ligar, obrigatoriamente o trabalho legal ao trabalho ilegal; confundir a propaganda republicana, a luta contra o imperialismo com a agitação e a luta pela revolução proletária, visando à conquista do poder pelos "Soviets" de deputados operários e soldados".

Para isso: alargamento do trabalho; organização das massas proletárias rurais e das cidades; formação de núcleos no exército e na marinha; desmoralização sistemática do governo; preparação da conquista do poder, pela pregação de que só um governo proletário poderá dar ao povo "Liberdade, Pão e Paz".

Mesmo assim, é surpreendido pelo golpe de estado que derrubou o Czar, o golpe Kerensky, levado a efeito sem a cooperação dos seus "revolucionários profissionais".

A surpresa é tão grande que o seu jornal, o "Pravda", chega a apoiar o movimento vitorioso, saudando-o como "republicano democrático".

Refeito, enquanto aguardava o "vagão lacrado" que o conduzirá, através da Alemanha, à fronteira da sua pátria, nas "Cartas de Longe", reprova, com veemência, a atitude dos seus, proíbe qualquer aliança com os que ele classifica de "burgueses e socialistas da guerra" e prescreve: "Mais do que nunca, é necessário organizar, alargar, enquadrar a milícia proletária e realizar o armamento do povo, sob a direção dos operários. Renunciar a isso é renunciar à revolução".

Quais eram as atribuições dessa milícia?

Ainda, segundo Lenine: "Formar piquetes de greve, a fim de impedir que os "furadores" retomem o trabalho; fornecer a vanguarda, retaguarda e escalões de segurança das manifestações públicas, constituir pequenos grupos de agitadores que, misturados na massa, conduzam-na à prática de atos fora das suas intensões; ser, ao mesmo tempo, um centro de mobilização e uma tropa de choque, tanto no ataque, como na defesa".

Chegado a Petrograd, abril de 1917, e imprevidentemente abertas pelo governo Kerensky as grandes eclusas da propaganda — a liberdade de imprensa e da palavra, vale-se, imediatamente, dessa oportunidade.

"É preciso, antes de tudo", escreve ele no "Pravda", aproveitarmos da liberdade que o novo regime nos dá e da nossa organização para esclarecer e organizar as massas".

E, de uma rica matéria-prima — o impulso elementar do povo russo para a paz e a repartição da terra, graças às hesitações do governo, vai tirando motivos para

incrementar a agitação, já visível.

Pelo seu jornal focaliza as seguintes questões: Qual a melhor forma de governo para substituir o Czarismo? Como concluir rapidamente a paz? Como repartir a terra?

Depois, ligando esses três problemas, numa argumentação simples, explica: "que o governo provisório — Kerensky — submetido aos países capitalistas ocidentais e amigo dos latifundiários, quer continuar a guerra e não deseja dividir a terra; que só um governo do povo poderá alcançar aqueles objetivos; que isso só poderá ser conseguido se o poder for entregue aos "Soviets" de operários e soldados, constituído por delegados facilmente substituíveis, frequentemente renovados e sempre controlados pelo povo. Então, que a solução estava na constituição de um estado sem burocracia, sem polícia, e sem funcionários, uma verdadeira democracia de operários, soldados e camponeses na qual, desde o mais humilde "mujiks" ao mais insignificante letrado, tivesse oportunidade de fazer a sua educação governamental.

Eram temas entusiasmantes para aquelas massas primitivas, famintas e ignorantes, ansiosas pela total inversão da pirâmide social na qual sempre viveram.

Enquanto isso, na Comissão Central do Partido, desenvolve um plano de ação perfeitamente adaptado à psicologia popular do movimento, mas que não deixa de inquietar os seus tenentes, pela audácia: — "Nada de democracia burguesa. Nada de continuar a guerra. O poder aos Soviets".

Por essa época, Petrograd era um imenso formigueiro humano de desempregados, desertores, vadios, basbaques, etc., campo aberto a qualquer tipo de propaganda ou agitação.

Pelo "Pravda", por intermédio de oradores de primeira ordem, com agitadores distribuídos pelas praças públicas, visinhança de quartéis, encruzilhadas, etc., Lenine lança três novos "Slogans".

"Camaradas operários! Consa-

grai todas as vossas energias em esclarecer a retaguarda. Estabelecei contactos diretos com os regimentos".

"Lavrador! Uma vez que o governo não vos quer dar um pedaço de terra, ocupai-o, tomai-o aos latifundiários".

"Soldados! Se quereis a paz, enviai deputados aos Soviets. Quando eles forem a maioria tomarão o poder e logo em seguida atenderão as vossas reivindicações".

Ao serviço destes temas, confia aos especialistas militares do partido duas tarefas paralelas:

1º) Com oficiais, suboficiais, sargentos e soldados, formar instrutores e uma verdadeira organização de combate, especificamente comunista;

2º) Sobre a base de um recrutamento mais largo, constituir uma guarda vermelha voluntária, aliada nas fábricas e fortemente enquadrada pelas organizações de combate.

Em 18 de junho, 400.000 pessoas tomam parte numa manifestação monstro contra a ofensiva da Gália.

Em 5 de julho, marinheiros do Báltico e operários provocam tumultos nas ruas de Petrograd.

Kerensky, no intuito de consolidar o seu governo, resolve tomar represálias.

O "Pravda" é suspenso, o quartel-general de Lenine é ocupado e ele mesmo sob a ameaça de prisão, foge para a Finlândia, acusado de agente da Alemanha.

Era, porém, evidente a rutura entre o desejo de paz do povo, abalado pela pregação comunista e os designios de continuar a guerra, do governo.

Do seu novo refúgio, volta Lenine a pregar a insurreição armada.

Petrograd é inundada de boletins. A campanha subterrânea toma proporções jamais vistas. A guarda vermelha mantém permanentemente mobilizado um terço dos seus efetivos, enquanto os restantes dois terços continuam o seu trabalho como se nada houvesse.

Em 26 de setembro, Lenine faz publicar um breve e concreto programa de governo, de 12 pontos:

- 1º) Poder dos Soviets de operários, soldados e camponeses.
- 2º) Armamento aos operários.
- 3º) Paz sem indenização ou anexação.
- 4º) Terra aos agricultores.
- 5º) Abolição da propriedade territorial.
- 6º) Luta contra o fome e o desmoronamento econômico.
- 7º) Nacionalização dos bancos, companhias de seguros e de serviços públicos.
- 8º) Abolição do segredo comercial.
- 9º) Dissolução das associações contra-revolucionárias.
- 10º) Fechamento dos jornais contra-revolucionários.
- 11º) Publicidade dos jornais, monopólio do estado.
- 12º) Um jornal comunista.

Neste meio tempo, agrava-se a crise. Debacle militar na frente; desorganização e motins na retaguarda.

Para combater a rebelião do General Kornilof, que havia jogado contra Petrograd a "Divisão Selvagem", Kerensky comete a imprudência de armar os operários, na sua grande maioria filiados ao partido comunista.

Com aquela providência havia selado a sua sorte e a do governo.

Lenine, novamente em Petrograd, aproveitando-se de uma situação verdadeiramente excepcional, decide a 10 de outubro, precipitar o golpe.

Pequenos destacamentos, soldados, operários, marinheiros, um ou dois especialistas, um comissário do Comité Militar Revolucionário, visitam discretamente os lugares que deverão ser ocupados na hora "H".

Propagandistas isolados ou em pequenos grupos são enviados para trabalhar as tropas aquarteladas nos arredores: neutralidade ou adesão.

Agitadores são colocados nos pontos de maior afluência do público.

Prevenido, Kerensky, num esforço supremo, tenta apagar o

golpe. Pede reforços ao estado-maior da frente norte; dobra a guarda do Palácio de Inverno, sede do governo; impede quartéis; faz guardar as pontes que dão acesso aos bairros operários; dá ordens ao cruzador "Aurora", filho de comunistas, que se faça ao largo, rumo ao Báltico; manda cortar a linha telefônica do Instituto Smolny, sede do quartel-general da insurreição e ocupar as oficinas dos jornais comunistas.

Era tarde, porém, e a resposta dos comunistas se faz rápida e tem início a fase militar da insurreição.

As guarnições dos subúrbios são alertadas no sentido de barrarem a marcha dos regimentos chamados do "front"; as ligações telefônicas com Smolny são restabelecidas; libertas as oficinas dos jornais comunistas; a fortaleza de Pedro e Paulo, que dominava com seus canhões a sede do governo legal é "conquistada" de dentro para fora; o cruzador "Aurora" recusa-se a cumprir a ordem de se fazer ao largo; as guarnições legais das pontes são substituídas por elementos da guarda vermelha, enquanto automóveis de passeio, guarnecidos por grupos de combate, dominam as ruas e praças principais da cidade.

No decorrer do dia 24 e na noite de 25 de outubro, o governo assiste, impotente, a ocupação, quase sem luta, de todos os pontos estratégicos de Petrograd.

Bloqueados no Palácio de Inverno, os ministros de Kerensky, por ele abandonados na sua fuga para a fronteira, capitulam e são presos.

No dia 25, no Congresso Pan-Russo dos Soviets, Lenine anuncia a vitória da revolução em Petrograd e a constituição oficial do Governo Comunista.

E as risinhas promessas da "construção de um estado sem burocracia, sem polícia, sem funcionários, de uma verdadeira democracia de operários, soldados e camponeses, na qual desde o mais humilde Mujik, ao mais insignificante iletrado iriam fazer a sua

educação governamental; de um governo constituído por delegados facilmente substituíveis, frequentemente renovados e sempre controlados pelo povo"; foram para logo esquecidas.

Após três anos de uma guerra civil implacável, na qual foram massacrados milhões de homens e destruídos os baluartes da civilização russa, a "líquidação asiática" submergiu o país inteiro. O povo apenas havia mudado de dono.

C) *Prestes, simples éco das idéias de Lenine.*

Quem se der ao trabalho de ler o "Manifesto" de Prestes, publicado na "Tribuna Popular", edição de 4 agosto do ano passado e compará-lo com os 12 pontos de governo de Lenine, facilmente verificará que, passados tantos anos, Prestes nada mais foi que simples éco das idéias do "Papa do Comunismo".

Se não, vejamos:

Lenine — Poder aos Soviets de deputados operários.

Prestes — Substituição da atual ditadura feudal burguesa por um governo sob a direção do proletariado.

Lenine — Armamento aos operários.

Prestes — Exército popular de libertação nacional — armamento geral ao povo.

Lenine — Terras aos agricultores.

Prestes — Luta por um governo democrático — popular que vos ajude (lavradores), a tomar a terra dos latifundiários e distribuí-la, sem indenização.

Lenine — Abolição da propriedade territorial.

Prestes — Confisco das grandes propriedades rurais, com todos os seus bens móveis e imóveis nelas existentes e entrega imediata e gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem terra.

Lenine — Luta contra a fome e o desmoroamento econômico.

Prestes — Imediato melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras.

Lenine — Nacionalização dos bancos, companhias de seguros e as de serviços públicos.

Prestes — Completa nacionalização dos bancos e emprêzas de seguros, assim como de todas as emprêzas industriais e comerciais de caráter monopolista.

Lenine — Abolição do segredo comercial.

Prestes — Contrôlo dos lucros dos grandes capitalistas.

Lenine — Dissolução das associações contra-revolucionárias.

Prestes — Expulsão das Forças Armadas de todos os fascistas e agentes do imperialismo.

Lenine — Pão, terra e Paz.

Prestes — Pão, terra e Liberdade.

E, nesta toada, cansaríamos o benevolente auditorio, se fôssemos continuar a anotar as semelhanças no linguajar de ambos, como prova do que já afirmamos: os meios variaram, mas a técnica é a mesma.

3ª PARTE

CONCLUSÃO

Prezados camaradas!

Já vão longe os tempos das revoluções românticas, das bandeiras vermelhas flutuando nas barricadas, apenas defendidas pelo ardor momentâneo e revolucionários amadores.

A pontencialidade dos meios modernos da repressão, convenientemente preparados e alertados em tempo, sobre os quais o Estado assenta o seu poder, a sua segurança, excluem qualquer improvisação e tornam uma revolução, meramente civil, praticamente impossível.

Por certo, as insurreições dos nossos dias ainda obedecem a certos impulsos irracionais, mas, ao contrário das de outrora, são disciplinadas pela razão e conduzidas por testas frias.

Estudadas e analisadas debaixo de todas as formas, examinadas sob

todos os ângulos, necessita, segundo a técnica comunista, de 5 condições para a sua eclosão:

1º) Um partido de tipo novo, sem nenhuma semelhança com as organizações políticas da chamada liberal-democracia, partido esse resoluto, disciplinado e apercebido de todos os meios adequados à ação;

2º) Ação direta junto às massas, pela agitação;

3º) Processos modernos de propaganda, à altura da tensão psicológica que é preciso provocar ou aproveitar;

4º) Atmosfera propícia ao movimento que está sendo preparado (depressão econômica, desemprego, descontentamento geral); postos nas posições-chaves do governo e nas organizações econômicas ou que explorem os serviços públicos;

5º) E, sobretudo, a conquista de adeptos ou simpatizantes nas forças armadas, colocadas ante o seguinte dilema: permanecer como guardiães dos valores tradicionais da nacionalidade, ou tornarem-se a fonte mesma da insurreição.

Orá, se essa premissa tem se mostrado verdadeira nas velhas nações da Europa, com mais forte razão se verificará num país em formação, como o nosso, onde a espada do Exército têm sido o elemento de decisão, pró ou contra, em todos os movimentos políticos, a começar pelo da nossa Independência.

É que, recrutando elementos em todas as camadas sociais, sem preconceito de qualquer espécie, vivendo em contacto íntimo com o povo, ele, sofre a influência dos sentimentos e paixões do meio ambiente, ao qual se irmana pelo entusiasmo contagiante da nossa gente, embora a reciproca também seja verdadeira.

Nestas condições, assim como, na hipótese de um conflito entre o ocidente e o oriente, não haverá uma terceira posição, caracterizada por uma neutralidade benevolente, assim também, no seio do Exército, face ao comunismo, o problema se resume em "ser ou

não ser", não havendo lugar para os encapuçados, os acomodaticios, os inertes, os colaboradores por complacência, os indiferentes ou "mirones".

Deter o comunismo não é apenas demonstrar academicamente a inanidade da sua lógica, a falsidade dos seus princípios, ou a loucura das suas quimeras.

É preciso outra coisa além da dissecação dos seus sofismas ou da anatomia das suas utopias.

É preciso agir, agir enérgicamente, disputá-lo, extirpá-lo, seja a que preço for, como se remove o câncer que "se desenvolve, nutre-se, tortura e mata na evolução pura e simples de sua natureza".

A imobilidade é política suicida, guardar atitude passiva ante as ameaças de elementos desagregadores é o mesmo que aliar-se a eles.

Mas não basta.

É preciso que a Nação também se organize em um amplo e sólido bloco, para, num esforço comum de todos os seus filhos, preservar "as características profundas do espírito brasileiro, nascido e formado ao influxo da civilização cristã", pois será um dia funesto para os seus destinos aquele em que ela tiver duas consciências: uma anti-comunista, para suas Forças Armadas e outra comunista, simpatizante ou indiferente para o resto da nacionalidade.

Bibliografia:

Getúlio Vargas — A nova Política do Brasil.

A. Roças — Civilização e Democracia.

Winston Churchill — Grandes Homens Contemporâneos.

Hermann Rauchming — La Révolution du Nihilisme.

Leroy — Beaulieu — La Paupauté, Le Socialisme e La Démocratie.

Otávio de Faria — Machiavel e o Brasil.

Xavier de Courille — Jomini.

Van Loon — História da Humanidade.

Paul Murion — Leur Combat.

Daniel Rops — História do Povo Bíblico.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL DO OFICIAL

Major GERARDO LEMOS DO AMARAL

BIBLIOTECA DE CULTURA GERAL

FILOSOFIA

- | | |
|---------------------------|--|
| P. Janet | — Manuel de Philosophie — Vuibert. |
| E. Goblot | — Le Vocabulaire Philosophique — A. Colin. |
| F. Chavance | — Petite Histoire des Grandes Philosophies — Presses Universitaires. |
| A. Rivaud | — Les Grands Courants de la Pensée Antiquité — A. Colin. |
| L. Robin | — La Pensée Grecque — Albin Michel. |
| M. Meunier | — La Légende de Socrate — Piazza. |
| E. Faguet | — Pour Qu'on Lise Platon — Boivih. |
| E. Gilson | — La Philosophie du Moyen Âge — Payol. |
| L. Dimier | — La Vie Raisonnée de Descartes — Plon. |
| R. Descartes | — Discours de la Méthode — Garnier. |
| E. Boutroux | — Pascal — Hachette. |
| B. Pascal | — Pensées — Hachette. |
| Ouvrages de Gustave Lebon | (Psychologie des Foules, de l'Education, etc.). |
| B. de Spinoza. | — Ethique — Garnier. |
| E. Brehier | — Histoire de la Philosophie Allemande — Vrin. |
| T. Ribot | — Philosophie de Schopenhauer — Alcan. |
| A. Schopenhauer | — Fondement de la Morale — Alcan. |
| H. Lichtenberger | — La Philosophie de Nietzsche — Alcan. |
| A. Cresson | — Bergson, sa Vie, son Oeuvre — P.U.F. |
| H. Taine | — De L'Intelligence — Hachette. |
| T. Ribot | — Les Meladies de la Personnalité — Alcan. |
| G. Dweishauers | — L'Inconscient — Flammarion. |
| S. Freud | — Cinq Leçons sur la Psychanalyse — Payol. |
| G. Le Bon | — Psychologie des Foules — Flammarion. |
| G. Lombroso | — Hypnotisme et Spiritisme — Flammarion. |
| A. Carrel | — L'Homme Cet Inconnu — Plon. |
| P. Lecomte du Nouy | — L'Homme devant la Science — Gallimard. |
| P. Rousseau | — Histoire de la Science — A. Fayard. |

RELIGIÕES

- | | |
|-------------------|---|
| E. Boutroux | — Science et Religion — Flammarion. |
| R. Bastide | — Les Problèmes de la Vie Mystique — A. Colin. |
| N. Soderblom | — Manuel D'Histoire des Religions (Libéral) — Leroux. |
| La Bible | — Trad. Crampton — Desclès. |
| Le Livre du Zohar | — Traduction Jean de Pauly — Rieder. |
| E. Tomomatsu | — Le Bouddhisme — Alcan. |
| F. Herold | — La Vie du Bouddha — Piazza. |
| E. Montet | — Histoire de la Bible — Payot. |
| A. Lods | — La Religion D'Israël — Hachette. |
| J. Weill | — Le Judaïsme — Alcan. |
| O. Kuss | — Doctrine du Nouveau Testament — Alsatia. |
| A. Dufourcq | — Le Christianisme Antique — Hachette. |
| K. Adam | — Le Vrai Visage du Catholicisme — Grasset. |
| S. Boulgakoff | — La Religion Orthodoxe — Alcan. |
| W. Monod | — Du Protestantisme — Alcan. |
| H. Massé | — L'Islam — A. Colin. |
| P. Saintyves | — La Légende du Docteur Faust (Magie) — Piazza. |
| R. Guardini | — L'Esprit de la Liturgie — Plon. |

CIÊNCIAS PURAS

- | | |
|----------------------|---|
| G. Laisant | — Initiation Mathématique — Hachette. |
| Tannery | — Notions de Mathématiques — Delagrave. |
| L. Rudaux | — Ce Qu'on Voit Dans le Ciel — Garnier. |
| P. Coudere | — Dans le Champ Solaire — Gauthier-Villars. |
| P. Coudere | — L'Architecture de L'Univers — Gauthier-Villars. |
| C. Guillaume | — Initiation à la Mécanique — Hachette. |
| M. Boll | — Qu'est-ce que le Hasard, l'Energie, la Chaleur, la Lumière, l'Electricité, le Son, l'Affinité — (Larousse). |
| G. Simon & A. Dognon | — Précis de Physique — Masson. |
| A. Routaric | — Les Conceptions Actuelles de la Physique — Flammarion. |
| H. Reichenbach | — Atome et Cosmos — Flammarion. |
| M. Boll | — Le Chimie au Laboratoire et à L'Usine — Larousse. |
| A. Bouzat | — Chimie Générale — Colin. |
| G. Bonnier | — Le Monde Végétal — Flammarion. |
| M. Aron & P. Grassé | — Précis de Biologie Animale — Masson. |
| J. H. Fabre | — Vie des Insectes — Delagrave. |
| Y. Delage | — Les Théories de L'Évolution — Flammarion. |

- L. Guénot — Invention et Finalité en Biologie — Flammarion.
 H. Poincaré — La Valeur de la Science — Flammarion.

CIÊNCIAS APLICADAS

- H. Windisch — La Photographie de la Nouvelle École — Heering.
 C. Cutton — Télégraphie et Téléphonie Sans Fil — A. Colin.
 Cne. Cormier & Lt. Ballère — Cours D'Automobile — Delagrave.
 M. Larrouy — Le Balon, L'Avion, la Route Aérienne — A. Colin.
 R. Rudaux — Précis Élémentaire D'Anatomie, de Physiologie et de Pathologie — Masson.
 Pasteur Valléry Radot — Les Grands Problèmes de la Médecine — Flammarion.
 Croix Rouge — Manuel de L'Infirmière Hospitalière — Masson.
 M. Loeper & A. Lesure — Formulaire de Thérapeutique — Doin.
 E. Rist — La Tuberculose — A. Colin.
 P. Ravaut — Les Maladies Dites Vénériennes — A. Colin.
 Dr. Variot & P. Lavialle — La Puériculture Pratique — Doin.
 Dr. Surbled — La Vie de Jeune Homme — Maloine.
 M. Montessori — L'Enfant — Desclée de Brouwer.
 Dr. G. le Lon — Psychologie de L'Éducation — Flammarion.
 E. de Salberg — Manuel de Graphologie — Hachette.
 E. Fougerat — Visages, Miroirs de L'Âme — Colbert.
 L. E. Bertin — La Marine Moderne — Flammarion.
 C. Colin — Les Transformations de la Guerre — Flammarion.
 G. Lundendorff — La Guerre Totale — Flammarion.
 C. de Gaulle — Vers l'Armée de Métier — Berger-Levrault.
 Clausewitz — Foch.

(Continua)



**DEFUMADOR
I
INDIANO**

O MELHOR DEFUMADOR EM TABLETES. USADO PELOS INDÍAS NAS SUAS PRECES DE PAZ E FELICIDADES - FABR. J. STEFANINI - RUA ESTÁCIO DE SÁ, 71 - RIO DE JANEIRO

ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

SEPR - EM S. PAULO - J. BARROS LIMA - ALAMEDA RIBEIRO SILVA, 600



A VIA FÉRREA RIO DE JANEIRO — CIDADE DO SALVADOR

Eng. FLAVIO VIEIRA, do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia.

Foi inaugurada, festiva e oficialmente, a ligação da cidade do Rio de Janeiro com a Cidade do Salvador por caminhos de ferro e de automóvel.

Essas estradas, já entregues ao tráfego público, são de capital importância para as intercomunicações terrestres do Norte com o Sul do nosso país. Isso porque, tanto a rodovia Rio-Bahia, como a ferrovia Contendas-Montes Claros, que são as vias há pouco construídas, representam as linhas mestras para a conexão interna do Setentrião com o Meio-Dia brasileiros (1).

Da estrada de rodagem Rio-Bahia já tratamos, em artigo divulgado por este Boletim Geográfico, no

qual descrevemos o seu traçado e comentamos a importância de sua construção.

Tal como a pista dessa bela autovia, também a dupla fita de aço que se desdobra da Capital da Bahia à metrópole do Brasil, além da sua objetividade social, econômica e política, desempenha alta missão civilizadora em apreciável trato de nosso sertão, pelo nascimento de cidades, crescimento de núcleos de populações laboriosas e consequente desenvolvimento geoeconômico das regiões servidas por esses fatores de progresso.

Vamos falar agora sobre a via férrea Rio de Janeiro-Cidade do Salvador. Sua extensão é da ordem de 2.237 quilômetros, que se de-

(*) Extraído do "Boletim Geográfico" número de dezembro de 1930.

(1) A articulação do sistema ferroviário do Sul com o Nordeste e do Norte far-se-á através de três grandes pontes sobre o rio São Francisco: a já existente em Pirapora, na linha da Central do Brasil, que irá desta cidade a Belém do Pará; a em construção entre Juazeiro e Petrolina, na Viação Férrea Federal Leste Brasileiro e a prestes a ter iniciada sua construção entre Pirapora e Colégio, ligando aquela Viação a rede da "Great Western of Brazil".

envolvem através do Distrito Federal e dos Estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e da Bahia.

Há cerca de oito anos, quando o Governo da República resolveu fazer a ligação ferroviária Norte-Sul, a ponta dos trilhos da linha do centro da E.F.C.B. se achava em Montes Claros, a 1.116 quilômetros do Rio, e a linha principal da Viação Leste Brasileiro estava parada em Contendas, a 521 quilômetros da Cidade do Salvador. A distância da ligação a fazer-se era, pois, de 600 quilômetros.

A consecução dessa ligação, que nos permite agora viajar da metrópole brasileira à do Estado da Bahia em composição ferroviária, efetivou-se então com a construção dos prolongamentos da Central do Brasil até Monte Azul (ex-Tremedal) e da Leste Brasileiro até esta Cidade mineira, onde se estabeleceu a junção dos trilhos das duas grandes estradas.

Assim, os 2.237 quilômetros da importante via férrea em apêço podem ser decompostos da seguinte maneira:

Rio-Montes Claros...	1.116 Km
Montes Claros-Monte Azul	240 Km
Monte Azul-Contendas	360 Km
Contendas-Salvador ..	521 Km

Embora a inauguração oficial do trecho que estabeleceu a articulação (Bramado-Monte Azul) só se

tivesse realizado em 15 de novembro de 1950, com a presença do Sr. Ministro da Viação, General João Valdetaro, o tráfego entre o Rio e a Cidade do Salvador teve início a 7 de setembro daquele ano.

Nessa magna data nacional partiu da estação D. Pedro II o primeiro trem da Central do Brasil em direção à capital baiana, o qual cobriu o longo percurso em quatro e meio dias, quase dois dias mais que o tempo empregado na viagem pela rodovia Rio-Bahia. (2)

Para fazer-se pequena idéia do que é esse percurso, vamos procurar dizer, em poucas linhas, o que foi a viagem do trem acima citado, inaugurando o tráfego ferroviário entre a Capital Federal e a antiga e gloriosa metrópole brasileira.

Às 18 horas e 10 minutos do referido dia 7 de setembro, deixou o Rio a composição da Central do Brasil em direção a Belo Horizonte, onde chegou, no dia seguinte, pela manhã. (3)

Nesse mesmo dia, feita a baldeação para o trem de bitola estreita (um metro), partiu este da capital mineira, com destino à Cidade do Salvador, às 13.30 horas.

A 9 de setembro, pelas 6.30 horas, entrava o mesmo em Montes Claros, de onde, pouco depois, partia para Monte Azul, que é o ponto terminal da linha tronco da Central do Brasil. (4)

(2) A diferença de tempo nos dois percursos provém de ser a rodovia menos extensa, com os seus 1.718 quilômetros, do que a via férrea, cujo traçado se afastou mais para o interior, além do fator velocidade que é maior na estrada de rodagem.

(3) A propósito da chegada do trem inaugural à capital mineira, o Dr. Artur Henoch dos Reis, competente médico e conceituado engenheiro da Central do Brasil, que participou dessa primeira viagem ferroviária à Bahia, escreveu o seguinte, lembrando a concepção do delineador e construtor de Belo Horizonte, o seu ilustre pai, engenheiro Aarão Reis:

"quando nos aproximamos de Belo Horizonte, estava magnífico o dia e, assim, os nossos companheiros de viagem tiveram uma bela impressão da majestosa entrada nessa cidade onde o desenvolvimento assombroso que vai tendo demonstra a clara visão técnica, econômica e social de quem, há perto de 60 anos, quando o urbanismo ainda era mito no nosso país, lançou as bases do traçado de uma das mais belas cidades do mundo, cuja população cresce de maneira vertiginosa sem que os problemas de sua acomodação encontrem embaraço.

E isso acontece porque o engenheiro que projetou Belo Horizonte tinha verdadeira concepção do belo ligado à utilização material do homem, certo de que o técnico só é completo quando dá o seu saber para as coisas que melhoram a vida humana". (Da conferência feita pelo engenheiro Artur Reis na Associação de Engenharia da E.F. Central do Brasil sobre a viagem Rio-Bahia).

(4) Monte Azul é o Km 1.335 da Central do Brasil e o Km 880 do trecho de ligação Contendas-Bramado-Monte Azul, na Leste Brasileiro, a contar da Cidade do Salvador.

Ai entrou o comboio no trecho recém-concluído da linha Norte-Sul, integrante da Viação Leste Brasileiro, prosseguindo no mesmo dia, à tarde.

Depois de passar pelas estações de Garganta do Henrique, Mamonas e Espinosa, atravessou o rio Verde Pequeno, penetrando assim, no Estado da Bahia. Dentro deste alcançou Urandi e daí, passando por Engenheiro Omar (ex-Saco da Onça), Licínio de Almeida (ex-Gado Bravo) e Palmeira, chegou a Caculé, à 1,30 h do dia 10 de setembro.

Continuando a viagem, a 11 foi atingida Contendas (antigo Km 0 dos trabalhos de ligação do Departamento Nacional de Estradas de Ferro), após passagem por Brumado, Umburanas, Ourives e Francisco de Souza.

Vencida Contendas, o trem partiu para o ponto final de seu percurso, a antiga estação de Calçada, da Leste Brasileiro, na lendária Cidade do Salvador, onde chegou às 8,20 horas do dia 12 de setembro, tendo deixado para trás cidades do pitoresco Recôncavo da Bahia.

Em vários pontos do percurso, entre Monte Azul e Contendas, o comboio da Central, já então rebocado por locomotiva da Leste Brasileiro, (5) foi recebido por entre demonstrações de grande regozijo pela população e autoridades locais.

Aliás, ao longo de toda a faixa sertaneja servida pela nova via férrea nota-se não só o contentamento de seus habitantes e dos que a ela estão se achegando, mas também manifestações ecológicas bastante animadoras.

Já se começa a sentir o desenvolvimento dos núcleos urbanos formados ao influxo civilizador da estrada de ferro.

Como resultante dêsse sópo novo de vida, onde dantes era quase árduo deserto, observam-se, entre Contendas e Monte Azul, aus-

piciosas iniciativas e laboriosa atividade na lavoura, na pecuária, nas indústrias e em outros ramos da produção.

É assim, que nesse apreciável trato mineiro-balano, além de antigos garimpos de diamantes e de cristal de rocha, já se encontram culturas de milho, de feijão, de arroz, de cana de açúcar, de algodão, de mandioca e de mamona.

Vêem-se rebanhos bovinos nos Municípios de Monte Azul e de Caculé; ovinos naquele primeiro e no de Espinosa; suínos nos Urandi e Caculé; e caprinos neste último e nas Cidades de Umburanas e Mamonas.

Há usinas de beneficiamento de algodão em Contendas, Espinosa e Monte Azul; e de força e luz nesta cidade mineira, bem como nas de Urandi e Espinosa. Em Catiboaba funciona a usina da Magnesita Sociedade Anônima.

Palmeira, Espinosa e Monte Azul produzem aguardente e em Tanhaçu há uma fábrica de cal. Há também uma fábrica de pó de palha de ouricuri em Brumado, onde existem minas de magnésio e talco.

Por esta rápida enumeração podem-se avaliar das possibilidades econômicas e a atividade comercial da zona que acaba de se beneficiar com a ferrovia de que nos ocupamos.

Agora, ressaltemos, como se faz de justiça, o magnífico trabalho que realizou o Departamento Nacional de Estradas de Ferro na construção dessa importante linha ferroviária. Seus engenheiros, orientados pelo eminente técnico que é o diretor geral daquele Departamento, engenheiro Artur Pereira de Castilho, enfrentando e dominando as numerosas dificuldades oferecidas por essa construção, saíram-se galhardamente do grandioso empreendimento.

E o seu notável esforço não se limitou simplesmente à construção da via permanente. O D.N.E.F.

(5) A composição da Central do Brasil, constante de um carro para o seu chefe, bagagem e correio, dois carros de 1ª classe, um restaurante, um dormitório com 20 leitos laterais e um carro da administração com três cabines e pequeno salão, foi tracionada, a partir de Monte Azul, por locomotiva da V.F. Leste Brasileiro.

auxiliou a abertura de escolas e hospitais, construiu centenas de quilômetros de estradas de rodagem e casas de turmas de agentes e para residência de engenheiros. Preparou dois campos de aviação, um em Caculé e outro em Umburanas, e cuidou do fornecimento de água a muitas localidades da linha. E, naqueles onde se faz sentir a seca, realizou obras de barragem, aproveitando os próprios aterros do traçado ferroviário.

Entre tais obras é notável o grande aterro de que resultou o açude de Comoxico, a 10 quilômetros de Caculé (Km 728), com capacidade de cerca de seis milhões de metros cúbicos d'água.

A respeito dessa elogiável iniciativa do D.N.E.F., disse o nosso ilustre colega e amigo Dr. Artur Henoch dos Reis, do quadro de engenheiros da Central do Brasil, por ele representada na viagem inaugural Rio de Janeiro-Cidade do Salvador:

"Merece especial atenção a obra que teve como chefe o engenheiro José Olímpio pela objetividade de seu trabalho de técnico e administrador. Sob indicação do ilustre diretor geral do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, engenheiro Artur Castilho, ao lado da construção da ferrovia procurou-se estabelecer pontos de apoio para melhoria do padrão de vida regional.

Nada havendo em tão longínqua região, o amparo social do trabalhador e do engenheiro tornou-se imprescindível, e já em Urandi se tem uma visão do que foi feito nesse sentido.

A concepção do engenheiro José Olímpio, que sendo do quadro do Departamento de Obras contra as Secas, estava servindo na construção da ferrovia, foi de grande felicidade, fazendo com que sempre que uma bacia de maior capacidade tivesse que ser atravessada por um corte, este fôsse adaptado em proporções reforçadas e devidamente cuidado em suas fundações, dan-

do-se na crista largura de 8 a 10 metros e suprimindo buelro ou pontilhão por um vertedouro em conveniente cota.

Assim, vimos em Urandi a magnífica instalação da sede do Distrito de Construção ao lado de um desses açudes complementares da via férrea, ostentando agradável moradia para engenheiros e pessoal em geral, onde todo o conforto que lhes deve ser dispensado foi atendido por forma razoável.

Ainda sob essa modalidade, cruzamos outro açude de grande préstimo chamado Comocoxico, cuja capacidade de 5 e 6 milhões de metros cúbicos d'água, coloca essa obra entre as de real valor para as necessidades da região."

Merecedores também de uma referência elogiosa são os técnicos da Central do Brasil, que, sob a competente chefia do dinâmico engenheiro Demóstenes Rockert, tiveram a seu cargo o prolongamento de Montes Claros e Monte Azul, na distância de 240 quilômetros.

Dados os elementos mesológicos adversos e as dificuldades de vida encontrados, esse prolongamento constituiu penosa etapa da conexão pelos trilhos do Norte com o Sul do país.

Sob o aspecto técnico do traçado da linha recém-inaugurada, assim se manifestou o engenheiro Artur Reis:

"Fixando alguns dados técnicos observados na construção desse trecho, notamos que de Brumado a Contendas, ficou com raio mínimo de curvas 156,27 metros e rampa máxima de 1,8 %, não compensadas pela Leste Brasileiro. Já, de Brumado a Caculé, esses limites passaram a 201,12 metros para os raios das curvas e a rampa para 1,5 %. Daí ao Saco da Onça, passaram a 301,61 metros e 1 % compensada, as características das curvas e rampas.

Vimos, também, a grande ponte construída sob o rio de Contas, estrutura em arco de concreto armado, com vão de 210 metros, que honra a engenharia ferroviária nacional,

pelo arrôjo de sua concepção e magnífica construção que mereceu do D.N.E.F., pois o regime torrencial desse rio muito trabalho e preocupações deu aos responsáveis pelas obras, que não vacilaram em adotar providências as mais ousadas e dependentes da grande dedicação que tinham à sua missão.

Estávamos a uns 350 quilômetros da Cidade do Salvador, quando foi mudada, no Depósito de Paraguaçu, a nossa locomotiva de vapor por outra Diessel-elétrica, que prosseguiu viagem com maior velocidade e comodidade de tração".

Encerremos, agora, estes comentários dando a impressão a seguir, ainda do distinto engenheiro Artur Reis, sobre o trecho final do longo caminho ferroviário que ora se abre

entre as merópoles antiga e atual do Brasil:

"Quando se chega a uns 200 quilômetros da capital baiana muda-se, completamente, a fisionomia geral da região, que passa a ser de exuberante vegetação com córregos perenes, começando-se a ver plantações de cana, milho e outros produtos. A vida muda-se nas estações, notando-se maior animação e gente de aspecto mais nutrido."

A chegada à Cidade do Salvador, pelo trem da Leste Brasileiro, vindo do Rio, é de uma grande beleza, pois a linha férrea costeia o mar do afamado Recôncavo e assim segue por mais de 30 quilômetros até próximo à hoje célebre localidade de Lobato, onde começou a jorrar o nosso petróleo".

NOTA — A distância, em relação ao Rio de Janeiro, da estação de Monte Azul, onde se unem os trilhos da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro com os da Central do Brasil, é nesta de 1.355 quilômetros. No Saco da Onça tem a linha Contendas-Monte Azul a sua cota mais alta.

**FERRO
ARAMES
CHAPAS
AÇOS**

REDONDO, CHATO, CANTONEIRAS TEE, ETC.
GALVANIZADOS, PRETOS, ETC.
PRETAS, GALVANIZADAS, COBRE E LATÃO.
CHATOS, OITAVADOS E CABO DE AÇO.

COBRE EM BOBINAS, ELETRODUTOS, ESTANHO, FERRO-ARCO, FITAS DE AÇO PARA ARQUEAR, PREGOS, ZINCO LISO, ETC.

CADIB

FERRAMENTAS — LOUÇA ESMALTADA — FERRAGENS
ENTREGA IMEDIATA

Cia. Americana de Intercâmbio Brasil

IMPORTADORES E ATACADISTAS

Secção de Vendas — Rua Teófilo Ottoni, 15 — Sobreloja

Telex 22-2147 — 22-2143

Caixa Postal 1497 — End. Tel.: "CADIB" — Rio

SIGNIFICAÇÃO DA VITÓRIA ALIADA NA AFRICA

Gen. FELICIO LIMA

O general inglês Montgomery representou na última guerra, por assim dizer, um papel que lembra o de Wellington nas guerras napoleônicas, que colimaram com a derrota de Bonaparte em Waterloo.

As Nações Unidas, como naquela época memorável, em que os aliados de então dispunham de Exércitos de grandes efetivos para derrotar o famoso Corso, resolveram enfrentar o general Rommel com forças militares poderosas, a fim de conseguir pô-lo fora de combate.

Assim é que Montgomery teve às suas ordens o 8º Exército britânico, sob o seu comando; o 1º Exército misto, dirigido pelo general inglês Anderson; tropas norte-americanas do general Patton e elementos aguerridos franceses dos generais Giraud e De Gaulle. Tais forças atingiram, segundo fontes fidedignas, a cêrca de 2.000.000 de homens.

Ora, von Rommel e von Armin, contando, cada um, em suas fileiras, com efetivos de 250.000 combatentes, procuraram resistir de modo eficiente ao cêrco das forças aliadas, mantendo-se com admirável vigor na Tunísia, a despeito de encarniçados combates, graças ao sistema de fortificações ali existente.

Montgomery não conseguiu cercá-los na linha Mareth e nem pôde evitar a junção das valorosas tropas daqueles dois generais alemães, feita em condições tais que quase fizeram periclitár os planos aliados na campanha africana.

Von Rommel vinha, pois, manobrando à napoleônica, sendo portanto necessário, para vencê-lo, destruir todas as suas bases, no sentido de suas tropas não rece-

berem aprovisionamentos, a fim de que os aliados tivessem o ensejo de, como dizem os espanhóis, "pegar o touro pelos cornos".

Nessas condições, foi mister que se procurasse desarticular o poderio de von Rommel, mediante acometidas por Oeste, Noroeste e Sul da África contra o perímetro das defesas do "Eixo".

Aliás, segundo se deduz dos despachos oficiais, no tocante ao complicado caso bélico, o Grande Q.G. dos exércitos aliados admitiu que se verificaria, naquela frente de guerra, um período de tranquilidade, que seria aproveitado para garantir às forças de ataque, em redor das defesas de Tunis e Bizerta, qualquer surpresa do inimigo, antes de ser iniciado o assalto final para lançar as tropas italo-germânicas no Mar Mediterrâneo.

Certamente as vias de acesso, partindo do Golfo de Tunis, estavam protegidas por uma série de canhões de grande alcance, que dominavam as águas das proximidades da costa africana, tendo como apoio, à retaguarda, as fortalezas de Korboun, poderosa e eficientemente artilhadas.

Acreditava-se estarem os totalitários no firme propósito de conservar em seu poder tais instalações de barragem da defesa de Bizerta, ainda que fossem obrigados a evacuar Tunis.

Todavia, era de se supor que o principal inconveniente das posições da artilharia inimiga, na zona em aprêço, consistia na falta de proteção moderna contra a aviação aliada, que já estava suplantando a dos nazi-fascistas.

Destarte, não havia meio de conhecer, com segurança, o que poderiam fazer os totalitários durante a supracitada paralização das operações ofensivas, em matéria de fortificações no setor da luta em análise.

O próprio Secretário da Guerra dos Estados Unidos, Henry Stimson, declarava não haver indícios de que o inimigo projetasse uma evacuação em grande escala, porque as forças aliadas que operavam no ângulo Nordeste da Tunísia ainda poderiam enfrentar uma luta violenta.

O certo é que nada disso modificou o epílogo das operações, pois o general norte-americano Eisenhower, comandante em chefe das forças aliadas no teatro da guerra africana, acabava de anunciar que os seus exércitos estavam prontos para a etapa final da campanha destinada a expulsar os adversários do território tunisiano.

Assim, von Rommel e Montgomery enfrentaram-se numa campanha de longo curso, cujo ponto capital residia na rapidez das operações e daí a luta ter assumido um caráter singular, pois os ganhos e perdas tiveram de ser computados pelos dirigentes da estratégia da guerra global, principalmente no que se referia ao fator tempo.

Von Rommel, incontestavelmente, foi o provecto mestre dessa rapidez conscienciosa, pois já derrotara diversos exércitos ingleses na África, chegando mesmo às portas do Canal de Suez. Por outro lado, Montgomery, depois de lutar em vão contra o general inimigo, como parte daqueles exércitos, também se revelou um mestre a seu modo.

Indiscutivelmente, von Rommel, embora dispondo de diminutos efetivos naquele momento, sem probabilidade, portanto, de vencer, — como acontecera com Napoleão em Waterloo — não se deixou, contudo, absorver, de modo total, pela tática adversa. E, segundo um crítico militar inglês, "Montgomery, com os 8º e 1º exércitos britânicos, com forças norte-americanas e eficientes tropas de franceses dissidentes, tinha um objetivo e fracassou:

colocar von Rommel entre dois fogos, ao invés de se unirem por trás dele e o empurrar várias milhas acima de Efiderville..."

Não há dúvida, porém, de que o desgaste nazi-facista começou desde que Montgomery atacou e flanqueou a célebre linha Mareth, tanto mais quanto se sabia que as maiores dificuldades residiam no domínio dos aprovisionamentos, pois que o estreito de Sicília, de um modo genérico, com tais operações, acabaria subjugado pelos aliados. Além disso, desde o dia em que os exércitos de Hitler começaram a fracassar, toda a crença na filosofia nazista entrou em franco arrefecimento.

Contudo, o próprio Winston Churchill, o Argus daquela memorável luta, em notável discurso proferido no parlamento inglês, em 1943, assim se referiu sobre a personalidade de von Rommel:

"É um general inimigo que deve ser respeitado, mas que agora, felizmente para a nossa causa, conta com efetivos reduzidos e aprovisionamentos escassos..."

Tais fatos constituem provas concludentes de que a moral da guerra, que é a condição primordial da vitória, começou, ali, a fugir das mãos do Fuehrer, mercê da maneira enérgica e persistente pela qual Montgomery, com suas poderosas forças, não deu descanso às lendárias tropas do comando daquele audacioso cabo de guerra teuto.

É que a guerra não se forja somente do ataque das armas. Ela é também uma função dos fatores psicológicos que fortalecem o espírito de combatividade ou dividam a encruzilhada da capitulação.

Eis porque a missão principal dos Aliados obedeceu a uma razão estratégica que se resumia, para Montgomery, no domínio total do Mediterrâneo. E para alcançá-lo, era mister conquistar todo o Norte da África, procurando uma liberdade de ação completa sobre as águas tumultuosas do mar cobijado,

onde se travariam batalhas navias de importância capital.

Ultimadas com êxito aquelas operações, surgiu a crise italiana, forçando o Alto Comando alemão a ordenar a retirada geral, em toda a parte meridional da Itália, para a região do rio Pô. Acreditava-se que Hitler, ordenando às suas tropas organizarem-se defensivamente naquelas planícies memoráveis, — embora com poucas possibilidades de uma resistência prolongada — quizesse apenas ganhar tempo a fim de se fortificar ao Sul da Áustria, apoiando-se nas salientes dos grandes Alpes.

Mas tudo foi inútil, porque as vitórias dos anglo-norte-americanos na Sicília e as dos russos, em Khar'kov, imprimiram à guerra um novo aspecto, evidenciando que os totalitários não contavam mais com reservas suficientes para empreenderem uma contra-ofensiva de grande envergadura, nem com aviação para apoiá-la.

Ademais, a atitude do Fuehrer, desprezando os conselhos técnicos dos velhos e experimentados generais do tradicional exército prussiano, — que fizeram frente e derrotaram os chamados invencíveis exércitos moscovitas — naturalmente não previu a ofensiva russa, em plenas estepes cobertas de neve e onde nem sequer penetrava uma réstea de sol para aquecer as suas tropas outrora valorosas, ofensiva que forçaria a evacuação de Rostov e Khar'kov, posições de grande importância estratégica para a conquista do Cáucaso!

E, com o êxito das ofensivas conjugadas na África e na Rússia,

e estertor da Nova Ordem de Hitler começou a ecoar no mundo com as proclamações de Goebbels e Virgílio Gayda: aquele, insistuando que a Europa Ocidental deveria esquecer as suas divergências e aliar-se contra os bolchevistas; êste, afirmando que o prolongamento da guerra significaria, para os norte-americanos, um formidável aumento da dívida após-guerra e, finalmente, para os beligerantes, um verdadeiro perigo a vitória da União Soviética...

Assim, a imaginação dos chefes totalitários, ao mesmo tempo desabusada e previdente, seguiu o seu voo e lá se foi pelo mundo em fora a doidejar e a criar casos que, até hoje, muito tem amargado a O.N.U. ...

FABRICA BANGU
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos
no
Brasil



BANGU



Grande
sucesso
em
Buenos Ayres

EXIJA NA OURELLA
BANGU-INDUSTRIA BRASILEIRA

FÁBRICA "ALEXANDRIA"

Fiação e tecelagem de algodão

M. LÔBO & CIA

RUA GENERAL HERMES, 1199 — MACEIO — EST. DE ALAGOAS

PERFIL DO GENERAL PATTON

Esboço à luz do livro "War As I Knew It"

Ten.-Cel. PAULO ENÉAS F. DA SILVA

A personalidade do General Patton não é difícil de ser caracterizada. E já o foi, mesmo durante a última grande guerra. Seu nome encheu páginas de jornais e revistas. Foi alvo dos mais diversos comentários. Uns endeusaram-no; outros fizeram-lhe restrições. "O General Patton esbofetou um soldado!", eis um dos artigos de grande repercussão mundial, na época. Quem, entretanto, acompanhá-lo, em suas rápidas campanhas, na África, na Sicília e na Normandia, e, mais a fundo, através da Alemanha, verá quanto de particular e interessante há no tipo de cabo de guerra moderno que foi Patton. Seu livro "War as I Knew It", recém publicado, constitui uma base sólida para tal afirmativa. Além de ser um precioso diário, bem documentado, prima pelos conceitos emitidos. As facetas de seu caráter estão ali tão nitidamente apresentadas que, ao leitor, só resta destacá-las.

Patton era a coragem raciocinada. Nêle não havia valentia. Tudo era medido e calculado pelo seu espírito equilibrado e lógico. Não se deixava levar pelos temores alheios nem pelos seus. Sua frase predileta: "jamais tome conselho às suas fraquezas", surgia invariavelmente nos momentos difíceis. Ao aconselhar o subordinado, primava pela advertência construtiva; jamais pessimista. Mesmo nos momentos de crise, em que os olhares e pensamentos, assombrados e hesitantes, convergiam sobre sua pessoa — do Chefe —, no titubeava. Tinha sempre uma palavra, uma ação, uma atitude, que a todos reanimava. As vezes, na verdade, foi rispido. Certa feita, dois oficiais generais, seus comandados, mani-

festaram desconfiança nos resultados de uma operação planejada para o dia imediato. Ponderaram. Apresentaram até razões justificáveis. Patton respondeu-lhes: "Pois bem, senhores; caso conheçam outros dois generais que estejam em condições de substituí-los, para a ação de amanhã, peço-lhes trazê-los à minha presença ainda hoje". E o ataque partiu na data prevista e com aqueles dois generais, quase demissionários, à testa de suas grandes unidades.

Na invasão da Sicília, ainda lutavam as tropas da 1ª D. de Inf. norte-americana nas praias de Gela. Patton não se conteve. Desembarca na área de combate, ansioso por se colocar lado a lado com o comandante daquela divisão e assistir, destarte, toda a luta.

Na travessia do Reno, já em plena ofensiva em solo germânico, seguiu as pegadas das divisões mecanizadas, transpondo uma ponte recém lançada sobre esse curso d'água e que, no momento, era alvo dos fogos inimigos. Mas, seu pensamento estava do outro lado, na outra margem. Parodiando Wersingetorix, ao pisar a margem leste do Reno, parou, apanhou um punhado de terra e exclamou: "isto é Alemanha!"

Patton foi corajoso porque soube também enfrentar a opinião pública do mundo e, em particular, de seu país. Realmente, excedera-se ao esbofetear um soldado no leito de um hospital. Patton esbofeteara não um doente ou um ferido. Fizera-o em face de um covarde; de um homem que simulara doença para furtar-se à luta. Tão cedo certificou-se de que, logo após, esse mesmo soldado abandonara o leito e se juntara à unidade,

para então combater, com a mesma decisão de ânimo e serenidade pediu-lhe desculpas, publicamente. Sua coragem era sadia. Suas ações eram puras. Não guardava ódio, nem ressentimentos.

Algumas vezes foi ásepro. Era preciso porém. Mas, a oportunidade oferecida, não perdia ensejo e recuperava o ofendido. Sua grandeza moral era enorme.

O amor às responsabilidades era outro aspecto dessa coragem no General Patton. E, fato "sul generis", quanto maior, mais serenidade ao enfrentá-la. Na campanha da África, coube-lhe o comando de um Corpo Americano que havia sofrido sério revés no Passo Kasserine. Patton sabia o que lhe haviam reservado. As tropas quase desmoralizadas pelo insucesso. Perdas altas. Disciplina zero. Pois bem. Não esperou mais tempo. Voou para lá e, logo ao chegar, pôde constatar a gravidade da situação. Corajosamente dispôs-se para a empresa onde tudo estava por organizar, começou de baixo, pelos batalhões, junto aos quais permaneceu nos primeiros dias, levantando-lhes o moral, dando-lhes o exemplo do Chefe que tudo sabe e quer resolver. Acompanhou patrulhas na frente de contacto. Ocupou P. Cs. nas primeiras linhas. Escapou de ser morto por emboscadas inimigas. Decorridos alguns dias, o Corpo Americano estava à sua moda. Partiu para a ofensiva e colheu louros. A coragem de Patton era raciocinada e comunicativa.

O General Patton era irredutivelmente afeito ao cumprimento do dever. Este traço de sua personalidade vem desde a sua mocidade. E, muito embora os anos já lhe fizessem peso aos ombros, jamais diminuiu a intensidade dessa qualidade. Ao contrário, cultivou-a cada vez mais.

Patton era instrutor em Fort Riley. Certo dia estava de serviço à guarnição, quando lhe vieram dizer que um soldado negro havia maltratado u'a moça branca. Preconceitos de raça! Queriam linchar o acusado. Embora Patton reconhecesse o crime de seu subordinado, era entretanto radicalmente

avesso ao linchamento, por lei e por princípio. E, por dever profissional, cumpria-lhe amparar o soldado até que fosse entregue às autoridades competentes, para julgá-lo. Pois, bem, Patton enfrentou a turba emocionada e ululante. Desafiou-a dizendo: "primeiro passarão sobre o meu corpo, depois sobre o do soldado". E evitou assim a justiça apressada daqueles homens. Mas encaminhou a praça a seus juizes, que o condenaram.

Patton era irredutível no cumprimento do dever. Algumas vezes, entretanto, fazia-o à sua moda, e bem. A invasão da Normandia ia em curso. Ganhava-se terreno em solo francês. Chegara-se ao Mosa. O Comando do Grupo de Exércitos, ao qual Patton era subordinado, determinou-lhe uma parada e que se instalasse defensivamente. Parar? era a ordem. Mas, no seu escalão (Exército), dizia Patton, parar não significava manter-se inativo. Não substendia enterrar-se no chão, como se dera em 14, que ele vira. De que se tratava? de cumprir um dever "cobrir o flanco leste do Grupo de Exércitos". Como fazê-lo, e bem, Patton sabia-o; preparando-se para atacar de novo.

A noção do dever era sagrada para o General Patton. Em seu livro, ao fazer um giro retrospectivo sobre o que havia feito, sentiu-se orgulhoso em ter bem servido à Pátria. Esse orgulho era sincero e puro. Não havia valdade. Havia mesmo algo de religioso nesse sentimento. Jamais olvidou pedir ou agradecer o Socorro de Deus. O capelão militar do Terceiro Exército é o melhor testemunho dessa observação. Recebeu a Medalha de Prata porque pediu e fez os soldados pedirem também, a Deus, que as chuvas cessassem. E elas passaram e a ofensiva foi retomada e teve sucesso.

O General Patton somente pensou na ofensiva.

Não acreditamos tenha havido outro Chefe Militar com a mentalidade profissional, orientada no sentido das ações ofensivas, tão altamente desenvolvida.

Para o General Patton, parar era

doloroso e enervante. Parar significava dar mais valor ao adversário. "Para frente", eis o seu lema predileto. Algumas vezes, agindo dessa forma, ousou, arriscou-se mesmo. Mas, Deus estava com ele.

De uma feita, na campanha da Europa Ocidental, os Exércitos Aliados se viram na dura contingência de sustar o avanço para leste. As correntes de suprimento, especialmente de gasolina, estavam virtualmente paradas. As unidades recebiam os itens muito aquém do exigido. No setor americano também era essa a situação. Chamam Patton ao Q. G. do Grupo de Exs. Perguntam-lhe: "Podereis atacar, dentro de 6 a 8 dias, com mais 4 GUs a serem reagrupadas em outras frentes?" A resposta surpreendeu quase todos. Sim, quase todos, porque alguns, que já o conheciam de sobra, somente podiam esperar uma solução. Sereno e firme, eis suas palavras: "Atacarei depois de amanhã, com as divisões que tenho atualmente". Diante da estupefação geral, acrescentou ainda: "Dentro de 6 a 8 dias seria possivelmente melhor. Mas, e o inimigo? irá ele esperar? não receberá outros reforços? e as outras Divisões, chegarão a tempo? É preferível uma solução boa para já do que uma melhor para mais tarde, mas problemática". Ninguém mais relutou em apoiá-lo. Deram-lhe autorização para agir. Atacou no prazo oferecido e venceu.

Um oficial, seu confidente, após a reunião perguntou-lhes: "porque decidistes tão rápido?" Eis como respondeu: "Porque eu tive medo de meus temores". E acrescentou: "Tive receio de não aceitar a cartada, se pensasse mais tempo. E Deus estava comigo".

Outra ocasião, chegava o General Patton ao P. C. do Cmt de uma de suas divisões blindadas, da testa do Terceiro Exército. Sua presença, inesperada, surpreendeu a todos. Indagou Patton porque estavam reunidos e o que decidiam. Planejavam a transposição de um rio, alguns quilômetros à frente. Mais surpresas ficaram ainda quando ouviram: "Senhores, já foram até

o rio? já mediram sua profundidade, correnteza, etc.? Por que todo esse trabalho teórico se o rio dá vau em diversos lugares? eu vim de lá". E completando suas observações disse: "Os senhores têm meia hora para dar início aos movimentos no sentido de tranpor o rio, à viva força, se for necessário". Patton, antes de fazer as perguntas, tinha sempre a resposta pronta. Seu espírito ofensivo, levado "à outrance", não se conformava com as delongas, mesmo aparentemente aceitáveis.

O exemplo mais significativo, porém, podemos tirar de sua célebre "corrida" ao longo do Reno, antes de transpor esse curso d'água. Seus oficiais de E. M. viviam aterrorizados. Ansiosos perguntavam: "à nossa direita não há cobertura?" Patton respondia-lhes com outra pergunta: "e à esquerda? há?" "Também não, diziam seus oficiais. Para encerrar esse diálogo, ele arrematava: "Bem, descoberto à direita e à esquerda, marchemos para frente".

O que vemos? seu impulso irresistível não podia ser contido. E os alemães não o contiveram...

Patton compreendeu claramente os problemas da guerra. Conhecia bem o material. Sabia empregar suas G.U.s. Sabia melhor ainda empregar seus homens. Conhecia-os perfeitamente e compreendeu-os a fundo.

O material faz-se depressa e em série. O material do inimigo, quando capturado, também pode servir. O homem, este leva pelo menos 18 anos para ser utilizado. É caro e complexo. Pensando assim, Patton atacava em princípio. Mas, dirão, há uma contradição nessa afirmativa. Puro engano. Suas ações, montadas com rapidez e oportunidade, redundavam sempre em economia de vidas.

Certa vez, respondeu aos seus generais: "Senhores, por que economizar canhões? economizem homens. Mas ataquem amanhã, e a fundo".

As "Instruções" baixadas por Patton aos seus comandados, revelam uma sabedoria especial no tocante ao emprego do material de

guerra, fôsse êle armamento, ou outro qualquer. No que respeita aos homens, foi muito cuidadoso. Referia-se constantemente à sua utilização adequada. Preocupava-lhe muito o estado de ânimo de sua gente. Media de perto o esforço dispendido.

Quanto às unidades mecanizadas e motorizadas, às quais dedicou as melhores expressões, ao fim da guerra, freqüentemente recomendava cuidados especiais, de acôrdo com os terrenos por onde deviam passar.

As tropas de engenharia tiveram que trabalhar de modo exaustivo. Não subordinava, porém, o avanço das outras, combatentes, à técnica das primeiras. Patton dizia: "por mais vastos que sejam os campos minados, sempre se há de encontrar uma passagem por fora dêles; se isso não fôr possível, que a Engenharia abra-os, e depressa".

No emprêgo de suas G.Us., Patton deu a máxima importância à questão de seus comandos. Substituiu vários generais, uns por extenuados, outros, mais grave, por incapacidade. Divisões houve que lutaram 6 ou mais dias consecutivamente, sem o mínimo repouso. Mas Patton ali estava para sustentá-las com seu entusiasmo e ardor. Oficiais superiores houve que deram exemplos magníficos de desprendimento e sacrifício. Convém citar, por exemplo, um comandante de unidade motorizada que, ao chegar à cabeceira de uma ponte a ser tomada, percebeu que o inimigo, na margem oposta, se preparava para destruí-la. Estava lançando os fios para fazê-la saltar. Célere, abandonando sua viatura, transpôs o taboleiro numa corrida de velocidade e, embora visado e levemente ferido pelos tiros do adversário, pôde atingir o local onde terminavam aqueles fios, arrancando-os, evitando assim o desastre. Morreu com o cabo apertado ao peito. Patton a tudo assistia. Embora chorasse a perda de tão valioso auxiliar, exultou de orgulho pelo seu valor.

Os mínimos cuidados eram atendidos. Patton sabia das consequências do "pé de trincheira", o

terrível mal que afetara muita gente. Por isso, nunca abandonou o problema. Diariamente, e de imprevisto, fazia suas inspeções à tropa. Inquiria do estado do suprimento em meias para muda. E se os soldados tinham o cuidado pessoal de renová-las freqüentemente. Evitou, assim, muitos dissabores.

Patton tinha um coração de ouro. E isso apesar de seu temperamento agressivo. Prova-o o carinho com que visitava seus doentes e feridos. Para êle o hospital era um prolongamento da linha de frente. A luta do médico era a mesma do oficial combatente. Ambos tinham que velar para que morressem o menos possível. Suas "Instruções" continham sistematicamente itens especiais sobre a assistência aos seus soldados.

Após o combate, sobretudo, quando as perdas eram altas, dava-se ao capricho de tudo revelar a seus homens. Repartia com êles glórias e sofrimentos.

Conclusão.

Apresentamos quatro aspectos fundamentais da personalidade do General Patton. Procuramos argumentar com suas próprias palavras ou de seus íntimos. Valêmo-nos de alguns fatos. Seu perfil está pois sumariamente traçado. De fato: no chefe militar, que maiores credenciais poderíamos ter reunido? *Coragem, cumprimento irrestrito do dever, compreensão da guerra e espírito ofensivo.* Patton cultivou-as no mais alto grau. Orgulhou-se de assim ter servido durante toda a guerra. Julgou-se de todo pago para com a Pátria. Morreu cedo porém deixou um traço indelével de sua passagem por este mundo. Morreu o homem. Suas lições perduraram e hão de servir para muito tempo. São boas sementes que prometem boas messes. Aqueles que desejarem melhor compreendê-lo, que leiam *Was As I Knew It*. É uma fonte preciosa de ensinamentos sobretudo no campo da moral. É um livro que todo militar deve possuir.

Deus é bom e justo. Patton confiou Nêle e, com Sua ajuda, sempre venceu. Que Deus guarde sua memória.

EVOLUÇÃO DAS NOSSAS FRONTEIRAS

Cap. LUIZ ALBERTO DE FREITAS

II

PERÍODO DA DOMINAÇÃO ESPANHOLA

Durante o domínio espanhol começa o afastamento do Meridiano de Tordezilhas, sem que a isso se oponha a Espanha.

Em 1580, o rei de Espanha, Felipe II, apossa-se do trono de Portugal, que se pode considerar vacante desde a morte do rei português D. Sebastião, que não deixara descendentes em linha direta.

Começa para Portugal o período da chamada "Dominação Espanhola" que, naturalmente, grandes reflexos traria à evolução de suas colônias, especialmente ao Brasil, porque situava-se na América, face às colônias espanholas, cujos lindes eram objeto de longa controvérsia.

O regime instituído para Portugal, com essa anexação, foi um regime de liberalidade, pois Portugal seguiria independente, usando as suas próprias leis, as quais usava o próprio soberano espanhol, para reger Portugal e seus domínios. Estes, também regidos de Lisboa, tinham sua administração, justiça, religião e defesa providos exclusivamente por portugueses.

Para o Brasil, pois, pouca mudança haveria, se a anexação à Espanha não trouxesse contra o mesmo o recrudescimento da pirataria da Europa em guerra contra a Espanha, principalmente o caso da Holanda. Ataques que, por circunstâncias históricas, tivemos de fazer frente quase sem o auxílio da península e que vieram trazer, para os colonos do Brasil, a consciência de seu valor. Essa cons-

ciência, aliada à possibilidade de, sem entraves, estenderem-se os brasileiros de então para o sul e para o oeste, é que veiu caracterizar o período da dominação espanhola como o período do nascimento da nacionalidade. Período no qual, a todas regiões das nossas fronteiras atuais, chegou a irrigação do sangue brasileiro.

* *

Três grandes classes de eventos se situam no período da dominação espanhola. A luta contra a pirataria e conquista do norte. A luta contra os holandeses. O início do movimento das Bandeiras. Vejamos a influência de cada um desses acontecimentos na história de nossas fronteiras.

Já vimos que a Espanha, ao dominar Portugal, o faz com muita liberalidade, pois de outra maneira seria mais uma frente de guerra a sustentar, na luta que já empreendia contra quase toda a Europa Ocidental. Essa mesma luta obriga-a a deixar, aos portugueses, a tarefa de defender o Brasil, atacado agora, pelos inimigos de Espanha, num ritmo brutal, que chega, em 1623, à cifra de setenta navios apressados nas costas brasileiras. Portugal, exaurido na guerra africana, em que desditosamente tombara D. Sebastião, exaurido nas lutas internas pela

sucessão, exaurido ainda pela dominação espanhola, pouquíssimo pode fazer. Os colonos da América defendem-se como leões contra ingleses, franceses e flamengos.

* *

A conquista do litoral ao norte de Pernambuco, toda no período da dominação espanhola, está balizada pela luta contra os franceses. Assim, Paraíba em 1580. Logo depois, Sergipe, em 1590. Em 1597, é conquistado o Rio Grande do Norte. Do Rio Grande do Norte, a visada dos colonizadores se estende para o Maranhão. De permeio, o Ceará é incorporado aos domínios portugueses, em 1612. Desde esse ano, os franceses estão instalados no Maranhão, justamente em S. Luiz, por eles fundada. Entusiasmados com as facilidades aparentes da ocupação, chegam a fundar uma companhia de comércio, para financiar a conquista da acariciada "França Equatorial". Jerônimo de Albuquerque termina com os seus sonhos, em 1614, e o Maranhão é incorporado aos domínios portugueses, por ato do rei espanhol, mas com administração independente do resto do Brasil, visto a sua mais fácil ligação com a metrópole.

Do Maranhão parte Francisco Caldeira de Castelo Branco para o Pará e, em 1616, funda Belém. Com a fundação de Belém, chegam os portugueses ao Meridiano de Tordezilhas, que por aí passava. Eis que, de posse Portugal do novo território do Grão-Pará, a leste do Amazonas, surgem os holandeses e ingleses a noroeste do grande rio, onde instalam feitorias fortificadas, "visando à criação de futuras colônias". Expulsá-los desses lugares foi boa parte da trabalhosa missão dos primeiros capitães-mores do Grão Pará... "Para solidificar a posse luso-brasileira na região ao sul do Rio de Vicente Pinzon ou Olapoque (no atual território do Amapá), criou-se, em 1637, a capitania hereditária do Cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente, um dos bons soldados e administradores

dessa conquista" Hélio Viana). Assim, vamos encontrar o rei espanhol Felipe IV entregando, ao domínio português, território evidentemente situado a oeste do Meridiano de Tordezilhas, território esse que, pelo litoral, ia do Cabo Norte ao Cabo Orange, na foz do Olapoque.

Depois disso, só restava a Portugal explorar e tomar posse do Rio Amazonas, o que fez no período de 1637 a 1639, quando a expedição fluvial de Pedro Teixeira foi até o atual território do Equador, de onde, na confluência do Aguarico com o Napo, tomou posse, para Portugal, de toda a região que lhe ficava a leste.

Está ultimada a conquista do norte até além das atuais fronteiras do Brasil. Está de muito ultrapassado o Meridiano de Tordezilhas, inclusive por cessão do próprio monarca espanhol.

* *

Os holandeses, apoiados em poderosa companhia de comércio, tomam pé na Bahia, em 10 de maio de 1623, para manter "nas costas da América Oriental, um ponto de apoio para as suas operações no Atlântico" e, por aí, estender a influência e domínio holandeses "até o Peru pelo interior" (Rocha Pombo). Ante essas intenções, vendo seriamente ameaçadas as suas "frotas de prata" e mesmo os mananciais das mesmas, no Peru, reage a Espanha e, com um poderoso auxílio luso-espanhol, os baianos expulsam os holandeses, em 1 de maio de 1625.

A ambição flamenga não desanima. Em 2 de março de 1630, apossam-se de Pernambuco. É a célebre dominação holandesa que se arrastaria até 1654. Espanha, tendo visto o valor dos baianos, na tentativa anterior dos flamengos, resolve deixar que "os próprios povos de Pernambuco" expulsem novamente "os flibusteiros". Acontece que as intenções flamengas eram, desta vez, nada menos que, de Pernambuco, "conquistar todo o Brasil" ou pelo menos, "fazer progressos tais que

dêm a VV. SS. (diretores da Companhia das Índias Ocidentais) nome eterno, porque daqui se pode enfeiar e guardar o Brasil todo com poucos gastos, arruinar a navegação do inimigo na costa... e atrair os habitantes a mútua amizade e aliança". Alarme na península com a notícia dessas idéias. Nova frota luso-espanhola. Fracasso da mesma. Espanha não pode sustentar a luta nesse lado do Atlântico. Portugal muito menos. A luta é entregue aos próprios colonos que, intrépidamente, vão cercando os invasores. Finalmente, em 1640, Portugal emancipa-se da Espanha. Luta imediatamente pela libertação de sua colônia no América? — Não, tenta reavê-la diplomaticamente e, nada obtendo, prefere aliar-se à Holanda contra a Espanha e negociar um burla de trégua por dez anos. Enquanto isso, os colonos oprimidos vão lutando valorosamente e criando o espírito nacional, que permitiu a Calógeras dizer: "Na América, nasceu e iniciou o seu desenvolvimento um sentimento nacional, a tomar consciência de sua valia".

Enquanto se sedimenta o espírito de nacionalidade na luta contra os holandeses, franceses e ingleses, face às circunstanciais tergiversações das metrópoles peninsulares, enleadas em guerras que lhes esgotavam as forças essenciais, os portugueses, principalmente da península, tentados pelas fáceis riquezas, então em voga, das posses espanholas, vão pedindo ao rei espanhol permissão para negociarem e entrarem em terras de Espanha, com reciprocidade aos espanhóis em terras do domínio português. O rei desconversa, pensando certamente na segurança de seus domínios; é que as pobres terras do Brasil, sem ouro, sem prata, sem pedrarias e manufaturas, não tentavam a reciprocidade oferecida.

E vão os espanhóis da América povoando e explorando os Andes e sua ligação com o Atlântico: a bacia do Paraná-Paraguai. No pe-

riodo de 1587 a 1591, o "adelantado", Torres de Vera e Aragon procura atrair os índios guaranis de entre o Uruguai e o Paraná, tomando pé na atual província de Corrientes.

Já em 1620, por proposta do "adelantado" Hernandarias,, separaram-se os governos espanhóis do Rio da Prata e do Paraguai.

O mesmo Hernandarias, segundo Tasso Fragoso, capacitando-se das dificuldades de dominar os guaranis pela força, propôs a "conquista pacífica, mediante o auxílio do Evangelho, solução que Felipe III logo aprovou, em carta que lhe dirigiu, datada de julho de 1608". Daí surgirem e proliferarem as missões espanholas, que a Tasso Fragoso se lhe afiguram como "uma flank-guarda, com que a corrente espanhola do Rio da Prata se preservou de um grande perigo que a ameaçava na frente leste".

De 1610 a 1643, vão se instalando as missões, das quais, de perto, nos interessam cinco "províncias". A de Itatín, que no território de Mato Grosso se estendia até o Rio Pardo. A grande Província de Guairá, toda dentro do atual território do Paraná, cuja área limitava-se pelos rios Paranapanema, Itararé, Iguaçu e Paraná, e era constituída, já em 1630, quando sofreu o ataque dos paulistas, de onze reduções e aldeias, das quais as principais eram Ciudad Real e Vila Rica, habitadas por espanhóis. A seguir, para o sul, vinha a Província do Paraná, com a maioria de suas aldeias ao longo do Paraná, para baixo do Iguaçu, que estendendo-se para leste até à margem oeste do Peperi-Guassú e do Uruguai, é aproximadamente a atual província argentina de Missões. Finalmente, mais para o sul, no Estado do Rio Grande do Sul, mais duas províncias jesuíticas. A do Uruguai, logo a leste do Rio Uruguai e a de Tape, mais para leste. Abrangiam ambas um território compreendido entre o Rio Uruguai, a oeste, o Rio Ijuí e a Serra Geral, ao norte, o Rio Taquari, a leste e os rios Jacuí e Ibicuí, ao sul.

É sobre essa flank-guarda que os bandeirantes, na sua faina de

preadores de índios, vão cair, a partir de 1628.

Já em 1631, cai totalmente a Província de Guairá nas mãos dos bandeirantes e as missões espanholas de lá, acossadas, recolhem-se para o oeste do Rio Paraná, para a Província do Paraguai e mesmo para a do Paraná. Há reação espanhola? — Sim, mas só das próprias reduções e aldeias atacadas, pois segundo Basílio de Magalhães, o próprio governador do Paraguai — Luiz Cespedes — tem convênica com o ataque bandeirante.

Após essa vitória, transporem os bandeirantes o Alto Paraná, arrasaram as missões que se localizavam ao longo do Rio Pardo (Província do Itatin) e a cidade espanhola que se localizava nas nascentes do Aquidauana, foi obra para o ano seguinte, 1632, e nela também cooperam espanhóis. Era a vez da penetração no atual Mato Grosso.

Em 1636, descem os paulistas para o atual Rio Grando do Sul. É chegada a vez das Missões do Uruguai e do Tape. Vencedores os Bandeirantes, em toda a linha, em 1638 retiram-se para oeste do Rio Uruguai as missões que se achavam no Rio Grande.

Há em tudo isso reação espanhola? — Sim, mas, como sempre, local. Reação dos espanhóis atacados ou dos índios reduzidos, sob a direção de jesuitas. Este mandam emissários a Roma e a Madrid pedir providências. O Papa estende ao Brasil a bula que escumungava os escravizadores de indígenas e o rei autoriza, em 1639, o longínquo Vice-Rei do Peru (que jurisdicionava, na época, toda a América espanhola) a permitir que "os índios das missões paraguaias arregimentem-se e armem-se para para se defererem dos Paulistas" (Varnhagem). Tal cédula real só vem ter efeito prático no século seguinte.

* *

Com esses fatos, chega, em 1640, a restauração de Portugal e, além da Capitania do Cabo Norte, francamente a oeste do Meridiano de Tordezilhas, concedida pelo próprio rei espanhol; além da explo-

ração e posse, embora simbólica, da bacia do Amazonas, vamos, ultrapassando o malfadado Meridiano, encontrar os bandeirantes a oeste do Alto Paraná e mais para o sul, descendo as margens leste do Paraná e Uruguai, sem que o governo de Espanha, possivelmente por demais ocupado em suas lutas na Europa, venha prestar atenção ao vasto território que perdia na América.

De bom brado ele deixa para depois essa briga de vizinhos na longínqua América do Sul, já que o terreno disputado não era aquele de onde nem por onde fruíam os tesouros que alimentavam as suas tropas e corte.

BIBLIOGRAFIA

- História das Fronteiras do Brasil — Hêlio Viana — Ed. Biblioteca do Exército.
- Fronteiras do Brasil — Cap. Emir Omar Chaves — Ed. Biblioteca do Exército.
- História do Brasil — Rocha Pombo — Ed. Jackson — 5 Vol.
- Atlas Histórico Geográfico — João Soares — Ed. Ottostráfica — Lisboa.
- História Geral do Brasil — Varnhagem — Ed. Cia. Melhoramentos.
- Livro do Centenário do Descobrimento do Brasil — 3º Tomo.
- A Batalha do Passo do Rosário — Gen. Tasso Fragoso — Ed. Imprensa Militar — 1922
- História da Civilização Brasileira — Pedro Calmon — Ed. Brasiliense.
- Formação Histórica do Brasil — Pandiá Calógeras — Ed. Brasiliense.
- Organização Política e Administrativa do Brasil — A. Tavares de Lira — Ed. Brasiliense.
- Expansão Geográfica do Brasil Colonial — Basílio de Magalhães — Ed. Brasiliense.
- História da Conquista do Paraguai, Rio da Prata e Tucuman — Pe. Lozano.
- História de América — Diego Barros Arana.
- Cartografia Jesuítica — Coleção da Biblioteca Nacional.

(Continua.)



Relatório e Parecer da Diretoria da Cooperativa Militar Editôra e de Cultura Intelectual "A Defesa Na- cional" relativos ao ano de 1951

"Conselho de Administração" — Rio, 31 de dezembro de 1951 :

Senhores Associados.

Em obediência às disposições estatutárias, o Conselho de Administração da C.M.E.C.I. "A Defesa Nacional" Ltda., apresenta a deliberação da Assembléia Geral Ordinária de seus associados o Relatório e o Balanço Geral referentes ao ano de 1951, bem como o Parecer do Conselho Fiscal sobre as atividades administrativas da Diretoria, que ora finda o mandato de que foi investida pela Assembléia Geral Ordinária de fevereiro de 1949.

No exercício de suas prerrogativas, terá, portanto, a atual Assembléia de eleger, também, os novos membros do Conselho de Administração para o triênio de 1952-1954, e os do Conselho Fiscal, e respectivos suplentes, para o exercício de 1952.

As atividades e a vida administrativa desta Cooperativa no ano findo de 1951, acham-se registradas nos documentos que acompanham este Relatório: — o Balanço Geral, o Demonstrativo da Conta de Sobras e Perdas, e a Estatística do Movimento Financeiro, bem como noutros documentos complementares que, com os livros da escrituração e contabilidade, poderão fornecer aos senhores associados tôdas as informações que considerarem necessárias.

Como nos anos anteriores, pode dizer-se que as atividades da Cooperativa se resumiram, em 1951, à publicação da "A Defesa Nacional", então posta em dia, e às operações de compra e venda de livros e regulamentos pedidos pelos associados, e isto devido ao fato já tantas vezes referido de não dispor a Cooperativa de Capital que lhe permita exercer sua função primordial de editora.

Continuam, portanto, muito escassos os seus recursos financeiros, de vez que suas fontes de renda, limitando-se a publicação da Revista e a revenda de livros, não dão margem a lucros capazes de aumentarem o capital. Muito pelo contrário, as despesas gerais embora reduzidas a um mínimo irredutível, o custo sempre crescente do material e da mão de obra só tem conduzido a saldos negativos, na liquidação de cada exercício financeiro.

Já se torna monótono insistir nas causas principais que contribuem para a vida sempre precária da nossa única Revista de cultura militar, posta ao serviço de alguns milhares de oficiais do nosso Exército.

Não nos temos cansado de repetir que "A Defesa Nacional" tem uma dupla finalidade evidente, indiscutível, inegável: — ela é o espelho da intelectualidade profissional dos quadros militares, do Aspirante ao General, os quais, mais por imperativo moral do que por obrigação regulamentar (e é regulamentar) devem demonstrar seu zelo pela cultura profissional, — e por outro lado, é o veículo mais apropriado a difusão dos conhecimentos de real utilidade para o aprimoramento da instrução dos quadros, porque deve levar aos menos dotados de recursos próprios, os frutos do labor intelectual de outros camaradas.

E dêsse comércio intelectual, honesto e patriótico, diremos mesmo, dêsse dever de cooperação, resultam não somente vantagens de ordem cultural, mas, ainda, um meio de consolidar a unidade da doutrina, sem a qual não pode existir compreensão mútua nem convergência de ações eficazes.

E, se repetimos ainda uma vez, essas considerações, é porque não são raras as alegações de que a nossa Revista não consegue "interessar" a todos os seus leitores. Os que se manifestam assim, revelam deploável incompreensão das finalidades da nossa Revista, ou certa displicência intelectual mal encoberta, porque, sendo capazes de julgar do valor do trabalho alheio, não utilizam sua competência profissional para corrigirem, como colaboradores, as deficiências que alegam.

A nossa Revista vale pelos seus colaboradores, o que não exige que todos os oficiais sejam consumados escritores. Mesmo nas atividades de rotina, no comando, na instrução e na administração da tropa, há sempre observações, estudos, problemas e realizações dignos de exposição, de discussão, fáceis de serem anotados, coordenados e expostos, numa colaboração de indiscutível utilidade prática.

Seria contrasenso pensar, ou esperar, que três ou quatro redatores, tivessem a estultice de nesta época, se arvorarem em "fazedores" da Revista, ou que fossem bastante ridículos para pretenderem pontificar, sobre todos os assuntos, para a coletividade de seus camaradas. Ela tem de ser obra de cooperação, como tudo quanto se relaciona com a guerra.

Essa falsa alegação, aliás, cai por si com a leitura de qualquer dos números da "A Defesa Nacional". Outras são as causas da precariedade de sua existência. A verdadeira e principal razão disso, está no fato de não ser ela lida e escrita por todos quantos por ela deviam interessar-se, e a prova é que sua circulação continua a ser incompreensivelmente restrita.

Os prejuízos que daí lhe advêm, já não diremos de ordem cultural, mas os de ordem material, são fatais, porque, muito embora o assinante não pague o que custa a Revista, as sobras das tiragens representam perda total de capital.

Não se tem despreocupado a Administração dêsse aspecto do problema: — além de constantes apelos a cooperação, inseridos periodicamente nas páginas da Revista, tem remetido circulares a todos quantos exercem uma função de comando, de ensino ou de administração, encarecendo-lhes a necessidade de ampararem moral, intelectual e material-

mente a única revista de assuntos militares e conexos que, há trinta e oito anos ininterruptos vem prestando inegáveis serviços à cultura dos quadros do Exército, e cujo intercâmbio é solicitado por todas as revistas congêneres das duas Américas e, até, por algumas da Europa. Não se tem descuidado, igualmente, de fazer sentir aos seus Representantes nos corpos, escolas, centros de preparação de oficiais, estados-maiores e outros departamentos militares, o quanto é nobre, patriótica e valiosa a sua propaganda junto a seus camaradas, e o quanto é vital para a Revista o interesse, a dedicação que podem dispensar ao cumprimento de suas atribuições.

Os resultados práticos de tais solicitações têm ficado muito aquém do que seria lícito esperar-se, segundo se pode verificar da relação de assinantes publicada em sucessivos números da Revista, nos primeiros meses do ano que findou.

Se, apesar de tudo, a Revista vem realizando o "milagre de viver", isto se deve a duas razões principais: — a primeira, o espírito de cooperação dos Senhores Secretários Gerais da Guerra, Exmos. Srs. Generais Paulo Figueiredo e Segadas Viana, permitindo que os trabalhos de impressão e de clicheria sejam executados, sem onus para o Ministério da Guerra, respectivamente pela Imprensa Militar e pelo Gabinete Fotocartográfico do Exército. Embora esses serviços sejam executados fora das horas do expediente e, por conseguinte, mediante indenização mais onerosa para a Revista, custam menos do que exigem as tipografias civis; — a segunda, é a subvenção que, nos últimos anos, tem sido concedida a Revista, no orçamento da Guerra.

A respeito desse auxílio financeiro, convém assinalar que, apesar de havermos solicitado a autoridade competente sua conservação no orçamento da Guerra para o ano corrente, o pedido não foi atendido, de maneira que o ano de 1952, vai ser decisivo para os destinos de "A Defesa Nacional". A futura administração terá que encarar o problema da manutenção da Revista e procurar resolvê-lo com urgência, antes que se esgote o saldo da subvenção de 1951, que é de Cr\$ 44.156,70. Convém fazer sentir aos nossos camaradas que, sem a cooperação da maioria, a Revista não sobreviverá, e que uma das formas dessa cooperação é aceitarem os atuais e os futuros assinantes uma pequena majoração do preço das assinaturas. Por outro lado, o aumento do número de assinantes evitará o projuízo certo dos "encalhes" mensais da Revista, cuja tiragem não pode ser reduzida além de determinado limite porque, sendo a economia do papel insignificante, e o custo da composição e da impressão muito maior, resulta que, quanto menor for a tiragem, maior será o custo de cada exemplar, que é, atualmente, de cerca de nove cruzeiros, ao passo que o assinante contribui apenas com pouco mais de seis cruzeiros.

Sabe a Administração que nenhuma publicação periódica pode ser integralmente custeada pelos assinantes, e que somente a matéria paga compensará aquela diferença. Entretanto, nada é mais variável e incerto do que a renda de matéria paga, de maneira que seria muito perigoso basear nessa renda, exclusivamente, a manutenção da Revista.

Por outro lado, convém assinalar que a tiragem reduzida prejudica consideravelmente a angariação de anúncios, pois é fato que o anunciante deseja a maior divulgação possível de sua propaganda, não lhes satisfazendo apenas o argumento máximo dos agenciadores, quando alegam que a Revista circula por quase todos os Estados do Brasil.

O problema da angariação de matéria paga tem sido objeto de constantes preocupações e experiências da Administração. A praça do Rio está super-explorada.

É mister apelar para as praças dos Estados, mas, aqui, surge o problema da idoneidade dos agenciadores que possam ser mandados aos Estados, onde devem atuar fora do controle imediato da administração.

Temos sido, por isso, comedidos na outorga desses poderes, limitando-nos aos casos excepcionais de confiança bem fundada. E, ainda assim, não se evitam prejuízos morais e materiais para a Revista, como por exemplo, o fato verificado com o nosso representante no Estado de S. Paulo, já referido no Relatório anterior. E a esse respeito cumpre-nos informar aos senhores Associados que o Banco Nacional de Crédito Cooperativo, não conseguiu cobrar, até o presente, senão uma parte mínima dos débitos constantes da relação que nos enviou o nosso representante naquele Estado, e ao qual, aliás, segundo o compromisso assumido, competia efetuar as cobranças.

Em princípio, não permite a Administração que o agenciador receba a importância relativa aos anúncios que angariou e, muito menos, que o faça adiantamento, isto é, antes da publicação; somente em casos particulares dispensa essa precaução. Foi assim que, no ano findo, a Administração pôde enviar aos Estados de São Paulo, Paraná, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco, agenciadores de confiança que produziram renda apreciável; mas, o custeio da viagem, transportes por via aérea e em automóvel, estadia em hotéis, e, ainda mais, ficando eles encarregados da cobrança dos anúncios, a fim de evitar despesa maior com a posterior ida dum cobrador àqueles Estados, resolveu a Administração conceder aos agenciadores a percentagem máxima (50 %), de acordo com o estabelecido no § 3º, letra i), do art. 41, dos Estatutos, para o que esperamos receba a vossa aprovação.

Releva, ainda, assinalar que essa medida de exceção foi também um recurso de emergência indispensável para atender a situação financeira, no momento bastante crítica, de vez que a subvenção só nos foi paga nos primeiros dias do mês de dezembro. A futura Administração deverá concluir as medidas em andamento, no sentido de ser contratada com agências de publicidade especializadas, principalmente no Estado de São Paulo, a angariação de anúncios para a Revista, o que depende, dentre outras circunstâncias da percentagem exigida por essas agências.

Ainda neste exercício de 1951, em razão da conta-custeio da Revista ser deficitária, e da escassez das outras fontes de renda, não haverá sobras de retorno a serem distribuídas aos associados, pois, como sabeis, os saldos provenientes das contas de subvenções, doações, etc., devem ser incorporados ao Fundo de Reserva, como rendas eventuais (art. 58, dos Estatutos).

Formulamos ardentes votos para que a Cooperativa, sob o influxo da nova Administração, inicie uma fase mais próspera e possa, pelo menos, garantir a continuidade da publicação de "A Defesa Nacional", que não poderá desaparecer sem desaire, depois de 38 anos de existência, por falta do auxílio e da cooperação dos oficiais do nosso Exército.

Cabe-nos consignar aqui os nossos agradecimentos a todos quantos vem prestando seus serviços a Cooperativa e a sua Revista, os Auxiliares da Administração, os chefes e operários da Imprensa Militar e do Gabinete Fotocartográfico do Exército, pela cooperação leal e contínua em prol da obra comum.

O atual Diretor-Presidente, ao terminar o seu mandato, serve-se da oportunidade para agradecer aos Senhores Associados a prova de confiança com que o honraram, reelendo-o para três mandatos sucessivos, lamentando, entretanto, não ter podido corresponder integralmente a essa cativante prova de confiança, mas, afirma que procurou servir tanto quanto lhe permitiram suas limitadas possibilidades.

Resumindo, verifica-se pelo Demonstrativo de Receita e Despesa, que a vida financeira da Cooperativa acusa uma receita de Cr\$ 621.818,70, a qual corresponde uma despesa de Cr\$ 596.389,10.

Resulta, portanto, um saldo de Cr\$ 25.429,60 que, adicionado ao saldo de Cr\$ 83.170,20, que passou de dezembro de 1950 para o ano de 1951, dá a importância do saldo em Caixa de Cr\$ 108.599,80, com que se encerra o exercício financeiro de 1951. Esse saldo seria um índice de prosperidade da Cooperativa, se para ele não houvesse concorrido uma parte da subvenção de cem mil cruzeiros.

Pela demonstração da conta de "Sobras e Perdas", verifica-se que o Fundo de Reserva cobriu o "deficit" de Cr\$ 8.589,90, com que se encerrou o Balanço Geral do exercício de 1951.

Ainda há a assinalar que a Administração já prestou contas ao Estabelecimento Central de Finanças do Exército, do Auxílio recebido de Cr\$ 100.000,00.

Eis, Senhores Associados, o que de essencial, nos pareceu necessário dizer-vos e submeter a vossa apreciação e decisão, para os devidos efeitos.

(a) Gen. RENATO BAPTISTA NUNES,
Diretor-Presidente.

(a) Gen. ANTONIO DE CASTRO NASCIMENTO,
Diretor-Gerente.

(a) Cel. ADALARDO FIALHO,
Diretor-Secretário.

Cooperativa Militar Editôra e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional"

"Balanço Geral" do "Ativo e Passivo" — Rio, 31 de dezembro de 1951.

Ativo:

	Cr\$	Cr\$	Cr\$
Imobilizado.			
Móveis & Utensílios.....	33.278,90		
Obrigações de Guerra.....	18.987,50	52.166,40	
Disponível.			
Caixa — m/c.....		108.599,80	
Realizável.			
Biblioteca — Venda de Livros		71.778,20	232.544,40

Passivo:

Exigível.			
Associados c/retorno.....	4.056,90		
Associados c/juros.....	2.592,75		
Consignatários c/venda.....	12.972,60	19.622,25	
Inexigível.			
Fundo de Beneficência.....	6.613,40		
Fundo de Desenvolvimento Social.....	12.392,70		
Fundo de Reserva.....	37.798,25		
Capital Integralizado.....	26.450,00		
Revista — Conta de Livros.....	28.923,10		
Consignatários — Livros.....	56.588,00		
Revista "A Defesa Nacional", c/custeio, 1952 (auxílio)...	44.156,70	212.922,15	232.544,40

(a) ARNALDO GONÇALVES PIRES,
Contador.

Conta de "Sobras e Perdas" — Rio, 31 de dezembro de 1951.

TÍTULOS	DEVEDORES		CREDORES
	Cr\$	Cr\$	Cr\$
M. Stoll Nogueira, c/Publi- cidade.....	17.655,80		
Honorários — Diretoria.....	17.500,00		
Colaboradores.....	15.390,00		
Ordenados.....	42.120,00		
Despesas Gerais.....	36.532,50		
Revista "A Defesa Nacional", c/custeio.....	75.429,30	204.627,80	
Publicidade — Anúncios.....			191.078,70
Percentagens.....			1.959,00
Juros & Descontos.....			2.100,00
Fundo de Reserva — valor que se transfere para este conta para reparar as perdas resultantes do exercício de 1951, conforme o art. 59, dos Estatutos.....			8.589,90
		<u>294.627,60</u>	<u>204.627,60</u>

(a) ARNALDO GONÇALVES PIRES,
Contador.

Cooperativa Militar Editôra e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional"

Parecer do "Conselho Fiscal" — Rio, 25 de janeiro de 1952.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO "CONSELHO FISCAL", CORRESPONDENTE AO EXAME DO RELATÓRIO ANUAL E DO BALANÇO GERAL RELATIVOS AO ANO DE 1951

Aos vinte e cinco dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e cinquenta e dois na sede da Cooperativa Militar Editôra e de Cultura Intelectual "A Defesa Nacional" Ltda., reuniu-se o Conselho Fiscal composto dos Senhores Coronéis Antenor de Alencar Lima e Arnaldo José Senna Campos e Major Floriano Möller, respectivamente Presidente, membro e Secretário para exame do Relatório anual e do Balanço Geral correspondente ao ano de mil novecentos e cinquenta e um. Examinando os livros da escrituração, documentos diversos, Caixa, Razão, inventário de livros, registro de cópias de balancetes remetidos à Economia Rural e examinando o Relatório do Conselho de Administração, relativo ao ano findo, foi tudo encontrado em boa ordem. E portanto de parecer o Conselho Fiscal que o Relatório e o Balanço Geral relativos ao ano findo, devem ser aprovados. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por todos os membros do Conselho Fiscal, depois de lida e achada conforme — (a) Antenor de Alencar Lima, Cel. Presidente; Arnaldo José Senna Campos, Cel. Membro; Floriano Möller, Major Secretário.

RECEPÇÃO DE ASPIRANTES NAS UNIDADES

Conceitos altamente oportunos, expressados pelo General OSCAR D. GESTIDO, Inspetor Geral do Exército do Uruguay e que publicamos por uma gentileza do Cel. BENAVIDES, adido militar daquela República irmã e amiga

A Redação.

O ato de receber aspirantes recém egressos das Escolas de Formação representa, para o Comandante da Unidade, uma das maiores responsabilidades de suas funções e quicá de sua carreira.

Considero não ser nunca demais insistir na transcendência da missão de um Comandante quando recebe um jovem quase criança, do qual deve fazer um homem e quando recebe um cadete recém promovido a Aspirante, do qual deve fazer um oficial. Este tema deve ser tratado em linguagem simples, dizendo essas verdades que todos conhecemos e sentimos, porém que é necessário repetir e sobretudo, que o superior deve repetir.

Se há algo, em tempo de paz, que pode revelar o Comandante, em toda a sua amplitude, é a formação moral e profissional dos jovens Aspirantes que lhe são entregues.

O Comandante que os deixa livres, entregues a seus próprios destinos, de modo idêntico procederá, na guerra com a sua tropa. Entretanto, há uma tremenda diferença: o erro de um Comandante pode ser reparado por um de seus subordinados, enquanto que uma vida desviada jamais terá reparação. Comete-se aqui, no mínimo, um erro para com toda uma geração.

Dai a enorme transcendência de uma missão que por si só faria honrosa a nossa profissão, se já não o fôra pelas outras responsabilidades e deveres que acarreta.

O Comandante a quem, com maior segurança se pode entregar os novos Aspirantes, será indubi-

tavelmente o melhor Comandante. Sua obra será de resultados imediatos, uns e longínquos, outros. Pelos primeiros, garante-se uma juventude digna, de consciência limpa e cheia de sãs alegrias, cumpridora dos deveres, com todos os seus sacrifícios. Profissional e espiritualmente se lhe exige como de um homem feito e se o educa como a um jovem. É a função total do "Educador", tantas vezes repetida nas classes de moral e tantas vezes esquecida nas classes da vida. Pelos resultados longínquos garante-se uma vida, um destino, uma família e ao fim se terá formado um Comandante.

O jovem Aspirante deve ser guiado e vigiado estreitamente durante a sua vida profissional. É uma tarefa ingrata, difícil, escabrosa, porém, se fôsse fácil, não seria necessário tratá-la neste tema. Nela deve fazer-se sentir constantemente a influência do Comandante, a fim de que não falte ao Aspirante o amparo do Pai e a severidade do Superior.

Fracassando na condução e formação do Aspirante, o Comandante terá fracassado em um dos deveres mais delicados do Comando, como seja na responsabilidade do Chefe pela capacidade e eficiência do Quadro de Oficiais.

Quando um Comandante de Unidade recebe jovens Aspirantes, recebe uma fortuna que não tem o direito de delapidar; recebe os futuros condutores da juventude do País e não pode deformá-los, se deseja que aquela juventude seja bem guiada.

Façamos bons oficiais e teremos feito bom Exército.

AINDA "PROBLEMAS DO BRASIL"

Cel. ADALARDO FIALHO

ELETRICIDADE

Não vamos fazer o histórico completo do problema da eletricidade no Brasil, tarefa que escapa aos limites deste artigo, mas transcrever simplesmente alguns dados e esboçar a posição desse problema no país. O Brasil possui cerca de 20 milhões de C.V. potenciais, ou sejam 50 % de toda a força hidráulica da América do Sul e, no entanto, só aproveita um milhão, ou apenas 5 %. Ainda na última mensagem presidencial ao Congresso, dizia o Presidente Vargas: "Cerca de 80 % da energia não muscular que consumimos é proveniente das nossas matas (lenha e carvão vegetal)". O consumo anual de lenha, no Brasil, com efeito, orça em 100 milhões de m³. Uma das causas do baixo rendimento do trabalho, no Brasil, é a falta de energia. O Brasil é um país que tem fome de energia, sob todas as formas. A eletrificação rural, por exemplo, realidade que produziu maravilhas nas fazendas dos Estados Unidos, é sonho longínquo para nós. A eletricidade, no Brasil, praticamente ainda não saiu das cidades e mostra-se cada vez mais insuficiente para as próprias cidades. Alguns dados numéricos definem melhor a precariedade da existência e consumo da eletricidade no Brasil. Segundo Carter e Dodge, para um total de produção diária de trabalho de 19.040 milhões de kilowatts-hora, a energia de natureza hidráulica é representada, no Brasil, por 4.500 milhões de Kw.h. Nos Estados Unidos, o

total da produção diária é de 1.231.000 milhões de Kw.h, dos quais 91.000 milhões se referem à produção hidráulica. A produção hidráulica diária dos E.E.U.U. é 20 vezes maior que a do Brasil. Segundo aqueles mesmos autores, a produção diária de trabalho, no Brasil, quanto à energia muscular, é representada por 9.750 milhões de kilowatts-hora, ou seja, mais do dobro da energia hidráulica. É a razão pela qual o Brasil está classificado, ao lado da China e da Índia, como nação de produção à base do predomínio da energia muscular. Na distribuição percentual de sua energia, o Brasil utiliza 51 % de energia muscular, 13,40 % de carvão, 11,80 % de petróleo e 23,80 % de hidráulica. Segundo o Cel. Carlos Berenhauser Junior, do total da energia não muscular produzida no Brasil, em 1946, a lenha e o carvão vegetal representaram 84,86 % e a hidrelétrica apenas 1,60. Enquanto que o consumo de carvão de pedra, lenha e carvão vegetal, no resto do mundo, vem diminuindo, cedendo o passo ao consumo crescente de petróleo e energia hidráulica, o consumo de lenha e carvão vegetal, entre nós, bem como o da energia muscular permanecem ainda com índices bastante elevados. Se invadirmos a seara das estatísticas "per capita", a posição do Brasil ainda mais se evidencia precária. Tomando-se por base a capacidade total instalada e a população atual, a produção "per capita" de energia elétrica do Brasil

é de 35,6 kw, ao passo que a da Suécia, por exemplo, é de 3.500 kw. Vejamos, agora, antes de pros-

seguir, qual é o potencial hidráulico do Brasil, segundo as bacias dos seus rios:

BACIAS	AREA		POTENCIAL HIDRAULICO (1)	
	km ²	%	c.v.	%
Amazonas.....	5 315 093	62,45	4 395 900	23,52
Nordeste.....	372 864	4,38	88 400	0,45
São Francisco.....	595 031	6,99	1 573 300	8,96
Leste.....	622 421	7,31	2 693 700	13,80
Paraguay.....	353 714	4,15	89 500	0,46
Paraná.....	852 405	10,01	9 720 900	49,80
Uruguai.....	200 392	2,35	190 900	1,02
Suleste.....	201 117	2,36	758 700	3,89
Total.....	8 516 037	100,00	19 519 300	100,00

(1) Fonte — Departamento Nacional da Produção Mineral.

Contemplando-se esse quadro, verifica-se que o nosso maior potencial está situado não na bacia do S. Francisco, pela qual estamos fazendo tudo (Paulo Afonso), mas sim na bacia do Paraná, pela qual nada fizemos. Vê-se também a precariedade do potencial do Nordeste, que tem nas secas a sua causa principal. Vê-se também a pobreza da região Sul do país, obrigada, por isso, a recorrer ao carvão. Tira-se, finalmente, uma última conclusão: acompanhando a divergência dos nossos grandes rios navegáveis, em relação às regiões importantes do país, nada menos de 72,32 % da energia hidráulica do Brasil (bacias do Amazonas e do Paraná) são dispersadas em regiões longínquas dos centros vitais do país. Apesar do quadro pessimista que acabamos de pintar, mas que traduz a realidade da situação, devemos reconhecer que muito se tem progredido, ultimamente, no campo da eletricidade. O acréscimo de potência hidrelétrica instalada no país, a partir da data do Código de Águas (1934), foi da ordem de 125 %, atingindo, em 1950, um total de 1.882.500 kw. Só de 1949 para 1950, o consumo de energia elétrica, para fins industriais, aumentou de 15 %, em São Paulo e Rio. E avaliam os técnicos que, para atender ao ritmo

de nossas atuais demandas, devemos instalar, em todo o país, nos próximos anos, u'a média anual de 200 mil kw. Fazendo um pouco de histórico, em 1883, quase no fim, portanto, do período monárquico, a potência de origem térmica do país era de 52 kw e isso era tudo. Já em 1910 em plena República, tínhamos instalado 21.996 kw de origem térmica e 137.864, de origem hidráulica. Daí para diante, os números se avantajam e, finalmente, nos anos mais recentes, a situação é a seguinte:

Anos	Origem térmica (kw)	Origem hidráulica (kw)
1946	218.790	1.145.836
1947	237.738	1.248.406
1949	296.333	1.424.865
1950	346.830	1.535.670
1952	346.983	1.535.879

Na situação de 1952, devemos considerar ainda a produção de 21 usinas mistas, ali não contempladas. E para breve, a produção de mais 35 que estão sendo construídas ou ampliadas. O total de 1952 dá ao Brasil 1.882.642 kw. Quanto ao número de usinas, possuíamos 1.867, no ano de 1947, sem contar 79 usinas privativas. Atualmente possuímos 1.938, sem consi-

derar as 35 que estão sendo construídas ou ampliadas. Quanto às localidades servidas, a situação é a seguinte :

Ano	Número
1883	1
1900	17
1920	431
1930	1.536
1946	2.891
1947	3.174
1949	3.193

Dos dados acima se infere que a monarquia foi toda iluminada a lampião ; que, em pleno alvorecer do século XX, ainda não possuíamos eletricidade, praticamente e que esta só começou a se desenvolver a partir de 1930. O Estado que possui maior número de localidades servidas por eletricidade é Minas Gerais, seguindo-se-lhe, de

perto, São Paulo e depois Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Santa Catarina e Pernambuco, em ordem decrescente. Os Estados menos favorecidos são Maranhão, Mato Grosso, Piauí e Amazonas.

A maior capacidade de produção, referente à energia térmica, pertence ao Rio Grande do Sul, bastando salientar que Porto Alegre, Pelotas e a cidade do Rio Grande são servidas por força termo-elétrica, tendo por base o carvão das minas de São Jerônimo e de Butiá. Seguem-se-lhe os Estados de Pernambuco, o Distrito Federal, o Estado do Rio e São Paulo. É a seguinte a situação do Brasil, até 1950, quanto à potência total das suas usinas geradoras de eletricidade (o quadro abaixo foi-nos fornecido por gentileza do Cel. Alcyr de Paula Freitas Coelho, Diretor do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica) :

INDÚSTRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL

POTÊNCIA TOTAL DAS USINAS GERADORAS NOS ANOS DE 1941 E 1950

ESTADOS, TERRITÓRIOS E DISTRITO FEDERAL	POTÊNCIA EM KW					
	Ano de 1941			Ano de 1950		
	Origem térmica	Origem hidráulica	Total	Origem térmica	Origem hidráulica	Total
Território do Guaporé.....	—	—	—	703	—	703
Território do Acre.....	374	—	374	853	—	853
Amazonas.....	4.489	—	4.489	3.786	—	3.786
Território Rio Branco.....	—	—	—	20	—	20
Para.....	14.753	16	14.751	6.327	15	6.342
Território do Amapá.....	—	—	—	252	—	252
Maranhão.....	2.391	99	2.490	2.492	99	2.591
Piauí.....	1.798	—	1.798	3.523	—	3.523
Ceará.....	10.317	278	10.595	14.110	—	14.110
Rio Grande do Norte.....	3.307	—	3.307	5.210	387	5.597
Parabá.....	8.728	251	8.979	11.523	—	11.523
Pernambuco.....	35.408	3.419	38.817	40.939	6.224	47.163
Alagoas.....	8.449	4.805	13.054	10.321	2.842	13.163
Território F. Noronha.....	—	—	—	350	—	350
Sergipe.....	3.061	—	3.061	6.748	405	7.153
Bahia.....	7.972	15.873	23.845	14.938	18.074	33.012
Minas Gerais.....	9.192	129.036	138.228	12.378	198.845	211.223
Espírito Santo.....	1.053	7.935	8.988	1.981	8.342	10.323
Rio de Janeiro.....	12.076	242.742	254.818	29.580	393.547	423.127
Distrito Federal.....	15.312	—	15.312	40.320	346	40.666
São Paulo.....	15.970	542.083	558.053	21.412	825.873	847.285
Paraná.....	2.579	12.078	14.657	4.707	34.759	39.466
Santa Catarina.....	2.039	14.491	16.530	13.472	24.571	38.043
Rio Grande do Sul.....	52.710	9.872	62.582	82.868	13.535	96.403
Mato Grosso.....	2.438	2.068	4.506	2.664	2.904	5.568
Goiás.....	2.603	3.063	5.156	344	4.330	4.674
Total geral.....	214.727	987.709	1.202.436	345.830	1.535.870	1.882.500

Contemplando-se esse quadro, verifica-se que São Paulo é o Estado "leader" da eletricidade no Brasil, donde o progresso formidável de suas indústrias. Seguem-se o Estado do Rio, onde estão localizadas as usinas que abastecem a Capital Federal e o Estado de Minas. Até outubro de 1947, as mais poderosas usinas geradoras de energia elétrica do país eram as seguintes, em Kw:

Cubatão.....	347.000
Ribeirão das Lages (Fontes, Pirai).....	138.368
Ilha dos Pombos (Rio Paraíba).....	115.630
Itupararanga (Sorocaba).....	57.850
Aranhandara.....	30.912
Parnaíba.....	27.379
Recife (Usina térmica)...	25.368
Porto Alegre (Usina térmica).....	23.250

Dentro de pouco tempo, porém, a situação se alterará, com a ampliação das usinas que abastecem o Distrito Federal (uma delas será a 4ª do mundo), a construção de Paulo Afonso e de outros empreendimentos grandiosos em curso. A usina de Cubatão é, atualmente, a 6ª do mundo. Uma das causas do entrave do desenvolvimento da energia elétrica, no Brasil, era a falta de produção de material elétrico, o qual tinha de ser todo importado a peso de ouro. Contudo, de 1941 para 1950, sob novos estímulos, decuplicou a indústria de material elétrico no Brasil. Em 1941, produzimos apenas 228 milhões de cruzelros desse material e fomos obrigados a importar 235 milhões, só dos Estados Unidos.

Já em 1950, produzimos 2.466 milhões de cruzelros de material elétrico diverso e as importações ainda se mantiveram na casa dos 1.181 milhões. Em 1951, a produção de alguns artigos deverá ter crescido de 50 a 60 % e a de outros de 20 a 50 %.

Espera-se que o Brasil tenha instalado, em 1955, uma capacidade da ordem de 3.226.000 kw, o que ampliará consideravelmente a nossa indústria de material elétrico. Para se ter idéia do que já

se faz no Brasil, quanto a material elétrico, eis aqui uma lista dos artigos fabricados: geradores, transformadores, condutores, eletrodutos, isoladores, material para linhas de transmissão de alta tensão, motores elétricos monofásicos, trifásicos e trifásicos. Para uso doméstico, podemos acrescentar: enceradeiras, aquecedores, ventiladores, exaustores, batadeiras, refrigeradores, rádio-receptores, elevadores, eletrodos, lâmpadas, equipamentos para calefação, fornos e estufas, aparelhos de sinalização, para fins medicinais e cirúrgicos. Dentre as causas a que se deve o apreciável desenvolvimento dessa indústria, nos últimos anos, destaca-se a mais fácil possibilidade de obter-se, no país, as necessárias matérias primas e produtos primários, sobretudo o ferro e o aço. Contribuiu para isso, decisivamente, a produção de Volta Redonda.

No momento, a Comissão de Desenvolvimento Industrial estuda planos para um desenvolvimento ainda maior da nossa já florescente indústria de material elétrico e no Congresso trata-se da criação do "Instituto Nacional de Eletricidade", cuja tarefa consistirá em promover a centralização da produção de energia elétrica em sistemas geradores das diversas regiões, com redes regionais únicas, dentro das quais procurar-se-á estabelecer a concentração da produção. Esse importante órgão, que possuirá um Conselho Deliberativo, do qual faz parte um representante do Estado-Maior das Forças Armadas, será o único habilitado a redigir contratos de autorização ou concessão para a produção ou exploração industrial de energia elétrica em todo o território nacional e terá ainda o encargo de promover a formação de entidades coordenadoras regionais com o objetivo do melhor aproveitamento das instalações existentes e construção de novas, além de fomentar a distribuição de energia elétrica nas zonas urbanas e rurais, estabelecendo, para tanto, medidas que contribuam para reduzir o preço de custo do Kw instalado e da energia transmitida. Como se

vê, esse Instituto terá decisiva intervenção no desenvolvimento da eletricidade no Brasil. Será um órgão disciplinador por excelência. Sendo o único encarregado de redigir os contratos de produção ou exploração industrial da energia elétrica, porá termo, finalmente, à anarquia atual da diversidade das frequências, a qual, à semelhança da diversidade das bitolas, nas estradas de ferro, impede a uniformização das redes regionais de eletricidade (à guisa do tráfego mútuo), isto é, a sua reunião num só sistema, com benefícios para a coletividade.

Vejamos, agora, por alto e para terminar, o que está sendo feito, em alguns Estados, em prol do desenvolvimento da energia elétrica.

Minas Gerais — A Cia. Elétrica do Médio Rio Doce está construindo a Usina de Tronqueiras, para produzir 10 mil cavalos (capital de 27 milhões de cruzeiros); a Cia. de Eletricidade do Alto Rio Doce está construindo a Usina de Santo Antônio, para 140 mil cavalos (capital de 380 milhões de cruzeiros); a Cia. de Eletricidade do Alto Rio Grande está iniciando a Usina de Itutinga, para produzir 50 mil cavalos (capital de 100 milhões). Além dessas três, a empresa de Piau está construindo a Usina de Piau, para a qual o Estado entrou com 50 % do seu capital e que produzirá 25 mil cavalos.

Estão sendo ampliadas as Usinas de Gafanhoto (mais 5 mil cavalos) e Pai Joaquim (mais 5 mil cavalos) e planejam-se as futuras usinas de Fecho do Funil (120.000 kw), Paredão, Samburá, Pauzeiros, Jequitai e Cachoeira Dourada, esta última com a participação, também, dos Governos da União e Goiás. As usinas em construção, acima referidas, fornecerão energia para mais de 80 municípios mineiros e, para levá-las a cabo, Minas contraiu um empréstimo de 20 milhões de dólares no Exim-Bank.

Paraná — Será instalada, na região Nordeste, zona carbonífera, uma usina termo-elétrica de 24 mil kw e outra, de 65 mil kw, em

Curitiba. Para se ter uma idéia do que isso representará, basta dizer-se que, até 3 anos atrás, o Paraná só dispunha de 35 mil kw.

Para termos mais precisos, o Paraná está desenvolvendo um plano, no prazo de dez anos, no qual se inclui a construção de 3 grandes centrais hidrelétricas e outras menores.

Segundo esse plano, o Estado foi dividido em 3 "sistemas". O 1º é a região Sul e Sw, a qual, por ser a mais importante, atualmente, receberá 2 centrais. O 2º é a região Norte, onde o café está florescendo. O 3º será o da região central e Oeste, último na ordem de urgência. No sistema I, serão construídas uma usina de 250 mil cavalos, a Leste de Ponta Grossa (Usina de Cachoeira, no rio Capivari) e uma de 50 mil cavalos, perto de União da Vitória. No sistema II, será construída uma usina de 65 mil cavalos, no rio Paranapanema (Usina de Capivara).

Estado do Rio — Estão em curso as grandes obras de ampliação das Usinas da Light, sem falar em Macabú, cuja 1ª etapa já está concluída, beneficiando grande número de municípios do Norte fluminense. Para as obras da Light, o Banco Internacional emprestou 90 milhões de dólares, com o aval do governo brasileiro. O aproveitamento de parte das águas derivadas dos rios Paraíba e Pirai, juntamente com as do Córrego do Vigário, por meio de um complicado sistema de canais, túneis, bombas elevatórias e comportas, etc., virá proporcionar considerável reforço ao potencial hidrelétrico atual de Ribeirão das Lages, permitindo aumentar a capacidade elétrica instalada de 190.000 kw para 910.000 kw. Outra grande iniciativa da Light foi a ligação dos sistemas do Rio e São Paulo por intermédio de uma linha de transmissão de 332 km de comprimento, articulando-se, em Aparecida, numa estação transformadora de frequência de 50 mil kw. A tensão da linha que procede de Cubatão é de 230 mil volts e a que chega ao Rio é de 132 mil. Por meio desta transformação da fre-

quência, o sistema de São Paulo trabalha para o Rio e vice-versa, o que não poderia dar-se anteriormente devido à diferença de ciclagem das correntes das duas capitais (60 para São Paulo e 50 para o Rio).

Bahia — Está em pleno desenvolvimento a construção da Usina de Paulo Afonso que beneficiará diretamente os Estados de Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e Paraíba. As obras foram financiadas por um empréstimo de 15 milhões de dólares do Banco Internacional. A 1ª etapa de Paulo Afonso compreende a construção de uma usina de 120 mil kw, com duas linhas troncos com 840 km, sendo estações terminais Recife, ao Norte e Salvador, ao Sul. O potencial de Paulo Afonso é de 500 mil kw. A 2ª fase elevará a capacidade da usina para 360 mil kw.

Rio Grande do Sul — Há também um plano de eletrificação estadual em andamento, abrangendo a construção de usinas em vários pontos do Estado. Entre as iniciativas particulares, figura a usina de Charqueadas, a qual terá 45 mil kw, consumindo 260 mil toneladas anuais de carvão. Só esta usina fornecerá energia para 12 municípios do Estado.

Outros Estados — Muitas outras usinas estão em construção ou em fase de ampliação em diversos Estados, as quais não consignamos aqui para não alongar demasiado este trabalho. Só o grupo subsidiário da "Electric Bond and Share Company", que trabalha em numerosos municípios e Estados, projeta desenvolvimentos da ordem de vários milhões de dólares.

"A DEFESA NACIONAL" recomenda a seus leitores, pela excelência dos seus produtos que podem oferecer e pela aprimorada organização com que se apresentam, além das anunciadas noutros locais desta Revista, mais as seguintes Casas ou Firms:

A RENOVACÃO — Magazin do Meier — Ribeiro de Faria & Pereira Ltda. — Avenida Amaro Cavalcanti, 73-77 — Meier — Fone: 29-6798.

BRUNO SILVEIRA & CIA. LTDA. — Fornecedores do Exército — Rua Teófilo Otoni n. 58 — Fone: 43-9205.

COOPERATIVA DE LATICÍNIOS DE TAUBATÉ LTDA. — Rua Joaquim Távora n. 146 — Fone: 247 — Taubaté — Estado de São Paulo.

SERRARIA SANTO ANTONIO — Avenida Coelho Campos n. 379 — José Job de Carvalho — Aracaju — Sergipe.

MARINHO, SANTOS & CIA. LTDA. — Tecidos, miudezas, etc. — Rua Cons. Franco ns. 54-60 — Feira de Santa Ana — Estado da Bahia.

DESTILARIA JUBA LTDA. — Rua n. 4 — Margem Esquerda do Rio — Santo Amaro — Estado da Bahia.

IMPORTADORA DE MATERIAL AERONÁUTICO (IMATA) LTDA. — Avenida Franklin Roosevelt n. 115-s/704 — Fone: 42-2389.

JOALHERIA HERMAN — Rua Dr. Garnier n. 390 — RIEIX — Fone: 48-8502 — Q.G. Tel. 43-6266 — Praia Vermelha — Tel. 26-0043.

A CONFERENCIA DE S. MAURICIO

Pe. J. BUSATO

Trouxeram, há pouco, alguns jornais, nas suas notícias militares, uma nota que, embora resumida, representa muitíssimo para a vida religiosa no Exército. Refiro-me aos 35 anos que vai celebrar a Conferência de S. Maurício, cuja origem se deve a um pugilo de cadetes da antiga Escola Militar do Realengo e aos beneméritos monsenhores Miguel, ou "Padre Miguel", como era conhecido, e Gonçalves Rezende.

Sempre que tenho falado com oficiais que frequentaram aquela escola, unânimes são em afirmar que a Conferência Vicentina São Maurício prestou reais serviços morais, espirituais e intelectuais a um grande número de oficiais do nosso exército. Corria o ano de 1917. Desejando alguns alunos da citada escola fortalecer a sua fé e desenvolver um clima propício à prática religiosa no seu ambiente, cogitaram em organizar uma associação que lhes facilitasse tal desejo.

O ambiente estava saturado de materialismo. Assim mesmo, os cadetes Mário Braga, Paulo Corrêa, e Barreto Lins puseram mãos à obra. Resolveram filiar-se à Conferência de S. Vicente de Paulo, fundando no dia 24 de junho de 1917, a Conferência de S. Maurício. Dificuldades surgiram de todos os lados. Internas e externas.

Antes, porém, de se entregar a essa tarefa, passaram por um ano de trabalho e preparação. Dessa centelha haveria, pois, de sair um fogo sagrado de piedade e de ação católica que se propagaria aos quatro ventos do Brasil.

Paradoxalmente, houve um fato que concorreu para a fundação

dessa Conferência. Um cadete comprara clandestinamente um bilhete do jogo de bicho.

A sorte lhe sorriu. O "felizardo", naturalmente, se encaminhou para o "banqueiro", a fim de receber o gordo prêmio de seus agúrios. Mas, a coisa não foi fácil.

O "banqueiro" negou-se a pagar o prêmio. Inicia-se séria alteração entre os dois. O cadete chega a trepar no balcão e se dispõe a fazer valer os seus direitos. Debalde, porque o organizador do jogo empunha um revólver e faz tombar o cadete. Este fato provocou escândalo no Realengo. Houve reação da parte dos cadetes da Escola Militar. Daí as sérias e severas medidas que no mesmo dia teve que tomar o seu comandante. Fácil lhe fôra saber o nome daqueles que se mostraram indisciplinados. Estes, porém, recorreram a um expediente que lhes facilitou a saída.

Sabedores de que, naquela hora da noite, estava sendo fundada a Conferência de S. Maurício, num dos salões da igreja do Padre Miguel, para lá se dirigiram, tornando-se sócios de última hora. E, assim, serenados os ânimos, o número de vicentinos aumentou providencialmente.

E a Conferência prosseguiu nas suas nobres finalidades, socorrendo os pobres daquelas redondezas e levando para muita consciência de cadete uma fé vigorosa.

O Papa Bento XV chegou a lhes mandar comovente e bela mensagem. Isto em 1920, pois o tesouro espiritual da Conferência nunca tinha chegado a tanto.

Pregadores, célebres passaram pela cátedra da associação.

O primeiro foi monsenhor Gonçalves Rezende que, estando numa sala contigua às conferências, ouviu, de alguns cadetes, os seguintes ditos chistosos: "está na hora", "começa a inana", etc. Isto foi nos primeiros tempos, na época preliminar. Mas ele não desanimou e, intencionalmente, ao começar o seu trabalho oratório, saiu-se com o seguinte latim macarrônico: "inter amicos non habetur geringoncias". Foi um sucesso. Desde aquela época, a Conferência se tornou uma

escola de formação religiosa e moral para os cadetes. E, hoje, lá na Academia Militar das Agulhas Negras, há uma imagem, a de São Maurício, aquela mesma que uns 35 anos atrás figurava na Escola Militar do Realengo. Foi remetida para Resende pelos generais Juarez Távora e Bina Machado e por outros membros do Diretório Nacional da União Católica dos Militares. Trinta e cinco anos de lutas e vitórias.

NOVA EMBALAGEM!



AÇUCAR
PEROLA
SACO AZUL-CINTA ENCARNADA

MAIS HIGIENE!
MAIS SEGURANÇA!
MAIS ECONOMIA!



CAMARADAGEM E SOLIDARIEDADE

Um artigo póstumo do Cap. CÍCERO IMBUZEIRO, falecido quando cursava a E.E.M.

Apressamo-nos a trazer o fato ao conhecimento dos leitores de "A Defesa Nacional" porque julgamos que o mesmo deverá ser trombeado nos quatro cantos do país, onde exista um quartel ou estabelecimento militar, e que cada um de nós militares tem o dever de divulgá-lo ao máximo, para que o acontecido seja de ciência geral, principalmente nos meios militares.

Tivemos um segundo de hesitação em trazer esta notícia para o papel e depois entregá-la à nossa Revista, porém, rapidamente verificamos que o enquadramento será perfeito, porquanto Defesa Nacional não é somente o lado técnico, o lado material, o lado palpável da Segurança Nacional e do interesse do país. Não! O lado moral e tudo aquilo que contribui para solidificar, cimentar a coesão espiritual entre os elementos das Classes Armadas, são obviamente fatores que de perto interessam à Defesa Nacional — portanto perfeitamente cabível que nossa veterana e insubstituível revista seja o órgão incumbido de divulgar o que pretendemos mais adiante.

Houve um Ministro que, em dada ocasião, quando era violentamente debatida a questão de aumento de vencimentos para funcionários civis e para militares, declarou a um órgão da imprensa diária: — "O militar é rico em virtudes".

Realmente, em nada mais é rico o militar, salvo um que tenha recolhido esta carreira já possuidor de fortuna, outro que tenha tentado a sorte e sido favorecido, e, excepcionalmente, outros que de algum jeito tenham recebido algum ba-

fejo extraordinário. Mas esta vida de vencimentos fixos, obrigações de família, educação de filhos, uniformes sempre modificando, aumento constante do custo de utilidades e de gêneros — isto tudo obriga o militar a mingua e penúria constante de dinheiro, enquanto que, um pouco amargamente, cresce em proporção geométrica à carência pecuniária, a riqueza... em virtudes.

Se estas dificuldades são enormes com o militar vivendo, aumentam muito mais com a morte do chefe da família. Ao abalo moral sucede, par-e-passo um desastre econômico, aparece uma viúva recebendo montepio precário, a educação dos órfãos prejudicada, uma série de percalços que só em pensar nos faz tremer a pena e nos obriga a não insistir no assunto — porém as consequências são óbvias, e nos dispensamos de apontá-las.

Eis então o quadro que acovarda um militar chefe de família. Muitas vezes um bravo, um herói, já provado em guerras e em revoluções, ou já provado em fatos comuns na Caserna onde se revelou sempre um intrépido, um audacioso, um destemido — é um covarde! Em soliloquios desespera-se, amesquinha-se, ora para que Deus lhe conserve a vida. Não que ele tenha medo da Morte, mas porque teme a desgraça de sua família, dos seus entes queridos que dele dependem, teme as consequências da sua morte.

Eis porque nos calou profundamente um fato que acaba de chegar ao nosso conhecimento, informação de um camarada aluno da Escola de Estado-Maior. Investigando mi-

núcias, imediatamente, soubemos mais que aquilo que tanto nos enteneceu, comoveu, fortaleceu nossa crença no espírito de solidariedade que deve irmanar os militares, já acontecera também ali em ocasião anterior. Bravos!!!

O que nos disse nosso primeiro informante? Somente, isto: Três dias após o falecimento de um companheiro de trabalhos, os oficiais da Escola de Estado-Maior, instrutores e alunos, unânimemente, cotizaram-se e garantiram cada um dos dois filhos do desaparecido com uma apólice integralizada de "Seguro de Educação".

Agora, uns poucos comentários, porque se nos expandirmos muito, em vez de colocarmos moldura de ouro poderemos até esmaecer a beleza do quadro, com nossos poucos recursos descritivos: Meditem os camaradas, os oficiais e sargentos do Exército, na beleza, na nobreza deste gesto.

O colega prematuramente falecido em plena atividade, era um jovem e competente oficial; fôra o primeiro de sua turma de Engenharia da Escola Militar, e após um brilhante curso de estado-maior vinha exercendo também com brilho as difíceis tarefas de instrutor da E.E.M. Sendo jovem, era de

esperar-se que vivesse ainda tempo para encaminhar seus filhos. Sendo brilhante, competente e dedicado à profissão, logicamente era pobre, ou, se o quizerem, *rico em virtudes*. Daí a sua morte prematura haver originado negras perspectivas para o futuro dos dois meninos — e então aparece este sublime gesto dos oficiais da Escola de Estado-Maior!

Camaradas! Lamentemos a perda do colega tão cedo desaparecido e em pleno apogeu de suas brilhantes atividades. Cantemos, no entanto, a feliz iniciativa dos seus companheiros mais próximos, cantemos este ato de rara felicidade que tanto fortalece nossos espíritos e os conforta, esta ação que merece ser sempre, em todas as guarnições, imitada!

E, se realmente existe Imortalidade da Alma, se verdadeiramente quando os nossos corpos sucumbem restam nossos espíritos a vagarear pela imensidão do Incognoscível, o nosso camarada deverá estar tranqüilo a estas horas, vendo que não foi em vão que tanto se dedicou e tanto amou nosso Exército: seus filhos foram o alvo daquelas virtudes que entre nós ainda não desapareceram: CAMARADAGEM e SOLIDARIEDADE!...

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — CAIXA POSTAL, 1239

END. TEL. "RIOINCO"

Gerência, 23-0556 — Sub-Gerência, 43-1112

Contadoria, 23-2329 — Cobranças, 43-9780

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

MAQUINAS DE ESCREVER

ROYAL

STANDARD

ELÉTRICA

PORTATIL



KELLER WEBER S. A.

MAQUINAS COMERCIAIS E GRAFICAS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Máquinas de calcular "MARCHANT", elétricas — Máquinas de calcular "WALTHER", manuais — Máquinas de somar "VICTOR", manuais e elétricas — Máquinas de selar "UNIVERSAL", manuais e elétricas — Mimeógrafos "A. B. DICK", manuais e elétricos — Protetores de cheques "TODD", manuais e elétricos — Relógios de ponto e vigia — Máquinas de composição gráfica "INTERTYPE" — Rotativas para imprensa "WALTER SCOTT"

RIO DE JANEIRO — AV. ALMTE. BARROSO, 81-8º — TELEFONE : 22-2055
SÃO PAULO — AV. SÃO JOÃO, 314/2º — TELEFONE : 35-2108

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

EXTRAÇÕES EM ABRIL

Dia 9	Cr\$ 2.000.000,00
Dia 12	Cr\$ 1.500.000,00
Dia 16	Cr\$ 2.000.000,00
Dia 19	Cr\$ 2.000.000,00
Dia 23	Cr\$ 2.000.000,00
Dia 26	Cr\$ 2.000.000,00
Dia 30	Cr\$ 2.000.000,00

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DO BRASIL

Apesar da seca que assolou a América do Sul, reduzindo consideravelmente a produção de amplas e fecundas regiões do Brasil, da Argentina e de outros países, 1951 foi um bom ano econômico e financeiro. A produção agrícola brasileira, em comparação com o ano anterior, cresceu apenas de 3,7 %, portanto insuficientemente. A produção de aço aumentou de 6 %; a de cimento, de 3,8 %; a navegação de cabotagem, de 33 %; o consumo de energia elétrica, de 6,6 %; o tráfego rodoviário, de 10,8 %; o de cargas aéreas, de 7 %. Em 1951, o tráfego aéreo comercial atingiu 90,7 milhões de quilômetros, 2 milhões e 200 mil passageiros e 42 mil e 600 toneladas de carga. Os aeroportos do Rio e de São Paulo tiveram movimento superior aos de Londres, Paris e Buenos Aires. A emissão de ações das sociedades anônimas, apenas nas cidades de Rio e São Paulo, elevou-se a 11 bilhões de cruzeiros, contra 4,5 bilhões em 1950. O governo nacional investiu cerca de 3 bilhões de cruzeiros em novas obras. Alguns governos estaduais e municipais fizeram grandes investimentos. A arrecadação federal ultrapassou em mais de 5 bilhões de cruzeiros o previsto no orçamento. A industrialização tomou grande impulso. Embora econômica e financeiramente 1951 tenha sido um bom ano, muito melhores são as perspectivas para 1952.

A mecanização da lavoura — temos agora três vezes mais tratores que em 1949 — permitirá o cultivo de maiores áreas e o barateamento da produção. A safra de café não será grande. Esperam-se, porém, grandes safras de milho, arroz, trigo, mamona, mandioca, algodão, feijão, batatinha, frutas, etc. Talvez colhamos um milhão

de toneladas de trigo. Apenas uma companhia plantará, este ano, um milhão de oliveiras na fazenda da Rainha Santa Isabel, no município de Capão Bonito, em São Paulo. Outros milhões de oliveiras serão plantadas entre o paralelo 20 e o extremo sul do país. Uma nova companhia — a Agrinco — projetou, para 1952, o plantio de enormes coqueirais e vinhedos em terras capixabas e fluminenses, tendo em vista o abastecimento do Rio de Janeiro. O aproveitamento integral do babaçu, que se pretende iniciar, dar-nos-á riqueza equivalente à do café.

Continuará a expansão da pecuária. A produção global deverá atingir 2 milhões de toneladas, no valor de 15 bilhões de cruzeiros. O Rio de Janeiro deverá consumir 140 mil toneladas de carne, e São Paulo 110 mil toneladas.

A mineração aumentará. Espera-se a exportação de um milhão e 500 mil toneladas de minérios de ferro.

Teremos mais ferro gusa e aço. Volta Redonda, executado o seu programa de expansão, terá a sua produção duplicada em 1953 e triplicada em 1955. Ampliam-se as usinas siderúrgicas de Minas Gerais e São Paulo. O grupo Mannheshmann instala, em Minas Gerais, uma usina siderúrgica que produzirá anualmente 150 mil toneladas de laminados, principalmente tubos sem costura. A Aços Especiais de Itabira terá a sua produção aumentada, ainda este ano. O governo de São Paulo está interessado na instalação de uma grande usina siderúrgica nas proximidades de Santos. Sem ela, a siderurgia nacional não poderá atender às grandes e crescentes necessidades das fábricas metalúrgicas.

Em dezembro de 1950, nossas fábricas de cimento tinham uma capacidade de produção anual avaliada em 1.607.000 toneladas. Em dezembro de 1951, a capacidade de produção, graças à inauguração de duas novas fábricas, subira a 1.862.000 toneladas. Espera-se que em dezembro deste ano será de 2.280.000 toneladas, graças à conclusão de novas fábricas, e de 3 milhões de toneladas, em dezembro de 1953.

As fábricas metalúrgicas se multiplicam. Em 1951, uma das novas fábricas produziu cerca de 20 mil geladeiras. Este ano deverão entrar em atividade novas fábricas de máquinas de costura, de bicicletas, motocicletas, enceradeiras, motores de vários tipos. Transferem-se para o Brasil várias centenas de fábricas européias. Instalam-se pelo menos uma fábrica de tratores e outra de ônibus. Tomará impulso a fabricação de tratores e cami-

nhões na Fábrica Nacional de Motores, ao que se informa.

Grças à industrialização, a procura de energia elétrica está aumentando consideravelmente. O aumento de capacidade das usinas, em 1951, foi pequeno. Espera-se, porém, que até janeiro de 1953, o potencial terá aumentado de mais de 300 mil quilowatts e talvez mais 600 mil quilowatts, até janeiro de 1954. A expansão, levando-se em consideração as obras em execução e as programadas, deverá acelerar-se nos anos posteriores.

O governo federal tem uma inversão projetada no valor de 7 bilhões de cruzeiros, para este ano. Os Estados e as prefeituras deverão inverter mais alguns bilhões.

Dirigem-se para o Brasil as esperanças dos capitalistas e dos emigrantes europeus. Saibamos aproveitar a oportunidade.

(Da Imprensa).

D. F. VASCONCELLOS

FABRICANTE DE INSTRUMENTOS ÓPTICOS

BINÓCULOS PRISMÁTICOS

TELÊMETROS

GONIÔMETROS-BÚSSOLA

ESTEREOSCÓPIOS

Av. INDIANÓPOLIS 4254

SÃO PAULO

AVISO AOS ASSINANTES

Para renovar sua assinatura, não espere deixar de receber "A DEFESA NACIONAL".

Procure o nosso representante na Unidade em que serve ou queira dirigir-se diretamente à Gerência.

Caixa Postal n. 17-Agência do Ministério da Guerra — Rio de Janeiro.

Noticiário de Interesse Militar

Os capelães no Exército norte-americano

As Forças Terrestres dos Estados Unidos têm atualmente 750 capelães, dos quais 110 são católicos. Nas Forças Aéreas há 475, dos quais 160 católicos. A Marinha tem Corpo à parte. Na 1ª Guerra Mundial, atuaram 2.363 capelães militares e no último grande conflito 8.896. Do sacrifício e abnegação dos capelães norte-americanos, na segunda Grande Guerra, extraem-se os seguintes números: 63 mortos no campo de batalha, 264 feridos, 37 prisioneiros e 1.761 condecorados. Nada menos de 1.761 condecorações por méritos de guerra foram concedidas a capelães. São dados que falam pela sua eloquência. Atualmente há um capelão por cada 850 homens, no exército norte-americano. Dado curioso: tanto os católicos, como os protestantes usam a mesma cruz como distintivo de sua condição, sobre o uniforme. (Da Revista "Ejército", de out. 1951).

As especialidades da Infantaria

O Ten.-Cel. Lazzaro Desy do exército italiano, deu-se ao curioso trabalho de contar as especialidades da Infantaria e achou nada menos de 59, à parte as de motorização e transmissões que se podem considerar comuns a todas as Armas e Serviços.

É isso que impede que os serventes de suas diferentes armas sejam intermutáveis. Pelo menos as exigências técnicas assim o impõem, ainda que, na prática, de fato, não se faça, dando como resultado a imperfeição. (Da Revista "Ejército", out. 1951).

Cabine para-quedista

Será provada brevemente, nos Estados Unidos, uma cabine de 2.720 kg de peso, capaz, segundo os engenheiros dos "Laboratórios de Material Aéreo" de empregar-se para o lançamento, de um avião, de uma esquadra de Infantaria completa, com todo o seu equipamento. Sabendo-se que as dificuldades maiores do emprêgo dos para-quedistas são constituídas pela sua dispersão, após o lançamento, compreende-se a importância do novo invento. (Da Imprensa).

Artigo de "A Defesa Nacional" transcrito no "Military Review"

O artigo do Ten.-Cel. Diderot Miranda intitulado "Poderemos enunciar leis na História da Civilização" foi transcrito no número de outubro de 1951 do "Military Review". É com satisfação que fazemos esse registro e felicitamos o Ten.-Cel. Diderot.

Novo transporte de assalto

O "Chase XC-123", da Força Aérea dos Estados Unidos, é um avião de assaltos de 2 motores, desenhado para transportar combatentes, engenheiros e abastecimentos a pequenos campos improvisados nas zonas avançadas do combate. Os motores são "Pratt & Whitney", de 2.400 cavalos de força, cada um. São montados em naceles especiais, as quais podem ser rapidamente desligadas da aza, permitindo u'a mudança rápida do motor. O compartimento de carga tem as seguintes dimensões: 10 x 2 m, 50 x 2 m. Uma rampa situada atrás do compartimento de carga pode baixar à terra, para que os veículos de rodas subam a bordo. Além disso, essa rampa pode descansar ao nível da parte trazeira de qualquer caminhão, a fim de facilitar a carga e descarga de material não rodante. (Da Imprensa).

Bulldozer lançado em pára-quedas

A Aeronáutica lançou, de um avião de carga, em pára-quedas, um bulldozer de 9,5 t, a mais pesada carga já lançada com êxito. Cinco minutos após a descida, o bulldozer estava em pleno funcionamento. Anteriormente, um equipamento de tal peso era lançado por partes, porém, com frequência, danificavam-se ao cair ao solo. (Da Imprensa).

Novo super-porta-aviões

O ato de apertar um botão de elevador, transforma o novo super-porta-aviões da Marinha, de US\$ 228.500.000, em navio de convés corrido, para operações noturnas e dos aviões de grande porte. Planejadores da Marinha prevêm montar uma "ilha" — a ponte dos porta-aviões — sobre um elevador, a fim de permitir que, com seu abaixamento, tenham convés corrido para aterrissagem dos aviões. A construção do super-porta-aviões está programada para ter início dentro de poucos meses e terminar em cerca de 3 anos. (Da Imprensa).

Helicóptero a jato desmontável

O Exército anunciou que planeja construir um helicóptero leve, desmontável e jato propulsado, projetado para facilidade de manutenção em campanha. Dois homens podem desmontá-lo e acondicioná-lo num "jeep". A montagem da máquina pode ser feita com as ferramentas normais e as partes críticas podem ser substituídas em poucos minutos. Operará com combustível comumente usado nos veículos do Exército.

O Exército conta que o engenho prove ser útil nos reconhecimentos das linhas-de-frente, observação e nas primeiras fases das operações aéreas. (Da Imprensa).

Superior o "Mig-15" ao "Sabre" americano

Nas declarações que fez, concernente à guerra na Coreia, o General Hoyt Vandenberg, Chefe do Estado-Maior da Aviação dos Estados Unidos, precisando a diferença entre a "supremacia" e a "superioridade" aérea, salientou que a supremacia aérea "era grau de superioridade adquirido quando a aviação inimiga é incapaz de intervir de maneira simplesmente eficaz contra operações previstas, em dado momento e sobre dados objetivos".

O General Vandenberg declarou, por outro lado, que as forças aéreas norte-americanas e chinesas se compõem de 1.500 aviões, dos quais cerca da metade são caças a reação e a outra metade bombardeiros bi-motores e que as forças aéreas chinesas aumentaram o seu poderio depois do início das negociações do armistício.

Em 23 de outubro último, prosseguiu Vandenberg, as forças aéreas americanas sofreram as mais pesadas perdas que já sofreram numa única operação: durante um "raid" sobre o aeródromo de Namsi, três super-fortalezas voadoras foram abatidas e cinco outras, compondo uma formação, ficaram danificadas.

Respondendo às perguntas, Vandenberg declarou que o "Mig-15" era superior, em alguns setôres, ao "Sabre", único avião aliado "capaz atualmente de se opor ao "Mig", mais ou menos na mesma escala".

"O que no momento é desencorajador, a respeito das "performances" do "Mig", acrescentou o General, é que esse avião demonstrou que pode voar e manobrar a velocidades superiores à do som. Isso prova que os técnicos soviéticos possuem conhecimento dos problemas de concepção e produção de aviões a velocidades extremamente elevadas e que igualmente, em certos pontos, ultrapassam tudo o que somos capazes de fazer no domínio militar atualmente".

"Conseguiram resolver o problema da velocidade ultra-sônica e possuem já um grande número de aviões militares capazes de voar mais depressa do que o som".

Vandenberg declarou igualmente que a questão do bombardeio das bases da Mandchúria e o emprêgo da bomba atômica dependem primeiro das Nações Unidas e depois do Governo dos Estados Unidos.

Finalmente, respondendo a um jornalista, o General indicou que não havia, na Coreia do Norte, objetivos que justificassem o emprêgo da bomba atômica. *(Da Imprensa)*.

Elettricidade produzida por energia atômica

Pela primeira vez conseguiu-se, nos Estados Unidos, produzir eletricidade graças à energia atômica — anunciou a Comissão de Energia Atômica. Esta eletricidade, de potência maior a 100 kwts, foi produzida em experiência no Laboratório de Arco, no Estado de Idaho. A energia calorífica produzida por um reator nuclear permitiu que se puzesse em marcha uma turbina a vapor.

Os técnicos em energia atômica frisam que esta experiência não tinha por objetivo demonstrar que a eletricidade podia ser produzida economicamente por elementos nucleares mas que, no entanto, as informações técnicas tiradas desta experiência poderiam ter sua utilidade na concepção dos futuros reatores destinados a produzir corrente elétrica a um preço comercial. *(Da Imprensa)*.

Preservação de alimentos

A energia atômica poderá, em breve, tornar obsoleto o atual processo de preservação dos alimentos, face a pesquisas realizadas na Universidade de Michigan. Carne crua foi submetida aos raios-gama, sem apresentar posteriormente deterioração ou mudança apreciável de cor e cheiro. O mesmo tratamento está em estudo para as frutas. (Da *Imprensa*).

Uniformes de nylon

Os soldados britânicos breve usarão peças de uniforme nylon.

O Ministério do Abastecimento informou recentemente que foram feitas encomendas de um novo uniforme de nylon e lã, a título experimental. Caso esse material proporcione maior durabilidade, outras encomendas serão feitas. (Da *Imprensa*).

Blusão à prova de balas

"Será submetido à prova, na Coreia, no mês próximo, um novo blusão leve, resistente às balas", anunciou o Departamento de Guerra.

Trata-se de uma peça que pesa menos de quatro quilos, tecido com nylon e um produto secreto, revestido de matérias impermeáveis. O blusão blindado paralisa as balas de revólver do calibre 45/100 polegadas, à queima-roupa, e resiste a quase todos os fragmentos de granada a um metro de distância, bem como aos fragmentos de obuses e morteiros a três metros.

Serão enviados mil e quatrocentos desses blusões ao "front" da Coreia, a fim de serem experimentados no campo de batalha. (Da *Imprensa*).

Avião atômico

O avião atômico é agora uma arma nova, que tem prioridade absoluta no Departamento de Defesa e na Comissão de Energia Atômica. Por isso, após ter assinado contrato com a "General Electric", para a construção de um reator atômico, a Comissão de Energia Atômica, que desejaria ver esse aparelho pronto nos próximos 24 meses, acaba de assinar novo contrato com a "Pratt-Whitney", para estudo e produção dos elementos do motor. Acreditamos saber que os trabalhos da "General Electric" já estão muito avançados e que o reator estaria quase pronto. A firma "Pratt-Whitney" trabalharia agora em um transformador, que se adaptará ao reator e em turbina, que se adaptará, de seu lado, sobre o transformador. (Da *Imprensa*).

ATOS OFICIAIS

**Leis, Decretos e Avisos de interesse geral do Ministério da Guerra,
publicados no mês de fevereiro de 1952**

PASSAGENS

**AVISO N. 78, EM 31 DE JANEIRO
DE 1952**

1. Em aditamento ao Aviso número 63, de 24 de janeiro de 1952, declaro que a parcela de Cr\$. . . 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) mandada distribuir à S.G.M.G. à conta da Verba 3 — Serviços e Encargos — Consignação — Serviços de Terceiros, S/c. 01 — Acondicionamento etc.; 01 — Gabinete do Ministro — 04 — C. O. M. G. deve ser considerada distribuída ao Estabelecimento Central de Transportes do Exército e não àquela Secretaria; e como as demais quantias de que trata o citado Aviso, distribuídas por intermédio dos respectivos Estabelecimentos de Finanças, cabendo ao Estabelecimento Central de Transporte o empenho e liquidação das despesas.

2. As unidades com delegação para requisitarem passagens deverão remeter diretamente aos Q.G.R. uma via da requisição, logo que seja atendida, fazendo constar da mesma todos os elementos indispensáveis à fiscalização da conta a ser apresentada.

3. As companhias interessadas apresentarão as contas de cada Região Militar, aos respectivos Quartéis-Generais, que processarão a liquidação da despesa e as encaminharão imediatamente ao Estabelecimento de Finanças Pagador.

4. No território da 1ª Região Militar os entendimentos e providências das unidades serão fei-

tos diretamente com a S.G.M.G. e E.C.T.E., observadas as disposições do Decreto n. 10.204, de 10 de agosto de 1942 no que se refere às unidades sediadas na Capital Federal. — General Newton Estillac Leal.

("Diário Oficial" de 1-II-52.)

* *

PROMOÇÕES

**DECRETOS DE 23 DE JANEIRO
DE 1952**

Na Arma de Infantaria, por merecimento:

A Tenente-Coronel, os Majores Salvador Baptista do Rêgo, Antonio Homem de Almeida "T", Aurelio Valporto de Sá Filho, Carlos Alves de Souza Ferreira "T", Moziul Moreira Lima, Renato Augusto de Castro Muniz de Aragão, José Lopes de Lima, Creso Moutinho da Costa, Aercio Rebouças, Davino Ribeiro de Senna Filho, Osny Caldeira, Garry Martins de Lima;

A Major, os Capitães Arnobio Pinto de Mendonça, Hilmor Canaguçu Taulois de Mesquita "T", Rui Alencar Nogueira, Clovis Ferreira de Souza "T", Gentil Marccondes Filho, Henrique Cesar Cardoso "T", Emilio Augusto Guimarães Tinoco, Aristóteles Castello da Costa "T", Amadeu Martyre, Hesio de Mello e Alvim "T", Ernani Ayrosa da Silva, Antônio Adeodato Mont'Alverne "T", Renato Ribeiro de Moraes, Loubec Victor Paulino "T", Helio Porto-

carrero de Castro "T", Jaldyr Bheering Faustino da Silva, José Luiz de Lyra e Oliveira "T", Waldemar Bittencourt, Pedro Américo de Araújo Júnior, Aurelio Pitanga Seixas, Ivan da Silva Wolf "T", Milton Luiz Kluge, Victor Moreira Maia, Evandro Moreira de Souza Lima, José Costa Cavalcante, Thorio Benedito de Souza Lima, Tercio Veras, Elton Carvalho, Hugo de Sá Campello Filho, Heitor Furtado Arnizaut de Mattos, Flavio Martins Meirelles, Meton Borges Gadelha.

Na Arma de Artilharia, por merecimento:

A Coronel, os Tenentes-Coronéis Custódio de Oliveira, Ramiro Goretta Júnior e Orlando Geisel;

A Tenente-Coronel, os Majores Moacyr Silveira Lopes, Gustavo Francisco Richard, Carlos Pacheco de Ávila, Heitor Dulce Lyra, Oswaldo de Mello Loureiro e José Campos Aragão.

("Diário Oficial" de 2-II-1952.)

DECRETOS DE 25 DE JANEIRO DE 1952

Na Arma de Infantaria, por merecimento:

A Coronel, os Tenentes-Coronéis Raphael de Souza Aguiar, Mário Ferreira, Barbosa Pinto, Osmar Soares Dutra, Moysés Castello Branco Filho "T" e Cyseno Sarmiento.

Na Arma de Artilharia, por merecimento:

A Major, os Capitães Osny Vasconcellos, João Barbosa Paula Pessoa Mendes, "T", Mario de Souza Pinto, Paulo Ferraz de Andrade, "T", Luiz Carlos Abbot de Castro Pinto, Otávio Alves Velho, Alzir Benjamin Chaloub, Icaro Garcia, "T", Ferdinando de Carvalho, Jorge Eneas Machado Fortes, Sérgio de Ary Pires, Walter dos Santos Meyer, e Elisiário Paiva.

Na Arma de Cavalaria, por merecimento:

A Coronel, os Tenentes-Coronéis Cesar Bacchi de Araújo e Mauro Moutinho da Costa.

Na Arma de Cavalaria, por merecimento:

A Tenente-Coronel, os Majores Antonio Junqueira Pereira e Miguel Colomino.

Na Arma de Cavalaria, por merecimento:

A Major, o Major Graduado Ney Futuro Rocha e os Capitães João Baptista de Paiva Neiva, "T", Jacyr Simonin Gaertner, João Lopes de Albuquerque Gandin, Hudson Soares de Souza, Hermann Santiago Costa, Carlos Evaristo dos Reis Marques da Costa.

Na Arma de Engenharia, por merecimento:

A Coronel, os Tenentes-Coronéis Gustavo de Faria, "T", Felipe Henrique Carpenter Ferreira, Mirabeau Pontes, "T" e Hugo de Castro.

Na Arma de Engenharia, por merecimento:

A Tenente-Coronel, o Coronel Graduado Luiz de Paula Pessoa, "T", Eduardo Domingues de Oliveira e Venitius Nazareth Notare.

Na Arma de Engenharia, por merecimento:

A Major, o Major Graduado Helio Macedo Franco e os Capitães virgílio Nogueira Paes, Ivo Gomes da Costa, Brasília Marques dos Santos Sobrinho, Norton da Costa Chaves, Paulo Garicochea Mata, Wilson de Souza Pinto, Pedro Manoel de Castro Schneider.

No Serviço de Intendência do Exército, por merecimento:

A Coronel, o Tenente-Coronel Salvador Carrossini.

No Serviço de Intendência do Exército, por merecimento:

A Tenente-Coronel, o Major Amaro Guilherme de Barros Azevedo.

No Serviço de Intendência do Exército, por merecimento:

A Major, os Capitães Aníbal Rei Novais e Eduardo Areco.

No Serviço de Saúde do Exército, por merecimento:

A Major, o Major Graduado Médico Doutor Breno Duarte da Cunha.

No Serviço de Veterinária do Exército, por merecimento:

A Coronel, o Coronel Graduado Eduardo de Pontes.

No Serviço de Veterinária do Exército, por merecimento.

A Tenente-Coronel, o Major Edward de Lima Prado.

No Serviço de Veterinária do Exército, por merecimento.

A Major, o Major Graduado Ruyter Demaria Boiteux, e o Capitão Antônio Gonçalves da Silva Correia.

Na Arma de Infantaria, por antiguidade:

A Coronel, os Tenentes-Coronéis Flodoardo Gonçalves Maia (AG-B), Jerônimo Ferreira Romariz Rodrigues e Cícero Saldanha Sicca.

Na Arma de Infantaria, por antiguidade:

A Tenente-Coronel, os Majores Armando Tôrres Pereira, Alfredo Soares de Camargo, Ari Mota de Azevedo, Antero Coutinho de Azevedo (B), Luís Geolás de Moura Carvalho, Olavo Amaro da Silveira (AG-B), Antônio Carlos Mourão Ratton (B), Renato Ferraz da Cunha e Raimundo Almir Mendes Mourão.

Na Arma de Infantaria, por antiguidade:

A Major, os Capitães Moacir Maria de Monteiro e Andrade, José Barreto de Oliveira, Raimundo Acreano Gomes, Estevildo Antunes dos Santos, Cirano Watson Coutinho Marques, Cesar Araújo Costa (B), Elcino Lopes Bragança (Ag.), Manuel Inácio de Sousa Júnior, Nelson Leitão, Demosthenes Ribeiro dos Santos, Paulo Braga da Rocha Lima, Anibal Gurgel do Amaral, Artur Teixeira de Carvalho, Giordano Rodrigues Mochel, Alberto Jorge Farah, Walter Fernandes de Almeida, Américo

Batista de Moraes, Argemiro Pinheiro Teixeira, Hélio Covas Pereira, Erix Mota, Antônio Duarte Miranda, Alfredo dos Reis Príncipe Júnior e Salvador Gonçalves Mandim.

Na Arma de Infantaria, ao posto de Major, com antiguidade de 25 de dezembro de 1951, em ressarcimento de preterição, o Capitão Carlindo Rodrigues Simão.

Na Arma de Artilharia, por antiguidade:

A Coronel, o Coronel Graduado Evaristo Rodrigues Teixeira e o Tenente-Coronel Antônio Virgílio de Carvalho.

Na Arma de Artilharia, por antiguidade:

A Tenente-Coronel, os Majores Voltair Londero Schilling, Nelson Serra do Vale Pereira, Américo Ferreira da Silva e Osmar Mendes Paixão Côrtes.

Na Arma de Artilharia, ao posto de Major, com antiguidade de 25 de dezembro de 1951, em ressarcimento de preterição, o Major Graduado Raimundo Nonato Brandão Rangel.

Na Arma de Artilharia, por antiguidade:

A Major, os Capitães Aroldo Cavalcanti Soares dos Santos, Danilo Klaes, Carlos Ardovino Barbosa, Jair de Moura e Albuquerque, Camilo Comoreto Gall, Elbe Santos de Lemos, José Araken Rodrigues, João José Brandão Silqueira e Manuel Sales Pontes.

Na Arma de Cavalaria, por antiguidade:

Ao posto de Coronel, o Coronel Graduado Olavo de Figueiredo Souto.

Na Arma de Cavalaria, por antiguidade:

Ao posto de Tenente-Coronel, os Majores Sérgio Cramer Ribeiro e Orlando de Matos.

Na Arma de Cavalaria, por antiguidade:

Ao posto de Major, os Capitães Rui Codevilla Rocha, Renato Pei-

xoto de Abreu, Rubem Menezes Padilha, Othero Valli, Edgar Salis Brasil, Luciano Veras Saldanha (Ag.) e Carlos Frederico Teófilo Pinheiro.

Na Arma de Engenharia, por antiguidade:

A Coronel, o Coronel Graduado Aristeu de Assis (T-A) e os Tenentes-Coronéis Djalmar Mons Tufferson (A) e Valdemar Pereira Lima (A).

Na Arma de Engenharia, por antiguidade:

A Tenente-Coronel, os Majores Clóvis Rosas Pinto Pessoa e Francisco Pinheiro Barroso.

Na Arma de Engenharia, por antiguidade:

A Major, os Capitães do Quadro "T" Roberto D'Oliveira, Geraldo Magella Pires de Melo (Ag.), Paulo Nunes Leal, Olavo Lauro Cronau, Newton Ciro Braga, Válder Cerqueira Martins e Adavio Sabino de Oliveira.

No Serviço de Saúde do Exército, por antiguidade:

A Tenente-Coronel, o Tenente-Coronel Graduado Farmacêutico, Ismael Ribeiro da Silveira Pinto.

No Serviço de Saúde do Exército, por antiguidade:

A Major, o Capitão Médico, Doutor Aluísio Pinho e Castro.

No Quadro do Serviço de Saúde do Exército:

Ao posto de Capitão, os 1^{os} Tenentes Médicos, Drs. Doralvo Bastos Canto, Ademar Ferlini Spordeder, Guilhardo Martins Alves, Nelson Antonio Guimarães e José Ciriaco do Nascimento;

Ao posto de Capitão, com antiguidade de 25 de dezembro de 1950, em ressarcimento de preterição, o 1^o Tenente Dentista, Joaquim Hanequim Dantas.

No Serviço de Saúde do Exército, por antiguidade:

A 1^o Tenente, os 2^{os} Tenentes Dentistas: João Mozart da Cunha, Dalton Monteiro Bahiense, José Machado Filho, Wanser Pereira

Chaves, Eyder Simoneti, Altivo Guimarães Knust, Ricardo da Rocha Vargas, Octávio Ambrósio Pereira, Laudelino de Oliveira Pereira, João Antonio de Oliveira, Almir Wirth Lima, Luiz Braga, Solon Alvares Corrêa, Hermenegildo Pecado da Silva, José Fernandes, Diego Valentim Palma, Feliciano Pinto Godoy e José de Lima Guimarães;

A Tenente-Coronel, o Major José Carneiro Duarte.

No Quadro do Serviço de Intendência do Exército:

Ao posto de Capitão, os 1^{os} Tenentes Edmundo Vieira Calhau, George Tenorio de Noronha, Arydalton José Chavantes, Antonio dos Santos, Armando Coelho da Rocha Filho, Roger Nelson Steiger, Marcilio Gomes, Geraldo de Jesus Costa, Luiz Almeida, Fernando Teixeira Mendes, Oswaldo Corrêa de Andrade Melo, Jessé Torres Pereira e Theobaldo Lourenço Brauner.

No Serviço de Veterinária do Exército, por antiguidade:

A Tenente-Coronel, o Tenente-Coronel Graduado Galileu Saldanha de Menezes;

A Major, os Capitães Oswaldo Soares de Albuquerque e Jacyr da Motta Guimarães.

No Quadro de Serviço de Veterinária:

Ao posto de Capitão, o Capitão Graduado Topázio Baroni, e os 1^{os} Tenentes Elvas Nunes Carneiro, Orlando da Silva Mendes, Jorge da Silva Maciel, Vital Alves Filho, José Candido Maes Borba, Faustino José Alves Júnior, Irineu Adão Bender e Raymundo Souchois Rolemberg.

("Diário Oficial" de 3-II-52.)

• •

**CURSOS DE GUERRA QUÍMICA,
FOTO-INFORMAÇÃO E DE CLAS-
SIFICAÇÃO DE PESSOAL**

**AVISO N. 84, EM 31 DE JANEIRO
DE 1952**

De acordo com o que propõe o Estado-Maior do Exército, sejam

excluídos do grupo de cursos de especialização acessórios, a que se refere o Aviso n. 854, de 4 de outubro de 1951, os Cursos de Guerra Química, Foto-Informação e de Classificação de Pessoal, até que a nova Lei de Ensino, em Estudos, os situe convenientemente.

2. Passam, assim a ser considerados de extensão os referidos Cursos, não se aplicando aos possuidores dos mesmos o disposto na letra b) do citado Aviso.

3. Fica, dêsse modo, alterado o Aviso n. 654, de 4 de outubro de 1951. — Gen. *Newton Estillac Leal*.

* *

C.R.A.S. DE MANUTENÇÃO

AVISO N. 85, EM 31 DE JANEIRO DE 1952

De acôrdo com o parecer do Estado-Maior do Exército e considerando que o C.R.A.S. de Manutenção é equiparado ao Curso de Mecânico da Escola de Motomecanização, pôsto que ambos formam elementos de 3ª Escalão de claro que o C.R.A.S. de Manutenção deve ser considerado incluído entre os cursos da letra b) do Aviso número 585, de 31 de agosto de 1951 e não mais na letra A do mesmo Aviso — Gen. *Newton Estillac Leal*.

("Diário Oficial" de 4-II-1952.)

* *

FUNÇÕES PRIVATIVAS DO Q.E.M.A.

AVISO N. 87, EM 1 DE FEVEREIRO DE 1952

Em aditamento ao Aviso n. 652, de 4 de outubro de 1951 e tendo em vista o disposto no Decreto número 30.119, de 1 de novembro de 1951, ao dar interpretação ao artigo 116 do C.V.V.M. declaro, aprovando o parecer do E.M.E., que aquele Aviso passa a ter nova redação:

As funções privativas do Q.E.M.A. constituem especialidades na con-

ceituação do art. 118 do C.V.V.M. e artigo 420 do R.I.S.G. e as substituições devem ser feitas:

Primeiro:

Entre oficiais do Q.E.M.A. dentro da Secção ou divisão;

Segundo:

Entre oficiais do Q.E.M.A. dentro da repartição, na falta de oficiais dêsse Quadro, na Secção ou Divisão;

Terceiro:

Entre oficiais dentro da Repartição, possuidores do Curso da Escola de Estado-Maior, no caso de não haver oficial do Q.E.M.A. na Repartição;

Quarto:

Finalmente, o oficial sem o Curso da Escola de Estado-Maior, não pode assumir o cargo privativo do Q.E.M.A.; responderá pela função.

General de Divisão. — Gen. *Newton Estillac Leal*, Ministro da Guerra.

Dia 31 de janeiro de 1952.

("Diário Oficial" de 5-II-1952.)

* *

DURAÇÃO DE PEÇAS DE ROUPA DE CAMA

AVISO N. 99, EM 6 DE FEVEREIRO DE 1952

Em solução à consulta feita pelo Chefe do E.M.I./2ª R.M., sobre tempo de duração de peças de roupa de cama, determino que:

As colchas, lençóis e fronhas adquiridas pelas Unidades ou fornecidas pelos E.M.I., a título gratuito, sejam consideradas de tempo de duração indeterminado, tendo em vista não somente a facilidade de contrôlle da carga e descarga pela Unidade, como também, em muitos casos a maior duração das referidas peças. — Gen. Div. *Newton Estillac Leal*.

("Diário Oficial" de 9-II-1952.)

DESLIGAMENTO E EMBARQUE DE MILITARES MOVIMENTADOS

AVISO N. 107, EM 7 DE FEVEREIRO DE 1952

1. A fim de regularizar os efeitos das diversas organizações militares do Exército, no que se refere ao desligamento e embarque de militares movimentados e, ainda, atendendo ao que estabelecem o Aviso n. 369, de 30 de maio de 1951 e a Nota n. 10-Circular, de 25 de janeiro do corrente ano, determino a mais rigorosa observância do disposto nos § 4º (1ª parte) do art. 66 do R. 3 e § 1º do art. 340,

do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares.

2. As Diretorias do Pessoal, dos Serviços de Saúde, Remonta e Veterinária e Intendência, enviarão semanalmente a este Gabinete e aos Estabelecimentos de Finanças da Região onde se achar servindo o oficial ou praça, uma relação dos movimentados, indicando a data da movimentação, o destino e a data do desligamento — Lei de Movimento de Quadros — art. 21, parágrafo único. No caso de haver sido este suspenso indicar-se-ão por ordem de qual autoridade e o motivo. — Gen. Newton Estillac Leal.

Livros à venda nesta Redação

	Cr\$
As Repúblicas Hispano Sulamericanas — Cap. Ayrton S. de Freitas.....	20.00
Artilharia de Dorso — Cap. Otávio Alves Velho..	15.00
Algumas Cousas da Rússia — Cel. J. B. Magalhães	12.00
Aspecto Geográfico — Gen. Mario Travassos.....	6.00
As Transmissões no Reg. Sampaio — Cap. M. F. Castelo Branco.....	15.00

Pedidos pelo Reembolso Postal ou remessa de Vale Postal para a Gerência de "A Defesa Nacional", Caixa n. 17, Agência do Correio do Ministério da Guerra, Rio de Janeiro

OFICINA MECÂNICA BRASILEIRA

Fabricante do Reparo para Metralhadora "Madsen" 1935

MARIO FABRI

Encarrega-se de serviços de mecânica em geral

Serviços de Tornos — Serviços de Freza — Serviços de Plaina

Soldas elétricas e a Oxigênio — Serralheiro — Estamparia

Fabricação própria de fogareiro de um queimador a gasolina, tipo militar

Fabricante da palha de aço "Cruz de Malta"

ORÇAMENTOS GRÁTIS**RUA TENENTE ABEL CUNHA, 149-A-B E C****SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS TÉCNICOS LTDA.**REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL DA
DEW KREFELD-ALEMANHA

FABRICANTES DOS AFAMADOS "AÇOS MARATHON"

Rua Teófilo Otoni, 15 — 8º Andar — Sala 805 — Rio de Janeiro — Brasil

Endereço Telegráfico "URANOGRAM" — Caixa Postal, 5355 — Telefone, 23-3972

RELOJOARIA S. PAULO**COMPLETO SORTIMENTO DE RELÓGIOS, JOIAS E BIJOUTERIAS****SECÇÃO DE FORNITURAS****CAETÉS, 525 — FONE: 4-3144 — BELO HORIZONTE**

COLABORAM NESTE NÚMERO :

Professor Amaral Fontoura.
Engenheiro Flavio Vieira.
Padre J. Busato.
Gen. Felício Lima.
Gen. Oscar Gestido.
Cel. A. Fialho.
Cel. João Punaro Bley.
Ten.-Cel. Paulo Enéas F. Silva.
Major Alvaro Cardoso.
Major Cesar Neves.
Major Floriano Möller.
Major Luiz Felipe da Silva Wiedmann.
Major Gerardo Lemos do Amaral.
Major Samuel Corrêa.
Major Waldir Lima.
Cap. Luiz Alberto de Freitas.
Cap. Luiz Victor d'Arinos.
Cap. Salil Izajferber



EX-LIBRIS

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos publicados nesta Revista, desde que seja citada a fonte.

Cr\$ 10,00

S. G. M. G.
IMPRENSA MILITAR